



REVISTA DOCTRINA MILITAR TERRESTRE

ISSN 2317-6350

Publicação do Exército Brasileiro | Ano 012 | Edição nº 040 | Outubro a Dezembro de 2024



CORE 2024



www.coter.eb.mil.br



www.cdoutex.eb.mil.br



[coter_exercito](https://www.instagram.com/coter_exercito)

COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES

General de Exército André Luis **Novaes** Miranda

CHEFE DO CENTRO DE DOCTRINA DO EXÉRCITO

General de Brigada **Fabiano** Lima de Carvalho

CONSELHO EDITORIAL

General de Brigada **Fabiano** Lima de Carvalho

Coronel Luis Felipe Moraes **Daltro** Campos

Coronel R1 Ricardo Yoshiyuki **Omaki**

EDITOR-CHEFE

Coronel R1 Ricardo Yoshiyuki **Omaki**

EDITOR-ADJUNTO

Capitão R1 Carlos **Kleber** Vieira Araujo

SUPERVISOR DE PRODUÇÃO

1º Sargento **Alexandre** André Lussani

REDAÇÃO E REVISÃO

Capitão R1 Carlos **Kleber** Vieira Araujo

1º Tenente **Brunna** Guedes Marques de **Lima**

1º Tenente Patrícia Fátima Soares **Fernandes**

1º Tenente **Daniella** Sigoli Pereira

2º Tenente **Paula** Cristina Galdino **Guimarães**

PROJETO GRÁFICO

1º Sargento **Alexandre** André Lussani

Soldado **Jackson** Ribeiro da **Silva**

Soldado Israel Santos de Souza **Farias**

DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL

Soldado **Jackson** Ribeiro da **Silva**

Soldado Israel Santos de Souza **Farias**

IMPRESSÃO GRÁFICA

Gráfica do Exército

Alameda Marechal Rondon s/nº - Setor de Garagens

Quartel-General do Exército

Setor Militar Urbano

CEP 70630-901 - Brasília/DF

Fone: (61) 3415-5815

RITEX: 860-5815

www.graficadoexercito.eb.mil.br

divcmcl@graficadoexercito.eb.mil.br

TIRAGEM

200 exemplares

DISTRIBUIÇÃO

Gráfica do Exército

VERSÃO ELETRÔNICA

Portal de Doutrina do Exército: www.cdoutex.eb.mil.br

Biblioteca Digital do Exército: www.bdex.eb.mil.br

CENTRO DE DOCTRINA DO EXÉRCITO

Quartel-General do Exército – Bloco H – 3º Andar

Setor Militar Urbano

CEP 70630-901

Brasília – DF

Fone: (61) 3415-6967/5712

RITEX: 860-6967/5712

www.cdoutex.eb.mil.br

Envie sua proposta de artigo para
revistadmt@coter.eb.mil.br

Ano 12, Edição 40, 4º trimestre de 2024.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

General de Exército **Novaes**

03

COMBINED OPERATIONS AND ROTATIONS EXERCISES (CORE): COMBINANDO DIPLOMACIA MILITAR TERRESTRE E INTEROPERABILIDADE

Coronel Sérgio Matos

05

LEADER TRAINING PROGRAM (LTP): TREINAMENTO DE ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS

Major Brum

18

AÇÕES DA COMPANHIA PIONEIRA NA OPERAÇÃO CORE 24 – EXPERIÊNCIAS E ENSINAMENTOS

Capitão Stallaiken

26

UM PELOTÃO DE FUZILEIROS NA OPERAÇÃO CORE 24

1º Tenente Maddêo

34

PLANEJAMENTO DE FOGOS NA OPERAÇÃO CORE 24: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS DOCTRINAS BRASILEIRA E ESTADUNIDENSE

Capitão Costa, Capitão Ayres e 1º Tenente Petrício

45

PLANEJAMENTO E EMPREGO DO DESTACAMENTO DE OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NA OPERAÇÃO CORE 24

Capitão Állan Benilson

50

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA OPERAÇÃO CORE 24

2º Sargento Samira

56

A PARTICIPAÇÃO DO CENTRO DE DOCTRINA DO EXÉRCITO NA CORE 24: CONTRIBUIÇÕES PARA A EVOLUÇÃO DA DOCTRINA MILITAR TERRESTRE

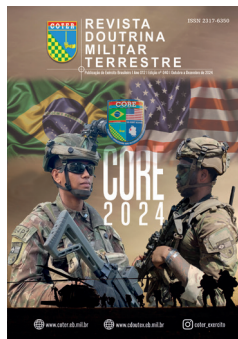
Tenente-Coronel Benzi

62

OPERAÇÃO CORE: JANELA DE OPORTUNIDADE PARA O FORTALECIMENTO DA FORÇA TERRESTRE

Major Shoji

71



Compilação de imagens da capa produzida pelos integrantes da Revista DMT¹.

¹Montagem a partir de imagens enviadas pelos autores e coletadas nos sites: www.flickr.com.

“As ideias e conceitos contidos nos artigos publicados nesta revista refletem as opiniões de seus autores e não a concordância ou a posição oficial do Exército Brasileiro. Essa liberdade concedida aos autores permite que sejam apresentadas perspectivas novas e, por vezes, controversas, com o objetivo de estimular o debate de ideias.”

APRESENTAÇÃO



General de Exército
André Luis Novaes Miranda
Comandante de Operações Terrestres

Caro leitor

A Operação (Op) CORE 24, parte da série de exercícios combinados entre o Exército Brasileiro (EB) e o Exército dos Estados Unidos da América (EEUA), simboliza um marco no processo de modernização e integração das forças terrestres de ambas as nações.

Por essa razão, a 40ª edição da Revista Doutrina Militar Terrestre (DMT) é dedicada a tratar exclusivamente deste tema.

Ocorrida no âmbito de um plano de cooperação entre os dois Exércitos, a CORE reflete o estreitamento das relações bilaterais e do compromisso com o preparo de tropas para enfrentar os desafios militares no cenário global contemporâneo.

A edição 2024 do exercício ocorreu nos Estados Unidos e envolveu uma Subunidade do Comando Militar do Norte, que integra o Sistema de Prontidão (SISPRON) da Força Terrestre. Esta atividade marcou a conclusão de um ciclo iniciado com a preparação intensiva de quase dois anos e foi precedida pela Op CORE 23, realizada em solo brasileiro com a presença de tropas do EEUA.

Os ganhos obtidos nesta CORE e em edições anteriores são evidentes, como o aprimoramento dos Exercícios Táticos com Tiro Real (ETTR). A utilização da abordagem do "tiro real" junto com a simulação tática é uma inovação importante, pois permite a rápida adaptação das tropas a diferentes cenários de combate e a validação de Táticas, Técnicas e Procedimentos. A avaliação do peso dos equipamentos dos soldados, o controle do consumo de munição em combate, assim como a necessidade de coordenação e segurança na execução dos fogos, são outros ensinamentos obtidos da conjugação do tiro real com a manobra.

Outro aspecto que mereceu destaque foi o alto desempenho da tropa brasileira no *Joint Readiness Training Center* (JRTC), em Fort Johnson, um dos mais renomados centros de treinamento do mundo. Tal feito atestou a excelência do Sistema de Preparo da Força Terrestre (SISPREPARO). A capacidade do soldado brasileiro de operar em um ambiente de alta complexidade e enfrentar, no exercício, uma Força Oponente experiente reflete não apenas a qualidade do treinamento, mas também a adequação às modernas exigências do campo de batalha. A atuação brasileira no JRTC foi marcada pela demonstração de liderança e resiliência, essenciais para o sucesso da missão. A adaptação ao terreno e às condições climáticas adversas, a habilidade em operar com os militares

norte-americanos, bem como a capacidade dos comandantes de todos os níveis em tomar decisões rápidas e inovadoras sob pressão, foram aspectos elogiados pelos observadores do Exército anfitrião.

O acompanhamento do exercício por Oficiais do COTER focou na coleta de dados no campo, permitindo a geração de lições aprendidas e melhores práticas, além da resposta a diversos Elementos Essenciais de Interesse da Doutrina. Tais subsídios alimentaram o SIDOMT para, através da análise crítica e posterior difusão dos conhecimentos produzidos, promover a contínua evolução da DMT.

A presente edição da Revista DMT descortina ao leitor uma análise dos exercícios CORE sob a ótica da diplomacia militar e da interoperabilidade entre o Brasil e os Estados Unidos. Além disso, apresenta os aspectos mais relevantes do programa de treinamento voltado para os Estados-Maiores do EEUA, destacando a participação de Oficiais brasileiros.

Em um segundo momento, a Revista traz artigos selecionados de militares brasileiros que participaram da Op CORE 24: as experiências vividas e os ensinamentos colhidos pelo Comandante da Companhia de Fuzileiros adestrada no exercício; as ações de um Pelotão de Fuzileiros obtidas no terreno, com as reflexões e constatações de seu Comandante; as semelhanças e diferenças doutrinárias entre os dois países, quanto às atuações de seus Oficiais de Ligação de Artilharia e do Observador Avançado da Subunidade; um comparativo sobre o planejamento e o emprego das Operações Psicológicas no nível Bda pelo EB e pelo EEUA; e a participação feminina em atividades operacionais, no momento em que o EB abre oportunidades para que mulheres prestem o serviço militar como soldados.

Encerrando esta edição, são apresentados a participação do Centro de Doutrina do Exército na Op CORE e como esta série de exercícios pode gerar oportunidades para a evolução da DMT.

Enfim, este número da Revista, além de consolidar a visão, sob vários ângulos, da participação do EB na CORE, permite ao COTER adotar uma série de aperfeiçoamentos nas próximas edições do exercício, sendo os principais subir um escalão, tendo o foco a partir da CORE 25, no "Batalhão CORE", e não mais na "Companhia CORE", e a realização de uma operação especial concomitante às ações convencionais. Estas duas inovações permitirão que todas as funções de combate estejam presentes efetivamente, a comando da 10ª Brigada de Infantaria Motorizada e sob a direção e a integração de uma FTC nível divisão de exército (no caso, a 7ª DE).

Como visto nos vários artigos, a CORE é o melhor catalisador disponível no ano de instrução para o SIMEB, SISPREPARO, SISPRON e SIDOMT, por meio da simulação de uma situação de guerra moderna, com todos os níveis de letalidade, todas as funções de combate, todos os níveis táticos de emprego e em um ambiente combinado, conjunto combinado e interagências.

Aproveito esta oportunidade para manifestar o reconhecimento do COTER aos autores desta edição e lanço o desafio para que outros estudiosos da Doutrina compartilhem seus conhecimentos e reflexões com os nossos leitores.

A todos, desejo uma boa leitura.

A Vitória Terrestre Começa Aqui!

2024



FONTE: TC BENZI - COTER





CORONEL SÉRGIO MATOS
Oficial de Ligação do Exército
Brasileiro no Exército Sul dos EUA.

COMBINED OPERATIONS AND ROTATIONS EXERCISES (CORE): COMBINANDO DIPLOMACIA MILITAR TERRESTRE E INTEROPERABILIDADE

Os exercícios combinados entre o Exército Brasileiro (EB) e o dos Estados Unidos da América (EEUA) receberam, no Brasil, a denominação de CORE, na sigla em inglês para Operações Combinadas e Exercícios de Rotação.

As edições dos Exercícios CORE tiveram como evento indutor o Exercício *Culminating*, realizado nos Estados Unidos, no ano de 2021, solidificando, como o nome sugere, iniciativas de diplomacia militar visando a incrementar a interoperabilidade.

Os Exercícios CORE priorizam a participação das tropas brasileiras oriundas das Forças de Prontidão (FORPRON) em duas situações em que os militares do país visitante são enquadrados em unidades do Exército anfitrião:

- tropas brasileiras enquadradas em uma Unidade (U), Grande Unidade (GU) ou Grande Comando do Exército dos EEUA, em exercícios de adestramento nos EUA (conhecidos pelos norte-americanos como *JRTC Rotation*)¹; e

- tropas do Exército dos EEUA enquadradas em U, GU ou Grande Comando do EB, no caso de exercícios de adestramento no Brasil (conhecidos pelos norte-americanos como *Southern Vanguard (SV) Exercises*)².

Nessa senda, o presente artigo tem por finalidade analisar as edições dos Exercícios CORE a partir das categorias Diplomacia Militar Terrestre e Interoperabilidade, ressaltando a observação de militares que participaram como avaliadores da tropa em sua última edição, o Exercício *CORE 24 – JRTC 24/10 Rotation*.

A CONSTRUÇÃO DOS EXERCÍCIOS CORE COMO DIPLOMACIA MILITAR TERRESTRE

A diplomacia no campo da Defesa, segundo Cottey e Foster (2024), envolve a utilização cooperativa, em tempo de paz, das Forças Armadas e de suas infraestruturas como instrumento de política externa e de segurança, englobando uma vasta gama de atividades que, no passado, eram descritas como cooperação militar ou assistência militar, tais como: encontro de autoridades militares; acordos bilaterais de cooperação; treinamento de militares e civis; intercâmbio de especialistas; posicionamento de oficiais de ligação e de intercâmbio; venda e provisão de material de emprego militar; articulação de equipes de treinamento no exterior; e exercícios militares bilaterais e multilaterais.

Nesse contexto, impende destacar a abordagem de Sachar (2004), que esclarece que a diplomacia militar tem sido um dos constituintes essenciais da diplomacia internacional e uma metodologia efetiva para as relações bilaterais e regionais.

Na mesma linha, Landim (2014) ao analisar a diplomacia militar em suas principais perspectivas, sinaliza que algumas das principais entregas das interações militares internacionais são:

- a modernização e a transformação das Forças Armadas, o que abarca a capacidade de treinamento de pessoal estrangeiro e ampliação da confiança mútua, em uma visão construtivista; e

- o fortalecimento da segurança internacional a partir da percepção dissuasória resultante da cooperação militar entre Estados, em uma abordagem realista.

Por seu turno, o EB, ao estabelecer o seu Plano de Atividades na Área Internacional, conceitua a Diplomacia Militar Terrestre como conjunto de atividades realizadas pelo EB, que visam cooperar com os Objetivos Nacionais de Defesa e com os Objetivos Estratégicos do Exército relacionados à atuação internacional da Força Terrestre (BRASIL, 2022).

Na busca da obtenção de conhecimentos aplicáveis à transformação do nosso Exército, em particular nas áreas de doutrina, adestramento, ciência e tecnologia, desenvolvimento de materiais de emprego militar, esse Plano enfoca, como uma de suas

¹Joint Readiness Training Center (JRTC), fica localizado no Forte Johnson (antigo Forte Polk), em Leesville/LA.

²O primeiro exercício *Southern Vanguard 21* ocorreu no ano fiscal de 2021, no Chile, com a participação de unidades da 10ª Divisão de Montanha do Exército dos EUA e da 3ª Divisão de Montanha do Exército chileno. Brasil, Chile, Colômbia e Peru são os países previstos para SV com os Estados Unidos, de forma bilateral.

prioridades, a intensificação de parcerias estratégicas com Exércitos de Nações Amigas dotados de capacidades militares terrestres mais desenvolvidas, tais como as dos EUA.

Desdobrando o conceito, o Manual de Fundamentos *Conceito Operacional do Exército Brasileiro* (BRASIL, 2023), elucida a importância da articulação da Diplomacia Militar Terrestre no âmbito da Diplomacia de Defesa e da Política Externa, evidenciando, inclusive, o significado da realização de operações e adestramentos combinados para influência indireta da Diplomacia Militar Terrestre no seu entorno estratégico.

Por sua vez, Warman (2022) cita que o Exercício CORE/SV é um passo grandioso para alcançar a dissuasão integrada dos EUA, conceito chave de sua Estratégia Nacional de Defesa³:

“O exercício proporcionou oportunidades para melhorar a interoperabilidade a nível tático com significado operacional e estratégico. Além disso, representou uma demonstração de **dissuasão integrada** contra ameaças comuns no Hemisfério Ocidental, com um custo relativamente baixo e um impacto elevado (WARMAN, 2022, p. 10, tradução e grifos nossos)”.

Destarte, compreende-se que o Exercício CORE é, portanto, um relevante marco de Diplomacia Militar Terrestre entre o Brasil e os EUA, e que colabora com a Diplomacia de Defesa. Seu constructo demandou várias atividades de diplomacia militar terrestre⁴.

Em 2013, durante a XXIX Conferência Bilateral de Estado-Maior (CBEM) entre o EB e o Exército Sul dos EUA, foi idealizado o “Plano de 5 anos”, que culminaria em um exercício combinado. O Plano de 5 anos foi aprovado na XXXI CBEM, em 2015 (2015-2020).

Insta ressaltar que, ainda em 2015, a Presidente da República, por meio do Decreto Nº 8.609, de 18 de dezembro de 2015, promulgou o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo dos Estados Unidos da América sobre Cooperação em Matéria de Defesa, destacando, em um dos seus escopos, “a participação em **treinamento e instrução militar combinados, exercícios militares**

conjuntos e o intercâmbio de informações relacionado a esses temas” (BRASIL, 2015a, p. 243, grifos nossos). Esse Decreto corrobora a citada abordagem de Sachar (2004), ao convergir ações da diplomacia militar com a de Defesa e a do Estado, influenciando a diplomacia internacional e as relações bilaterais.

Em 2016, houve a Conferência Inicial de Planejamento (IPC, sigla em inglês) em San Antonio/Texas-EUA; uma reunião de planejamento em Brasília-DF; além da criação do Grupo de Trabalho Operação *Culminating*⁵, nome dado ao exercício que seria o ponto culminante dessa interação de Diplomacia Militar. Nestas reuniões multissetoriais, foram ratificadas a importância do treinamento dos líderes de fração e do aprendizado do idioma inglês em todos os níveis, assim como detalhes sobre transporte de tropa e do *Acquisition and Cross-Servicing Agreement* (ACSA), acordo que otimiza diversos gastos logísticos entre as tropas.

Em 2017, foram realizadas:

- reunião de planejamento em Brasília-DF, com o enfoque na logística (transporte de equipamentos, munição e ACSA) e nas lições doutrinárias aprendidas nas rotações do JRTC;

- visita ao JRTC, visando conhecer o planejamento, preparação e execução dos exercícios; e

- reunião de planejamento no JRTC, objetivando estimar custos e mensurar o valor da tropa a ser empregada.

Em agosto de 2018, o *United States Army Forces Command* (FORSCOM) aprovou a participação de uma companhia de fuzileiros (Cia Fuz) brasileira (reforçada) em uma rotação da *82nd Airborne Division* (82nd ABN DIV) americana no JRTC, para o ano fiscal de 2021. O propósito elencado no documento foi validar a capacidade de interoperabilidade da 82nd ABN DIV, bem como a prontidão da tropa brasileira⁶. Ainda em agosto daquele ano, foram definidos o valor da tropa e os efetivos dos militares de ligação e da equipe de Observadores e Controladores de Adestramento

³Warman faz de epígrafe uma postagem em rede social do Secretário de Defesa Lloyd Austin: “Neste momento, mais de 1.000 soldados do Exército dos EUA e do Brasil estão realizando, de forma combinada, o Exercício Southern Vanguard 22, o maior valor de tropa dos EUA a realizar treinamento com o Brasil desde a Segunda Guerra Mundial. Isso é dissuasão integrada” (WARMAN, 2022, p. 2, tradução e grifos nossos). Corrobora-se, assim, a abordagem realista da Diplomacia Militar citada por Landim (2014).

⁴Uma das funções de intercâmbio entre o EB e o EEUA que se considera importante para esse exercício combinado é a do Oficial de Ligação do EB junto ao Exército Sul dos Estados Unidos. Ele tem, como uma de suas atribuições, conforme memorando de entendimentos: fornecer assistência, ser empregado e atuar como coordenador do Exército Sul dos Estados Unidos para exercícios táticos conjuntos que incluem Forças Militares da Nação Amiga.

⁵Conforme Portaria Nº 78 – COTER, de 26 DEZ 2016: grupo de planejamento para conduzir a preparação do Exercício Combinado *Culminating* 2020, no qual o EB e o EEUA se comprometeram a executar um plano de ação de cinco anos, de 2017 a 2021. O exercício constaria de um batalhão de infantaria do EB, enquadrado em uma brigada do EEUA, a ser realizado no *Joint Readiness Training Center* (JRTC), Fort Polk - Louisiana, no segundo semestre de 2020. Além do batalhão, estava prevista, também, a participação de militares do EB no EM da brigada e na equipe de avaliação do exercício.

⁶Em junho de 2018, o Exército Sul dos Estados Unidos enviou memorando para o FORSCOM solicitando aprovar a participação da companhia brasileira no JRTC, integrando a 82nd ABN DIV. O documento ainda destacou que o Brasil é uma Nação Amiga que lutou com o V Exército na Campanha da Itália, durante a 2ª Guerra Mundial.

(OCA), assim como detalhes de lançamento de tropa e de apoio logístico. Ademais, os norte-americanos sinalizaram intenção de aprovar a proposta de a Força Aérea Brasileira operar o KC-390 no Exercício *Culminating*⁷.

No ano de 2019, realizou-se mais uma reunião de coordenação em Brasília-DF⁸, intercâmbio de especialistas no Centro de Adestramento Leste no Rio de Janeiro, além de uma visita à rotação no JRTC, que contava com tropa japonesa. Em dezembro daquele ano, definiu-se o período de fevereiro de 2021 para o Exercício *Culminating*.

A pandemia da COVID-19 impactou as reuniões presenciais de coordenação em 2020. No primeiro semestre, todas as interações com tropas e delegações estrangeiras haviam sido canceladas pelo EEUA. As atividades mantidas de forma presencial enfocaram a preparação da tropa para o exercício (treinamento de líderes, simulação viva e tiro real) e as visitas de coordenação logística.

No período de 3 de janeiro a 22 de fevereiro de 2021, 210 militares brasileiros⁹ participaram do Exercício *Culminating*, Rotação 21/04 JRTC, finalizando o Plano de 5 anos assinado na XXXI CBEM, em 2015.

O sucesso das ações de diplomacia militar favorecera que, ainda em 2020, na XXXVI CBEM no Brasil, fosse acertado um novo plano de exercícios combinados, buscando incrementar as linhas de esforço interoperabilidade e prontidão combinada. Esses exercícios, planejados de 2021 a 2028, integrariam os Exercícios Vanguarda Sul (*Southern Vanguard - SV*) dos Estados Unidos, quando realizados no Brasil; e as rotações no JRTC, quando realizados nos EUA. Estes exercícios foram denominados, no Brasil e naquela CBEM, como *Combined Operations and Rotation Exercises (CORE)*. O primeiro desenho desse intercâmbio foi ilustrado como se segue:

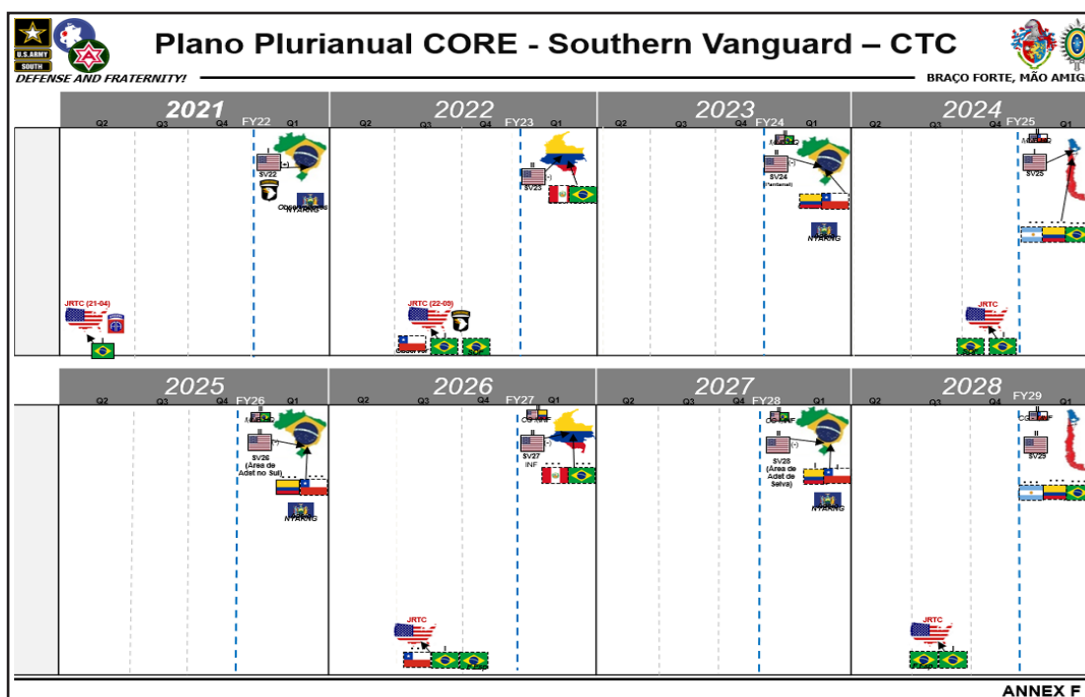


Fig 1 - Desenho da evolução do Intercâmbio dos Exercícios CORE

Fonte: XXXVI CBEM.

Desde então, foram realizados os seguintes exercícios:

- CORE 21 (SV 220)¹⁰: em dezembro de 2021, em que uma Cia Fuz da 101ª ABN DIV integrou uma força-tarefa (FT) do 5º Batalhão de Infantaria Leve Aeromóvel (Amv), em Caçapava/SP, Lorena/SP e Resende/RJ;

- CORE 22 (Rotação JRTC 22/09): em agosto de 2022, uma FT SU da 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel) integrou um batalhão (Btl) da 3ª Brigada da 101ª ABN DIV, no JRTC;

- CORE 23 (SV 24): em novembro de 2023, 300 militares norte-americanos¹¹, que eram lotados no Exército Sul dos EUA, na 101ª ABN

⁷O que foi consubstanciado em 2021, após homologação da aeronave para lançamento paraquedista.

⁸A reunião de coordenação regulou que as comunicações seriam realizadas pela troca de rádio operadores, que os OCA brasileiros poderiam acompanhar frações norte-americanas, e vice versa, que a Companhia brasileira poderia solicitar apoio de fogo aéreo aproximado à Brigada norte-americana, que haveria ataque químico durante a rotação, e que, durante o exercício, seriam realizadas duas operações ofensivas, uma defensiva e um exercício de tiro real (*Live Fire Exercise*).

⁹A subunidade base foi da Brigada de Infantaria Paraquedista de 172 militares, mais grupo de coordenação e ligação, e os OCA.

¹⁰O ano fiscal nos EUA começa no mês de outubro.

¹¹A tropa-base era a Companhia Charlie do 1º Battalion – 26th Infantry Regiment, da 101ª ABN DIV.

DIV, no 7º Grupo de Forças Especiais, na 1ª *Security Forces Assistance Brigade* (1ª SFAB) e no Exército da Guarda Nacional de Nova Iorque, integraram a FT do 52º Batalhão de Infantaria de Selva (52º BIS), adestrando-se no Ambiente Operacional de Selva (Pará e Amapá); e

- CORE 24 (Rotação JRTC 24/10): em agosto de 2024, uma SU do 52º BIS integrou um Btl da 2ª *Mobile Brigade Combat Team* (MBCT) da 101ª ABN DIV, no JRTC.

Está em fase de planeamento o Exercício CORE 25 (*Southern Vanguard 26*), a ser realizado em Pernambuco, no Ambiente Operacional de Caatinga, integrando tropas da FORPRON da

10ª Brigada de Infantaria Motorizada.

O constructo das interações de diplomacia militar em cada exercício é desenhado nas CBEM. O Grupo de Trabalho *Culminating* evoluiu para um Estado-Maior temporário, montado para o exercício, composto por membros dos órgãos de Direção Geral, do Operacional e dos Setoriais, que se relacionam com suas contrapartes do Exército Sul, do JRTC e da tropa norte-americana.

O quadro a seguir denota a evolução das atividades de interação internacional desde a *Culminating* ao Exercício CORE 25 (entendimentos numerados conforme foram oficializados nas CBEM).

Engajamento da CBEM	<i>Culminating</i> JRTC 21/04	CORE 21 SV 22	CORE 22 JRTC 22/09	CORE 23 SV 24	CORE 24 JRTC 24/10	CORE 25 SV 26
Conferência para Desenvolvimento de Conceitos (CDC)	20.3.6.a.	21.3.3.a.				25.3.1.a.
Conferência Inicial de Planejamento (IPC)		21.3.3.b.	22.3.1.a.	23.3.1.b.	24.3.1.b.	25.3.1.b.
Reconhecimento do local do exercício		21.3.3.b.		23.3.1.a.	24.3.1.a.	
Desenvolvimento do Cenário (MSEL)		21.3.3.d.		23.3.1.c.	24.3.1.c.	25.3.1.d.
Conferência Principal de Planejamento (MPC)		21.3.3.c.	22.3.1.c.	23.3.1.d.	24.3.1.d.	25.3.1.e.
Intercâmbio no ACSA						25.3.1.c.
Programa de Treinamento de Líderes (LTP)	20.3.6.b.				24.3.1.g.	25.3.1.i.
Intercâmbio de líderes no local do exercício			22.3.1.b.			25.3.1.g.
Observadores Brasileiros no treinamento específico para o Exercício nos EUA	20.3.6.c.		22.3.1.d.		24.3.1.h.	
Observadores norte-americanos no treinamento específico para o Exercício no Brasil	20.3.6.d.		22.3.1.f.	23.3.1.f.	24.3.1.f.	25.3.1.k.
Exercício de Fogos (<i>Northern Strike</i>)						25.3.1.j.
Participação das Forças de Operações Especiais (SOF)			22.3.1.g.	23.3.1.g.		
Participação de um Destacamento de Operações Psicológicas						25.3.1.n.
Participação de um Destacamento de Reconhecimento e Vigilância						25.3.1.o.
Conferência Logística	20.3.6.e.					
Avaliação de riscos alimentares e hídricos (FWRA)						25.3.1.f.
Conferência Final de Planejamento (FPC)		21.3.3.d.	22.3.1.e.	23.3.1.e.	24.3.1.e.	25.3.1.h.
Concentração de meios e preparação		21.3.3.e.				
Exercício	20.3.6.f.	21.3.3.f.	22.3.1.h.	23.3.1.h.	24.3.1.i.	25.3.1.l.
Visita Operacional de Líderes					24.3.1.j.	25.3.1.m.

Tabela 1 - Evolução das atividades de interação internacional

Fonte: adaptado das XXXV, XXXVI, XXXVII, XXXVIII, XXXIX e XL CBEM, o autor.

Em face do exposto, ressalta-se de exercício, que desenvolve tanto a a importância da diplomacia militar interoperabilidade, quanto incrementa a terrestre para a construção desse tipo confiança mútua.

A INTEROPERABILIDADE AVALIADA NOS EXERCÍCIOS CORE

Uma das linhas de esforço pelo qual a XXXVI CBEM desenhou o início dos Exercícios CORE foi a interoperabilidade, traçando, como condições para 2026, a participação plena em Forças-Tarefas combinadas.

Sabe-se que, conforme o glossário de termos militares (BRASIL, 2015b), interoperabilidade é a capacidade de forças militares, nacionais ou aliadas, operarem de forma efetiva, sob a mesma estrutura de comando, otimizando o emprego dos recursos humanos e materiais, bem como aprimorando a doutrina de emprego.

Modernizando a abordagem, o Manual de Fundamentos *Conceito Operacional do Exército Brasileiro*, (BRASIL 2023), apresenta interoperabilidade como um princípio para o elemento de força, conceituando-a como operar de maneira integrada, coordenada, harmônica e complementar em operações conjuntas, em operações combinadas ou em ambiente interagências. Neste contexto, um alto grau de interoperabilidade está ligado diretamente ao maior ou menor nível de padronização de doutrina, procedimentos, documentação e de material.

Sem embargo, considerando o hodierno interesse pelo conceito operacional das operações multidomínio¹², avalia-se como pertinente apresentar aspectos da publicação

americana “Guia do Comandante e de seu Estado-Maior para Interoperabilidade Multinacional” (EUA, 2020). O Guia enseja que a Interoperabilidade entre forças multinacionais permite que forças amigas produzam grande poder de combate por potencializar relativos pontos fortes, enquanto se mitigam relativas debilidades¹³.

Interpreta-se, portanto, que existe um nível de interoperabilidade entre duas forças amigas, que de forma combinada utilizam metodologia eficaz para cumprir determinado objetivo estratégico, operacional ou tático, de combate ou logística, em treinamento ou instrução.

Todavia, importa citar que: “de maneira geral, a melhoria na interoperabilidade exige que as Forças eventualmente renunciem a determinados processos, a materiais ou a qualquer um dos outros fatores que compõem uma capacidade em favor de outra Força” (PIFFER, 2019, p. 144).

Consoante ao Guia norte-americano, a estrutura para a interoperabilidade compreende três dimensões: a processual (doutrina, normas gerais de ação); a humana (adestramento, idioma, cultura, liderança, grupos de trabalho); e a tecnológica (equipamentos e sistemas).

No tocante a critérios de avaliação, conquanto o Glossário das Forças Armadas brasileiras apresente os níveis compatibilidade,

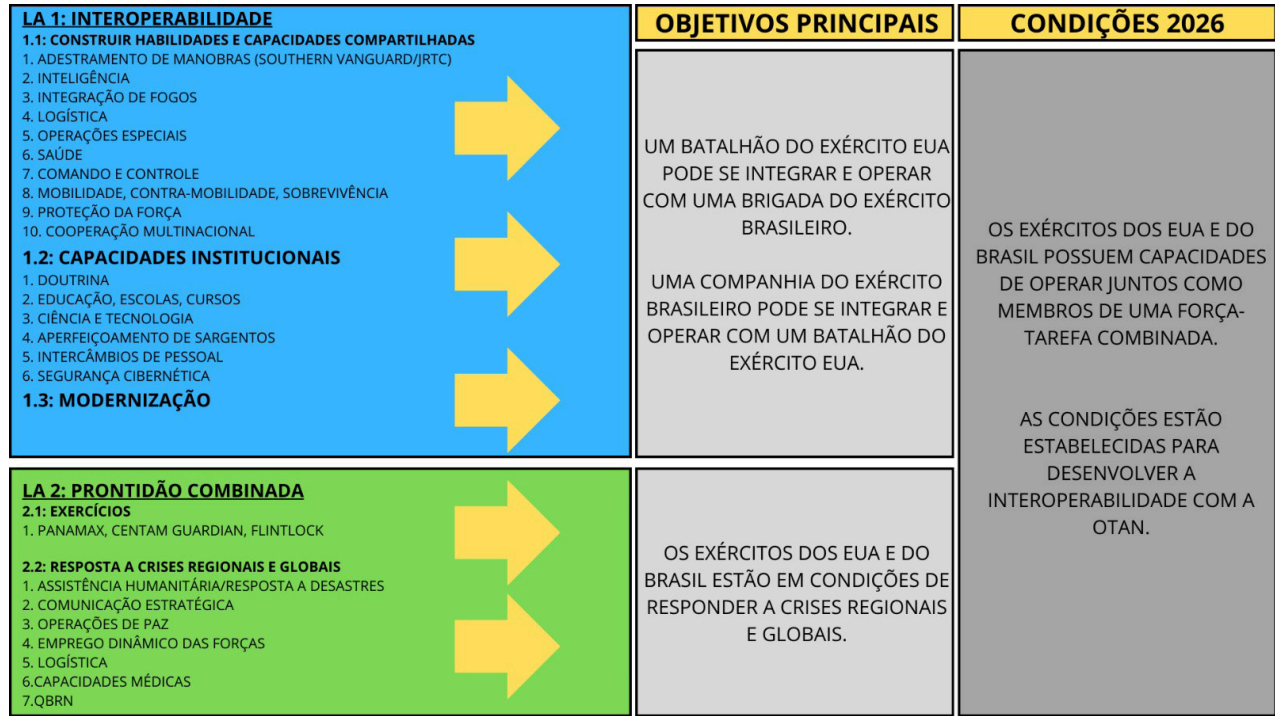


Fig 2 - Linhas de esforço para os Exercícios CORE

Fonte: XXXVI CBEM.

¹²Conceito operacional em que o problema militar que se apresenta é enfrentar e se sobrepor ao inimigo nas diversas camadas de impasse/negação criadas, em todos os domínios, para manter a sinergia e o efeito de suas operações (PEREIRA, 2023).

¹³Ao avaliar como incrementar interoperabilidade, o guia norte-americano salienta que cada Aliado ou Nação Amiga é único, sendo prioritário trabalhar os conceitos operacionais, os elementos modulares, as comunicações, o compartilhamento de informações e o equipamento.

intercambialidade e comunicabilidade (BRASIL, 2015b), julga-se como mais pertinente priorizar as classificações do Guia americano já consagradas nas lições aprendidas de suas operações combinadas nos conflitos contemporâneos, assim como nos exercícios da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e no âmbito da coalisão ABCANZ (americanos, britânicos, canadenses, australianos e neozelandeses), a saber os **níveis de interoperabilidade** são:

a. **Nível 0: Não interoperável:** não houve alinhamento de capacidades e de

procedimentos, os processos não se conectam, tampouco há interação; não há *network* estabelecida.

b. **Nível 1: Desconflitado:** houve alinhamento das capacidades e de procedimentos, **sem interação**.

c. **Nível 2: Compatível:** houve interação, com processos similares ou complementares.

d. **Nível 3 – Integrado:** *network* estabelecida, interoperabilidade completa.

A figura 3 ilustra esses níveis de interoperabilidade em uma visão mais ampliada:



Fig 3 - Desenvolvimento de capacidades de interoperabilidade

Fonte: Adaptado de EUA (2020, p. 9).

A leitura do mapa acima denota o nível 2, compatível, como meta para os exercícios combinados entre nações amigas.

Seguindo essa metodologia, e enfocando as habilidades e as capacidades

compartilhadas, desejadas e viáveis, o anexo F da XXXVII CBEM traçou um plano plurianual de desenvolvimento da interoperabilidade na sequência dos Exercícios CORE (SV e rotações JRTC):

	2021/2022	2023/2024	2025/2026	2027/2028
C2	Compreender as responsabilidades do BRA/EUA por escalão (Companhia - Cia e Batalhão - Btl).	BRA/EUA capazes de coordenar de maneira não classificada comunicação de voz e dados.	BRA/EUA capazes de coordenar de maneira não classificada comunicação de voz e dados.	BRA/EUA capazes de coordenar de maneira classificada comunicação de voz e dados.
Movimento e Manobra	Alinhamento de capacidades para estabelecer normas operacionais.	Combinar planejamento de missão nível Estado-Maior de Batalhão.	Integrar as funções de combate no processo de planejamento.	Criação do COp combinado (todas as funções de combate).

Fogos	Desenvolver procedimentos comuns para fogos de precisão.	Entender a designação de alvos e processos. Validar fogos analógicos. Explorar viabilidade de estabelecer coordenação de fogos digitais.	Coordenar procedimentos de controle aeroespacial para desconflitar ativos aéreos e fogos indiretos.	Combinar fogos via coordenação de sistemas digitais de direção de fogos. Algumas munições intercambiáveis.
Logística	Entender como as forças de BRA/EUA se mantêm logisticamente.	Desenvolver e manter um COP de logística analógico.	Processo para reabastecimento logístico combinado.	Processo para reabastecimento logístico combinado com automação digital.
Proteção	Compreender padrões do BRA/EUA de Proteção.	Desenvolver um POP de Proteção que permita a integração de ativadores de defesa passiva.	Desenvolver um plano combinado de coleta de IRVA.	BRA/EUA capazes de executar um plano de Proteção combinada.
Inteligência	Desenvolver e manter um Centro de Operações (COP) de inteligência analógica. Estabelecer um processamento de compartilhamento de inteligência.	Desenvolver intercâmbio de informação de processos e produtos. Desenvolver um processo combinado de nomeação IRVA (Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos).	A célula de Inteligência do Estado-Maior usa POP para gerar integração de inteligência, gerenciamento de coleta e requisitos de IRVA.	EUA/BRA compartilham informação de inteligência de campo.

Quadro 1 - Plano plurianual de desenvolvimento da interoperabilidade

Fonte: XXXVII CBEM.

Os índices avaliados do exercício CORE a partir de 287 observações das equipes dos 21/SV22 são detalhados por Warman (2022), OCA:

	2021 / 2022	Tarefas
C2	Compreender as responsabilidades do BRA/EUA por escalão (Cia, Btl). Nível Atingido: 1	- Conduzir coordenação e enlace: compatível . - Conduzir Processo Operacional de Comando e Controle: compatível . - Integração do Desenho Operacional comum: desconflitado . Ambos os Exércitos utilizaram seus equipamentos-rádio e sincronizaram as operações (informações não classificadas de voz e dados) no nível U e SU. As barreiras linguísticas foram um fator limitador para o C2. É necessário alinhamento adicional de capacidades de comunicação para estabelecer as ligações laterais e horizontais.
Movimento e Manobra	Alinhamento de capacidades para estabelecer normas operacionais. Nível Atingido: 2	- Conduzir coordenação e enlace: compatível . - Integração do Desenho Operacional comum: compatível . Os grupos de trabalho por função de combate lograram adaptar e integrar seus processos decisórios. Ambas equipes conseguiram oferecer ao Comando consciência e compreensão situacional. O processo de decisão foi padronizado e claramente entendido pelos escalões subordinados.
Fogos	Desenvolver procedimentos comuns para fogos de precisão. Nível Atingido: 0	- Conduzir coordenação e enlace: desconflitado . - Integração do Desenho Operacional comum: não interoperável . - Coordenar fogos letais e não letais em apoio à Nação Amiga: não interoperável . Os pontos mais criticados foram: os riscos do uso de múltiplos sistemas e procedimentos para execução dos fogos; e necessidade de incrementar medidas de coordenação e controle para escalonar os fogos, evitando o fatricídio.

Logística	Entender como as forças de BRA/EUA se mantêm logisticamente. Nível Atingido: 1	<ul style="list-style-type: none"> - Conduzir coordenação e enlace: desconflitado. - Integração do Desenho Operacional comum: compatível. - Conduzir atividades logísticas combinadas com a Nação Amiga: desconflitado. <p>Ambos desenvolveram as atividades necessárias para fornecer uma visão clara das Capacidades logísticas e dos seus riscos potenciais. Ambos têm pontos em comum em suas classes (CI) de suprimento. No entanto, é preciso alinhar as CI V a VIII, IX e X para estabelecer normas operacionais. Ambos possuem condições de conduzir operações de carga de um C-17 (<i>Globe Master</i>).</p>
Proteção	Compreender padrões do BRA/EUA de Proteção. Nível Atingido: 1	<ul style="list-style-type: none"> - Conduzir coordenação e enlace: desconflitado. - Integração do Desenho Operacional comum: desconflitado. - Coordenar atividades de proteção da força com a Nação Amiga: desconflitado. <p>Durante o planejamento e a execução, as equipes de ambos adaptaram tarefas e sistemas que preservaram a força, favorecendo que se aplicasse o máximo de poder de combate em cada missão. Houve integração de processos que permitiram estimar o grau de ameaça em cada operação, articulando as melhores linhas de ação para combater ou mitigar essas ameaças. Comprovou-se a Capacidade de proteger a força com a coordenação e a execução da missão de segurança aérea com veículos tripulados e não tripulados. Houve avaliação e mitigação de fratricídio. Para chegar no nível compatível, deve-se implementar uma abordagem de proteção que incluía a defesa ativa e a passiva de forma simultânea.</p>
Inteligência	Desenvolver e manter um COp de inteligência analógica. Estabelecer um processamento de compartilhamento de inteligência. Nível Atingido: 1	<ul style="list-style-type: none"> - Conduzir coordenação e enlace: desconflitado. - Integração do Desenho Operacional comum: compatível. - Informação e Inteligência combinadas disseminadas: desconflitado. <p>As equipes de Inteligência conseguiram fornecer uma visão clara das Capacidades do inimigo. As semelhanças no processo de análise de inteligência ajudaram a entender a situação do inimigo e a sua evolução. O compartilhamento de informações com restrição de acesso é limitado, impactando a interoperabilidade. As técnicas de coleta de tropa são semelhantes e valiosas às operações descentralizadas.</p>

Quadro 2 - Índices avaliados do exercício CORE 21/SV22

Fonte: Warman (2022), adaptado.

Os exercícios CORE 22 e 23 careceram da avaliação de interoperabilidade nessa metodologia. Não obstante, Warman (2024) sublinha o emprego de elementos da 1st SFAB como indutores de interoperabilidade entre a tropa brasileira e a norte-americana. Além disso, faz considerações à interoperabilidade nas seguintes funções de combate:

Inteligência: dedicar mais tempo para a avaliação do inimigo. A falta de detalhes sobre o inimigo nas ordens de operações acaba demandando maior quantidade de pedidos de Inteligência por parte da tropa norte-americana. Além disso, não havia uma “rede de coalizão” ou portal para disseminar informações ou enviar pedidos de Inteligência para a Brigada.

Movimento e manobra: operações de assalto aeromóvel são um excelente vetor para aumentar a interoperabilidade, pois permitem o conhecimento dos procedimentos nas aeronaves da Nação Amiga, ampliando as possibilidades

das ações combinadas. Todavia, é necessário realizar mais *briefings* de coordenação para o assalto aeromóvel, visando a compreensão de todas as medidas de coordenação.

Fogos: deve-se assegurar que os alvos pré-planejados sejam baseados em condições ou reações vinculadas a algo esperado pela manobra planejada pelas forças amigas ou estimada pelo inimigo. Além disso, o plano de fogo indireto deve estar de acordo com o plano de manobra. Deve-se ampliar as medidas de coordenação para permitir o escalonamento de fogos e limitar a necessidade de “linhas de segurança” constantes em toda a área de operações. Sugere-se implementar um elemento de apoio de fogo ao batalhão com uma rede de comunicações integrada e controle total dos recursos orgânicos de fogo indireto. Somando-se a isso, é recomendado aumentar o número de observadores a fim de melhorar a resposta dinâmica por fogos.

Logística: deve-se fazer constar as diferenças das classes de suprimentos entre os Exércitos em um anexo/apêndice da Ordem de Operações.

Em termos de **Comando e Controle**, foi realizada a experimentação do *Radio Interoperability Capability–Universal* (RICU) pelo *U.S. Army Combat Capabilities Development Command* (DEVCOM) e pelo Centro de Comando, Controle, Comunicações, Computadores, Inteligência Cibernética, Vigilância e Reconhecimento (C5ISR, na sigla em inglês) do Exército dos EUA. A finalidade desse equipamento é ser uma ponte de voz analógica para digital que permita a comunicação segura entre as tropas dos EUA e de suas Nações Amigas. A experimentação foi bem-sucedida por lograr conectar as duas redes criptografadas, particularmente no Centro de Operações Táticas (COT) e no Posto de Comando Tático (PCT). Entretanto, o RICU requer cabeamento físico entre os rádios táticos dos EUA e do Brasil, o que limita seu emprego quando utilizados a distância. Sua inserção operacional no exercício não foi bem-sucedida.

Por sua vez, Coronel Charles Karels, ex-Diretor de Treinamento e Exercícios

do Exército Sul dos EUA, teceu os seguintes comentários sobre o Exercício CORE 23/SV 24: “a interoperabilidade foi significativamente melhorada nas áreas de planejamento tático e de fogos; e melhorada na coordenação de Estado-Maior (EM)”. Para avaliar realmente a interoperabilidade em termos de fogos, deve-se ter as unidades de fogos dos EUA e do Exército Brasileiro planejando juntas. Neste ponto, a avaliação é que o nível seja desconflitado. Para o Coronel Karels, foi difícil avaliar o planejamento do EM naquele ano pois a Força-Tarefa Combinada foi organizada de forma diferente da do Exercício CORE 21/SV 22. Para o CORE 25/SV 26, a recomendação dele é que se equilibre a composição das chefias de Seção de EM da Força-Tarefa (dentro do razoável) entre militares brasileiros e americanos.

Para o Exercício CORE 2024/ JRTC 24/10, com apoio da célula de lições aprendidas da Equipe de Coordenação de Ligação¹⁴, retomaram-se os critérios referendados no Guia americano. Após revisão de literatura e do estudo das metas lançadas na XXXVII CBEM, chegou-se ao desdobramento:

Nº	Função de Combate	Dimensão	Tarefas
1	C2: BRA/EUA capazes de coordenar de maneira não classificada comunicação de voz e dados. RESULTADO FINAL: Nível 1.	Tecnológica Nível 1	Não houve possibilidade de comunicação entre os rádios dos dois países, mas houve alinhamento de Capacidades. Existe a possibilidade do uso do dispositivo RICU, utilizado no CORE 23/SV 24, que otimiza o C2.
		Humana Nível 1.	Em termos da diferença de idioma, houve apenas pequenas falhas de entendimento, sem comprometer a missão. O apoio da 1 st SFAB facilitou a integração e a comunicação. Foram utilizados 10 celulares com o aplicativo americano de C2 ATAK. Não houve transmissão de dados ou voz de equipamento do EB para equipamento do U.S. Army. Um Radioperador (ROp) norte-americano ficou junto com o ROp Brasileiro durante toda a missão, realizando as pontes necessárias.
		Processual Nível 1	Não houve uma Norma Geral de Ação (NGA) formal, mas foram padronizadas senhas, contrassenhas, mensagens preestabelecidas e indicativos no padrão norte-americano. Houve diuturna compreensão situacional das medidas de coordenação. Por vezes, apenas o equipamento norte-americano funcionava. Por vezes, apenas o brasileiro.

¹⁴Composta por militares da Chefia do Preparo da Força Terrestre e do Centro de Doutrina do Exército, que, gentilmente, colaboraram com a pesquisa de campo durante o Exercício CORE 24.

2	Movimento e Manobra: Combinar planejamento de missão nível Estado-Maior de Batalhão. RESULTADO FINAL: Nível 2	Processual Nível 2	<p>Os processos de planejamento (MDMP/PPCOT) são bastante similares. No Exercício CORE 24, foi utilizado o procedimento norte-americano. As diferenças doutrinárias não impactaram o entendimento das ordens.</p> <p>O fato de que havia militares brasileiros que realizaram o Curso de Manobra para Capitães nos Estados Unidos potencializou o entendimento mútuo, contribuindo sobremaneira para o processo de interoperabilidade.</p> <p>Havia três Oficiais de Ligação (O Lig) no EM Bda: Operações, Inteligência e Fogos; e três oficiais (Of) BRA no EM Btl (Adj S3, S4 e O Lig Engenharia). A integração foi otimizada pelo apoio da 1st SFAB, pela participação no LTP e pelo conhecimento prévio de integrantes do 1-26 IN BN que já haviam trabalhado com o 52º BIS durante a CORE 23/SV24. Ainda assim, não havia sistemas comuns.</p> <p>Teria sido melhor se o O Lig Eng integrasse o Batalhão de Engenharia de Brigada (BEB), ao invés do 1-26 Btl.</p> <p>Havia NGA para emissão das ordens entre as frações, que foi ratificada durante o LTP, com pequenos ajustes entre as SU (principalmente a brasileira).</p> <p>Os <i>briefings</i> executados durante o período de treinamento (<i>in box</i>) contaram com a participação de brasileiros em praticamente todas as oportunidades.</p> <p>A célula de logística, no EM Btl, trabalhou integrada com os militares norte-americanos, participando de todas as fases do planejamento, aproveitando as semelhanças dos métodos. O emprego de medidas de coordenação e controle permitiu que todas as frações seguissem o mesmo ritmo de batalha.</p>
		Humana Nível 2	<p>Não foi necessário trocar O Lig ou elementos do EM em razão de performance ou de domínio do idioma.</p> <p>Os O Lig brasileiros e os da 1st SFAB foram facilitadores em todas as fases, ampliando a interoperabilidade.</p> <p>Os líderes brasileiros estavam ambientados acerca da doutrina do EEUA. Houve uma preparação específica no Brasil para o LTP e na execução do LTP, com apoio da 1st SFAB.</p> <p>Havia militares brasileiros com cursos de manobra nos EUA, o que alavancou a confiança mútua.</p> <p>As ordens foram completamente entendidas pela Cia CORE e demais tropas brasileiras. Os <i>backbriefings</i> foram bem conduzidos pelos brasileiros.</p> <p>No nível EM do Btl, houve participação em determinadas fases do processo de emissão de ordem fragmentária. Foi observada a utilização dos produtos feitos pela tropa brasileira nos diversos <i>briefings</i> que fazem parte do MDMP.</p> <p>Todos os produtos de Operações Psicológicas utilizados durante o exercício foram confeccionados pelo destacamento brasileiro, aprimorados pela equipe norte-americana.</p>
		Tecnológica Nível 2	<p>A SU brasileira recebeu dispositivo tecnológico semelhante ao do sistema nacional (aplicativo ATAK e um roteador).</p>

3	Fogos: Entender a designação de alvos e processos. Validar fogos analógicos. Explorar viabilidade de estabelecer coordenação de fogos digitais RESULTADO FINAL: Nível 1	Tecnológica Nível 0	O EEUA possui um sistema integrado de fogos de alta tecnologia, chamado AFATDS, que não foi utilizado pelos brasileiros.
		Processual Nível 1	Existem procedimentos e/ou sistemas de coordenação de fogos. No caso, o AFATDS não pode ser usado pelas tropas brasileiras. O processo de condução de fogos foi integralmente entendido por todos os integrantes. Houve integração inicial dos fogos cinéticos com os não cinéticos, particularmente os de operações psicológicas. A partir do <i>Force on Force</i> , essas coordenações foram descontinuadas. Não houve procedimentos combinados para levantamentos de alvos. A tropa brasileira que iria executar esses procedimentos não pôde utilizar seus meios orgânicos. Para a solicitação dos fogos, a existência de um quadro de controle para cada fogo previsto, com todos os integrantes dos Fogos, foi útil para a tropa brasileira. Para avaliação de efeitos nos alvos, existia uma planilha e uma tabela de efeito esperado para cada alvo, que ficavam sob coordenação da célula no EM. O Observador brasileiro foi o responsável pelos alvos da Cia CORE. Os gatilhos para o desencadeamento dos fogos garantiram a segurança na execução dos tiros e preveniram o fratricídio.
		Humana Nível 2	O fluxo de mensagens no Centro de Coordenação de Apoio de Fogo foi oportuno e veloz, otimizando a integração dos Fogos e da Manobra da Cia CORE. Os brasileiros conhecem a doutrina norte-americana. Não houve qualquer óbice dessa natureza. O apoio da SFAB potencializa a interoperabilidade e incrementa a confiança. Os Recursos Humanos empregados lograram levantar alvos para o esforço do Escalão Superior (Esc Sup) por diversos momentos. Integrantes da equipe brasileira refinaram alvos para ações futuras e de planejamento.
4	Logística: Desenvolver e manter um COp de logística analógico. RESULTADO FINAL: Nível 1	Processual Nível 1	Os pedidos Cl I e III foram realizados uma vez ao dia, enquanto os de Cl II, IV, V e VIII foram feitos de acordo com a necessidade apresentada, todos por meio do Logstats. Sobre Cl IV, houve momentâneas descontinuidades e faltas de suprimento. Houve pequenos problemas de ressuprimento de munição, sem comprometimento da missão. As diferenças de caracterização das Cl VI, Cl VII, Cl IX e Cl X resultaram na não interação logística nessas classes. As tropas possuem capacidade de coordenar a recepção, integração, alojamento e movimento para o combate (RSOI) de maneira rápida e eficiente. Não houve problemas no deslocamento e embarque das tropas brasileiras para o combate. Não houve contato com nenhum documento ou instrução que informasse os potenciais riscos de ressuprimento da/para tropa brasileira.
		Humana Nível 1	Em certa parte do exercício, e devido a problemas de comunicação, o fluxo de ressuprimento de água não foi o adequado para algumas SU do Btl, incluindo a SU brasileira.
		Tecnológica Nível 2	Não houve impacto no fluxo logístico causado pela diferença tecnológica.

5	Proteção: desenvolver um POP de proteção que permita a integração de ativadores de Defesa passiva RESULTADO FINAL: Nível 1	Processual Nível 0	Não foi observada padronização apurada de procedimentos para o planejamento da F Cmb Proteção (identificação e mitigação de riscos), mas sim um estudo com base nas demandas solicitadas. Não houve interação com a Defesa Antiaérea, porém houve padronização de procedimentos nos diversos escalões, particularmente com o emprego dos mísseis <i>Stingers</i> e das metralhadoras .50 (autodefesa). Não foi observada padronização da utilização de meios ativos e passivos de proteção.
		Humana Nível 1	As tropas combinadas e suas frações treinaram as medidas ativas e passivas, sob orientação dos militares norte-americanos.
		Tecnológico Nível 1	A tropa brasileira utilizou, de forma eficaz, equipamentos norte-americanos de proteção, como o material DOBRN.

Quadro 3 - Índices avaliados do exercício CORE 24/ JRTC 2024-10

Fonte: o autor, com a colaboração dos observadores do Exercício CORE 24/ JRTC 2024-10.

Essas observações de interoperabilidade ressaltam a importância da educação e da instrução militar, do estudo de idiomas, da performance dos O Lig, do apoio da 1st SFAB, da tecnologia dos sistemas utilizados e da padronização de NGA, enlaçados por algo que somente o tempo de adestramento combinado pode arrematar: a confiança mútua. Isto faz uma tropa acreditar que pode operar com a outra, a partir do ápice de suas capacidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo das categorias “Diplomacia Militar Terrestre” e “Interoperabilidade”, este artigo analisou as edições dos Exercícios CORE, e seu indutor *Culminating*.

Em termos de Diplomacia Militar Terrestre, ratificam-se as perspectivas discutidas por Landim (2014). Para além de um exercício no nível tático, as interações bilaterais entre as Forças, necessárias para a consecução dos exercícios edificam a estratégia de Dissuasão Integrada, treinam e adestram militares para desafios operacionais e táticos, ampliam a confiança mútua daqueles que se envolveram no adestramento, e culminam em processos que ajudam a modernizar e, pode, até mesmo, transformar o Exército.

Verifica-se que a evolução do Grupo de Trabalho *Culminating* para um Estado-Maior temporário, que realiza o trabalho de comando e interações internacionais para a conformação do exercício¹⁵, adestra os integrantes dos diversos setores da Força Terrestre, sendo uma espécie de tubo de ensaio para concentração e deslocamento estratégico visando ao emprego de Força Expedicionária.

As oportunidades observadas como hiatos de interoperabilidade também potencializam

a capacidade de um exercício dessa natureza em modernizar a força e colaborar para sua transformação. Recomenda-se, para os próximos exercícios, que se contemple o adestramento do Estado-Maior da Unidade (Batalhão/ Regimento) estrangeira, seja no Brasil ou nos EUA, o que é possível sem modificar demasiadamente os efetivos da tropa e, consequentemente, os recursos financeiros spendidos.

As demandas por atualização dos sistemas de C², de fogos, de proteção e de suas tecnologias conexas; a sistematização para produção de conhecimento útil e oportuno para tomada de decisões e a consequente viabilização de redes seguras para sua difusão; a educação e o intercâmbio nos cursos militares; a transferência de militares com cursos nos EUA para tropas que participam do exercício; além do estudo de idiomas para todos os níveis potencializam a capacidade da Força estar em estado de prontidão para ser empregada nos diversos espaços geográficos mundiais e em condições compatíveis de interoperabilidade.

Por fim, recobram-se fatos históricos que demonstram a capacidade estratégica de o Brasil deslocar tropa para outros Continentes ou Subcontinentes, e de realizar operações combinadas. A Força Expedicionária Brasileira na 2^a Guerra Mundial, os 20 contingentes para a *United Nation Emergency Force* (UNEF) em Suez, a Força Armada Interamericana do Brasil (FAIBRAS) na Força Interamericana de Paz (FIP) na República Dominicana, os treze anos de liderança e presença brasileira na *United Nations Stabilization Mission in Haiti* (MINUSTAH), confirmam essa capacidade. Todavia, não se olvida do pensamento de Cottey e Foster (2024), de que a diplomacia, no campo da defesa, é vista como um instrumento político de longo prazo,

¹⁵Apoiadas pela 5^a Subchefia do Estado-Maior do Exército, Aditância do Exército nos EUA e pelo Escritório de Ligação do Exército junto Destaca-se que o coordenador brasileiro do Exercício foi o o Subchefe do Preparo da Força Terrestre do COTER.

que colhe dividendos ao fim de muitos anos ou mesmo décadas.

Combinando Diplomacia Militar Terrestre com Interoperabilidade, aventa-se que o

legado intangível dos Exercícios CORE, muito mais que sua execução tática, seja a indução de transformação para os novos desafios contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Decreto nº 8.609, de 18 de dezembro de 2015. Promulga o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo dos Estados Unidos da América sobre Cooperação em Matéria de Defesa, firmado em Washington, em 12 de abril de 2010. **Diário Oficial da União**, Seção 1, nº 243, 21 dez. 2015a.
- BRASIL. Estado-Maior do Exército. **Plano de atividades do Exército Brasileiro na área internacional 2022-2025**. Brasília, DF, 2022.
- BRASIL. Estado-Maior do Exército. Secretaria-Geral do Exército. Portaria – EME/C Ex nº 971, de 10 de fevereiro de 2023: aprova o **Manual de Fundamentos Conceito Operacional do Exército Brasileiro – Operações de Convergência 2040** (EB20-MF-07.101), 1ª ed., 2023. Brasília, DF, 2023.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **MD35-G-01: glossário das Forças Armadas**. 5. ed. Brasília, DF, 2015b.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA). Center for Army Lessons Learned (CALL). ***No. 20-12: Commander and staff guide to multinational interoperability**. Kansas, 2020. Disponível em: <https://www.army.mil/article/247962/20_12_commander_and_staff_guide_to_multinational_interoperability>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- COTTEY, A.; FOSTER, A. **Reshaping defense diplomacy: new roles for military cooperation and assistance**. Adelphy Papers, n. 365. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- LANDIM, H. G. C. **A diplomacia militar do Exército Brasileiro e o ambiente de segurança e defesa na América do Sul**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, 2014.
- PIFFER, M. V. P. D. **Operações conjuntas: desafios à integração no nível operacional**. Curitiba: Appris, 2019.
- PEREIRA, E. S. Operações multidomínio: o novo conceito operacional do Exército dos EUA. **Revista Doutrina Militar Terrestre**, v. 11, n. 33, p. 4-21, jan./mar. 2023.
- SACHAR, B. S. Cooperation in military training as a tool of peacetime military diplomacy. **Strategic Analysis**, v. 27, n. 3, p. 400-420, jul./set. 2003. Institute for Defence Studies and Analyses, New Delhi.
- WARMAN, P. K. **U.S. Army South Exercise Southern Vanguard 22: Integrated Deterrence in the Western Hemisphere**. Fort Leavenworth: Center for Army Lessons Learned, 2022.
- WARMAN, P. K. **U.S. Army South Exercise Southern Vanguard 24: Brazilian Army Combined Operations and Rotation Exercise 23 (CORE 23): Experimentation and Digital Liaison Detachment Support in the Western Hemisphere**. Fort Leavenworth: Center for Army Lessons Learned, 2024..

SOBRE O AUTOR

O Coronel de Infantaria **SÉRGIO RICARDO REIS MATOS** é o Oficial de Ligação do Exército Brasileiro no Exército Sul dos Estados Unidos. Foi declarado Aspirante a Oficial pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 1997. Kursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO) em 2005. No biênio 2013-2014, frequentou o Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Realizou o Curso de Operações na Selva em 1998; os cursos Básico e Avançado de Montanhismo em 2001; o Curso Avançado de Manobra em Fort Moore, nos Estados Unidos da América, em 2007; o curso Básico Paraquedista em 2009 e o Avançado de Inteligência em 2018. Concluiu a Especialização em Matemática e Estatística na Universidade Federal de Lavras em 2004 e a Especialização em Língua Portuguesa, na Universidade Castello Branco, em 2010. É Mestre em Relações Internacionais pela Universidad Mayor de San Andrés/Universidade de Brasília. Comandou o 11º Batalhão de Infantaria de Montanha e foi Chefe de Estado-Maior do Grupamento de Unidades-Escola/ 9ª Brigada de Infantaria Motorizada. (sergiomatos.ricardo@eb.mil.br).



MAJOR BRUM

Adjunto da Divisão de Adestramento e Prontidão da Chefia do Preparo da Força Terrestre do Comando de Operações Terrestres.

LEADER TRAINING PROGRAM (LTP): TREINAMENTO DE ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS

A realização dos Exercícios (Exc) *Combined Operations and Rotations Exercises* (CORE) tem sido traduzida no envio de uma Subunidade (SU) do Exército dos Estados Unidos da América (EEUA) para Exc no Brasil ou de uma SU do Exército Brasileiro (EB) para os Estados Unidos, com a finalidade de realizar uma rotação junto a uma tropa norte-americana no *Joint Readiness Training Center* (JRTC), no Fort Johnson, estado da Louisiana.

Essa participação alternada tem sido traduzida no envio de uma Subunidade (SU) do EEUA para Exc no Brasil e de uma SU do EB, com a finalidade de realizar uma rotação junto a uma tropa norte-americana no *Joint Readiness Training Center* (JRTC), no Fort Johnson, estado da Louisiana.

Entretanto, cabe ressaltar que as rotações CORE têm um escopo muito maior do que a realização de um Exc de SU. Aspectos de infraestrutura, doutrina, utilização de Materiais de Emprego Militar (MEM), dentre outros, são observados e as melhores práticas e lições aprendidas são absorvidas, no sentido de acelerar a transformação da Força.

Dentro desse escopo, o intercâmbio de informações, métodos de planejamento e outros procedimentos, no nível de Estado-Maior (EM) de batalhão (Btl) e brigada (Bda), é de extrema importância.

Observada essa relevância na troca de experiências de EM, desde o primeiro Exc (CORE 21, no Brasil), elementos deste nível também participam da atividade, a fim de atuar no planejamento de suas tropas e trocar ensinamentos.

Para a segunda edição das rotações, a CORE 22, militares do EB participaram como integrantes do EM da 3ª Bda da 101ª Divisão Aerotransportada (3/101 ABN DIV) – Brigada “*Rakkasan*” – e do 2º Btl do 506º Regimento de Infantaria (2/506 IN) – “*White Currahee*”, dessa mesma Bda.

Nesse sentido, foi verificada a existência de um treinamento específico para os EM das Bda que participam de rotações no JRTC. Tratava-se do *Leader Training Program* (LTP), uma importante fase na preparação das tropas norte-americanas para sua certificação.

Este trabalho visa apresentar os principais aspectos observados no LTP, destacando a preparação e atuação dos oficiais brasileiros no escopo da CORE.

CARACTERÍSTICAS DO LTP

O LTP consiste na execução de um tema tático, pelos EM e Comandantes (Cmt) de U de uma Bda, conduzido e assessorado por especialistas (*coaches*) no método de planejamento usado pelo EEUA, o *Military Decision-Making Process* (MDMP).

A finalidade dessa atividade é realizar a preparação dos comandantes e EM da Bda e suas U para as certificações/rotações que ocorrem no JRTC, com emprego da tropa no terreno (simulação viva).

Não se trata, portanto, de uma atividade tipo “Jogo de Guerra”, ou simulação construtiva, como nas certificações realizadas no contexto do Sistema de Prontidão (SISPRON) brasileiro. Não há softwares de simulação envolvidos durante o LTP.

A atividade é desenvolvida com foco no aprendizado. Não há nenhum tipo de “imitação do combate”, ou pressão de qualquer tipo. Caso o EM não possua ou não tenha o conhecimento correto sobre algum produto do MDMP, prontamente, os *coaches* auxiliam o EM a produzir o referido produto, inclusive entregando modelos para facilitar o trabalho. Entretanto, há uma preparação intelectual anterior dos EM de Bda e U, a fim de facilitar ainda mais o aprendizado.

O LTP ocorre por meio de reuniões e diálogos informais, ocorrendo, por vezes, simultaneamente, com o uso de acrônimos e expressões idiomáticas, demandando um domínio considerável do idioma inglês.

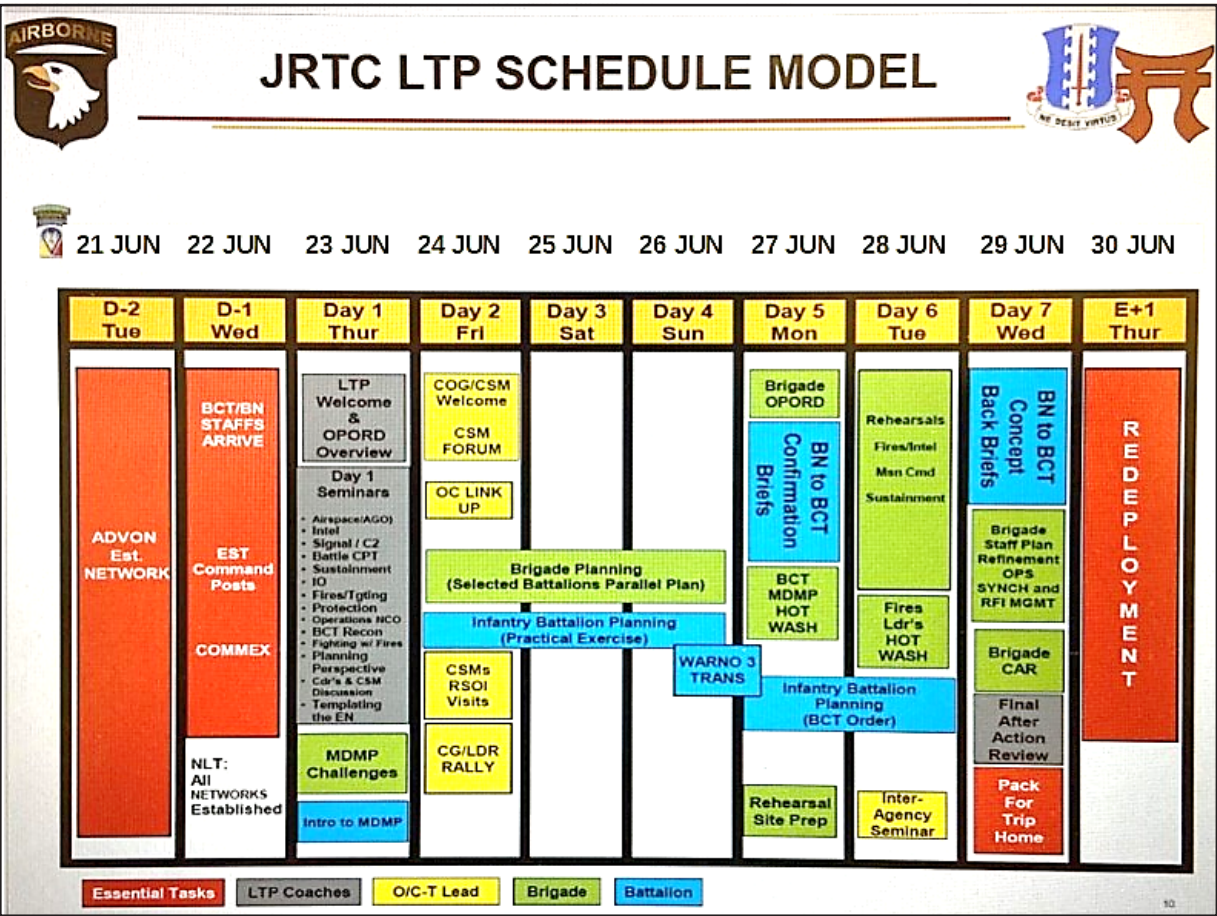


Fig 1 – Quadro de Trabalho do *Leader Training Program* 2022
Fonte: arquivo do autor.

As instruções iniciais (*Seminars e Challenges*) consistem em orientações gerais sobre o MDMP e considerações sobre planejamento e produtos a serem apresentados, por cada função de combate, durante a condução deste planejamento. Estas ocorrem simultaneamente, sendo acompanhadas pelos elementos do EM mais voltados para cada atividade.

Após as instruções iniciais, a Bda participante do LTP recebe a Ordem de Operações (O Op) da Divisão, a fim de iniciar seus planejamentos e emitir a O Op da Bda (Fig 1).

As U subordinadas recebem uma O Op para fins de treinamento, enquanto a Bda enquadrante faz os planejamentos iniciais.

Assim que são emitidas as primeiras Ordens de Alerta e a O Op da Bda propriamente dita, as U começam a conduzir seus planejamentos.

Ao final, é conduzido um ensaio da O Op, bem como atualizações na situação são simuladas para que o EM da Bda conduza o MDMP com tempo reduzido.

MISSION TRAINING COMPLEX (MTC)

O MTC é a instalação onde é conduzido o LTP. Consiste em uma repartição de maior porte onde ocorre o planejamento da Bda e salas de aula onde são conduzidas as instruções e planejamento das U (1 EM por sala). Existem, ainda, as instalações relativas à administração do Exercício e um auditório para APA.

Do lado de fora do prédio principal existe, ainda, um galpão com um grande caixão de areia, onde são consumidas as refeições e conduzidas matrizes de sincronização.

Na figura 2, pode-se observar o *layout* utilizado para a condução das atividades. As Forças-Tarefas ou *Task Force* (TF1, TF2 e TF3) são os Btl de Infantaria subordinados à Bda. Participam, também, as demais U, como Batalhão de Engenharia e o Grupo de Artilharia de Campanha, dentre outros.

O complexo do MTC está localizado no interior do JRTC. Embora conte com uma equipe de apoio, além dos *coaches*, a parte administrativa (montagem das salas, montagem e condução das refeições quentes) é de responsabilidade da própria Bda em treinamento.

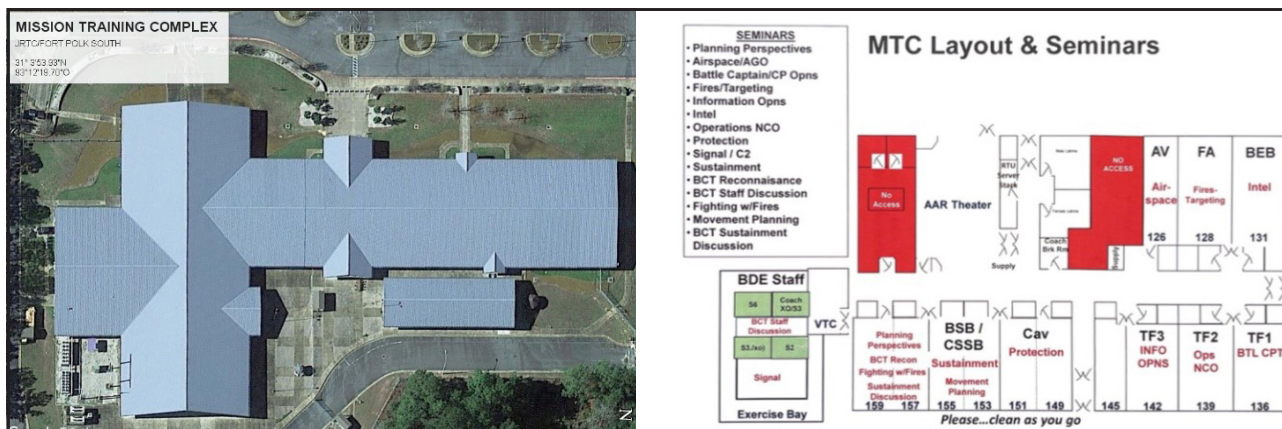


Fig 2 – Mission Training Complex

Fonte: arquivo do autor.

A missão da equipe de *coaches* do LTP é treinar e orientar os Cmt e EM de uma Bda no MDMP, Doutrina, *targeting*, funções das células de EM e operações, em um exercício de 7 a 8 dias, a fim de melhorar as capacidades da GU em Operações Terrestres e preparar a referida tropa para rotações no JRTC.

A organização da equipe de *coaches* do JRTC consiste de um *Team Lead*, que é o *coach* do Cmt Bda, além de *coaches* para as funções de EM Bda, funções de combate da Bda e das U subordinadas.

O *National Training Center* (NTC), no estado da Califórnia, também conduz LTP para as Bda médias e pesadas. A constituição das equipes do NTC e JRTC é bastante semelhante.

Os *coaches* são gerais e coronéis, antigos Cmt de Bda/U, bem como graduados e *warrant officers* da reserva. Em geral, possuem experiência em combate e na metodologia de planejamento do EEUA.

Os *coaches* são contratados por meio de empresa civil, que, no processo de contratação, deve levar em conta os requisitos acima descritos. Esses indivíduos conduzem as instruções e orientações antes, durante e depois de cada fase do MDMP. Nessa condução/orientação, apresentam sugestões de produtos de cada fase do processo, bem como adicionam as suas experiências pessoais.

Cabe ressaltar que, além de experimentados em combate, a maioria dos *coaches* já orientou dezenas de rotações do LTP. Dessa forma, o próprio acompanhamento dos trabalhos das diversas Bda agrega conhecimento para ser repassado a outras GU.

PLANNING STANDARD OPERATIONS PROCEDURES (PSOP)

Os Procedimentos Operacionais Padrão de Planejamento (PSOP, na sigla em inglês) confeccionados pelas Bda, são importantes documentos para a condução do MDMP e que apresentam outras considerações de planejamento das GU e U. O LTP é uma oportunidade para a atualização dos diversos procedimentos previstos nos PSOP.

A experiência dos *coaches* no contato com os mais diversos PSOP é de grande valia para o aproveitá-los no apoio ao planejamento. Por diversas vezes, foram sugeridas modificações nos PSOP, utilizando-se das melhores práticas adquiridas pelos *coaches*, por meio de outros LTP aplicados em diversas Bda.

LTP 24 – PREPARAÇÃO

Como já foi anteriormente mencionado, a primeira participação brasileira no LTP se deu em 2022, na preparação para a CORE do mesmo ano.

Participaram da atividade 2 militares da 12ª Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel (12ª Bda Inf L Amv), um para o nível Bda (Maj BRUM, do Cmdo da 12ª Bda Inf L Amv) e outro para o nível Btl (Cap FELIPE VIEIRA, do 5º Batalhão de Infantaria Leve), com apoio do Cap NICHOLAS, que desempenhava o cargo de subcomandante da Escola de Assalto Aéreo do EEUA. Isto ocorreu visto ser aquela uma participação inédita, ainda sem as informações suficientes para a montagem de uma delegação maior para o acompanhamento da atividade.



Fig 3 – Equipe brasileira no LTP 22. Da esquerda para a direita, Cap FELIPE VIEIRA, Maj BRUM e Cap NICHOLAS

Fonte: arquivo do autor.

Do LTP 22 foram retirados vários ensinamentos, descritos no relatório da atividade. Destacam-se a necessidade de aumento da equipe brasileira e o domínio do idioma inglês.

O que mais ficou evidente, no entanto, foi a demanda de uma preparação intelectual específica, não só no idioma instrumental, mas também na doutrina do EEUA.

Cabe ressaltar que o Grupo de Operações do JRTC auxiliou na confecção de um manual interativo, no estilo dos jogos tipo RPG, com a execução de uma operação de uma Bda no Fort Jonhson.

Trata-se do “*Defense Of The Cajun Bayou*”, que foi utilizado como fonte de preparação para o LTP 22 e proporcionou o mínimo de entendimento na condução da atividade.

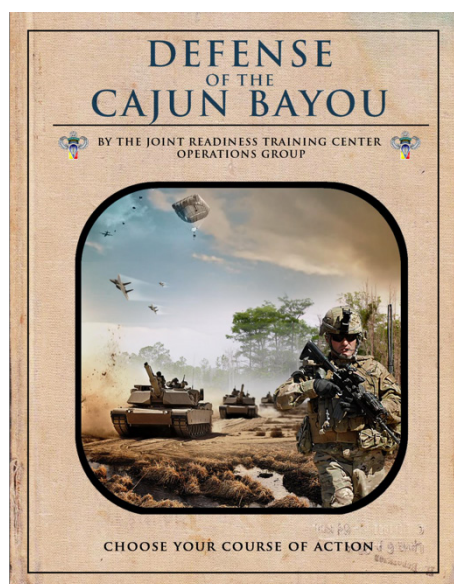


Fig 4 – Manual “*Defense Of The Cajun Bayou*”

Fonte: arquivo do autor.

Fruto desses ensinamentos, para o LTP 24, a equipe foi aumentada para 7 militares. A CORE 24, ocorreu com tropa da 23ª Brigada de Infantaria de Selva (23ª Bda Inf Sl), Força de Prontidão do Comando Militar do Norte (CMN), enquadradas na 2/101 ABN DIV. Assim, a 1ª Companhia de Fuzileiros de Selva (1ª Cia Fuz Sl) do 52º Batalhão de Infantaria de Selva (52º BIS) ficou subordinada ao 1º Batalhão do 26º Regimento de Infantaria (1-26 Infantry Battalion, 1-26 IN), da 2ª Bda norte-americana.

A equipe brasileira que frequentou o LTP ficou assim formada: Coordenador da Equipe (Maj BRUM - atualmente no COTER), Adjunto do E3 da 2ª Bda (Maj TATSUMI - 23ª Bda Inf Sl), Adjunto do E2 da 2ª Bda (Maj MARCOS - Cmdo CMN), Adjunto do Centro de Coordenação de Apoio de Fogo (CCAF) da 2ª Bda (Cap AYRES - 1º Grupo de Artilharia de Campanha de Selva), Oficial de Ligação (O Lig) de Operações Psicológicas (Cap ALLAN BENILSON - 1º Batalhão de Operações Psicológicas), O Lig de Reconhecimento e Vigilância (Cap ÂNGELO EDUARDO - 6º Batalhão de Inteligência Militar) e Adjunto do S3 do Batalhão 1-26 IN (Cap STALLAIKEN - 52º BIS).

Decidiu-se, para um melhor aproveitamento da equipe acima, com base no relatório já citado, criar uma atividade no calendário de preparação para a CORE 24, chamada de LTP Brasil.

Trata-se de uma preparação específica para o LTP 24, chamada de LTP *Brasil*.

Essa atividade ocorreu entre os dias 15 e 19 de abril de 2024, no 52º BIS, em Marabá-PA. Foi conduzida pelos militares que participaram da LTP 22, com base em toda a documentação levantada durante a execução do treinamento e de outras fontes de consulta sobre a doutrina do EEUA. Todo esse material foi disponibilizado com antecedência para a equipe já citada, de modo a facilitar sua preparação.

As instruções foram conduzidas de maneira similar ao que ocorre no JRTC. Foram disponibilizadas, em contato com militares da 1ª Brigada da Força de Segurança e Assistência (1ª SFAB, na sigla em inglês), responsável por assessorar tropas estrangeiras, O Op bastante semelhantes àquelas que seriam utilizadas no LTP propriamente dito.

Com isso, foram feitas instruções preliminares sobre o MDMP e sua execução ocorreu no decorrer da semana (Fig 7).

De modo a melhorar o desempenho, a 23ª Bda Inf SI e o 52º BIS disponibilizaram outros integrantes do EM correspondente, que não iriam participar do LTP. Estes, formando

a equipe de EM o mais completa possível, proporcionaram um melhor treinamento para os militares que iriam para a atividade nos EUA.



Fig 5 e 6 – Instrução no LTP Brasil/Trabalho de EM no LTP Brasil
Fonte: arquivos do autor.

	Seg		Ter.		Qua.		Qui.		Sex.						
	15/abr		16/abr		17/abr		18/abr		19/abr						
0700	Características do LTP	Maj Brum	Introduction MDMP Phase 2 - Mission Analysis	Maj Brum	Mission Analysis Briefing/WARNO #2	TODOS	Execute MDMP Phase 4- COA Analysis	TODOS	Execute MDMP Phase 5- COA Comparison	TODOS					
0750		Maj F. Vieira													
0800	MDMP Introduction	Maj Brum		IPB Introduction	Maj Brum	Introduction MDMP Phase 3 - COA Development			Maj F. Vieira	Execute MDMP Phase 5- COA Comparison	Maj F. Vieira	COA Comparison Briefing	TODOS		
0850															
0900	2nd Mobilyl Brigade 1-26 BN (Info/Cpcd)	Maj Tatsumi Cap Stallaiken	IPB Introduction		Maj Brum		Execute MDMP Phase 3- COA Development	TODOS				COA Analysis Briefing	TODOS	Introduction/Execution MDMP Phase 6 - COA Aproval	Maj Brum
0950															
1000	Capacidades Eqp Rec/Vig Capacidades Dst Op Psc	Cap A. Eduardo Cap A. Benilson		Execute MDMP Phase 2 - Mission Analysis	TODOS	Introduction MDMP Phase 5 - COA Comparison			Maj F. Vieira	COA Aproval Briefing/ WARNO #3	TODOS			Execute MDMP Phase 6- COA Aproval	TODOS
1050															
1100	Introduction MDMP Phase 1 - Receipt Of The Mission	Maj Brum	Execute MDMP Phase 2 - Mission Analysis		TODOS		Introduction MDMP Phase 5 - COA Comparison	Maj F. Vieira				COA Aproval Briefing/ WARNO #3	TODOS		
1150															
1200	ALMOÇO			ALMOÇO		ALMOÇO			ALMOÇO		ALMOÇO				
1300															
1300	Execute MDMP Phase 1 - Receipt Of The Mission	TODOS	Execute MDMP Phase 2 - Mission Analysis	TODOS	COA Dev Briefing		TODOS	Execute MDMP Phase 5- COA Comparison	TODOS	Medidas Administrativas					
1350															
1400					Introduction MDMP Phase 4 - COA Analysis (Wargaming)		Maj F. Vieira								
1450															
1500															
1550															
1600															
1650															
1700	Cmdr Initial Guidance Briefing / WARNO #1	TODOS													
1750															

Fig 7 – Quadro de trabalho da LTP Brasil
Fonte: arquivo do autor.

Além do apoio na disponibilização das O Op, o Maj CORY, chefe da Equipe da SFAB, participou, no dia 18 de abril, de uma videoconferência com a equipe em treinamento na LTP Brasil, tirando dúvidas e passando informações importantes a serem utilizadas na execução do LTP propriamente dito.

Destaca-se que a 2ª Bda norte-americana estava passando por uma reformulação doutrinária, sendo a primeira a experimentar uma nova concepção: a *Mobile Brigade Combat Team* (MBCT) ou Brigada de Combate Móvel (tradução nossa).

Dessa forma, a participação no LTP 24 revestiu-se de importância, visto que o EB adotou recentemente um novo Conceito Operacional.

Além de elementos da 23ª Bda Inf SI, CMN e 52º BIS, militares das Forças Especializadas de Emprego Estratégico (FEEE) também participaram da atividade.

Esses elementos foram os O Lig do Destacamento de Reconhecimento e Vigilância do 6º Batalhão de Inteligência Militar (6º BIM) e do Destacamento de Operações Psicológicas (DOP) do 1º Batalhão de Operações Psicológicas (1º Btl Op Psc).



Fig 8 – Participação da 1ª SFAB no LTP Brasil
Fonte: arquivo do autor.

iniciativa do O Lig brasileiro, o que foi reconhecido pela equipe de *coaches*. Essa parceria permitiu que a equipe combinada desenvolvesse um eficiente trabalho.

Devido à preparação antecipada, o desempenho da equipe brasileira foi bastante destacado.

No nível Btl, o planejamento foi facilitado pela participação da 1ª Cia Fuz SI no 1-26 IN. Houve, também, boa interação entre os representantes dos dois países, e o LTP foi uma grande oportunidade para apresentar, ao comandante do batalhão norte-americano, as capacidades da SU brasileira.

Cabe ressaltar que as barreiras do idioma e a diferença doutrinária dificultam sobremaneira uma participação mais efetiva de tropas estrangeiras no LTP, em particular as que não dominam o inglês.

Entretanto, ao final do treinamento, durante a Análise Pós-Ação (APA), o general aposentado e chefe dos *coaches* reconheceu o trabalho dos brasileiros, dizendo ser muito difícil ver estrangeiros que não têm o idioma inglês como língua materna participarem efetivamente do LTP com tamanha desenvoltura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Leader Training Program* é uma importante atividade preparatória, fundamental para um melhor rendimento nas rotações das Op CORE.



Fig 10 – O Lig do 1º Btl Op Psc realizando *briefing*, sob atenta observação do Comandante do 1-26 IN, na APA do LTP 24

Fonte: arquivo do autor.

Essa importância pôde ser confirmada em agosto de 2024, no JRTC. A Cia Fuz SI

brasileira teve uma excelente integração ao Btl do EEUA, fato também observado no EM U.

O DOP teve um desempenho excepcional, confeccionando a maioria dos produtos da equipe de Operações Psicológicas Combinada e *briefings* para as autoridades simuladas no exercício, entre outras atividades.

O Destacamento de Reconhecimento e Vigilância do 6º BIM teve dificuldades de integração, pois a MFRC estava em experimentação doutrinária e muito do que foi planejado no LTP foi modificado no momento da execução do Exc. Ainda assim, devido ao conhecimento adquirido no LTP, o destacamento conseguiu cumprir diversas missões em proveito do 1-26 IN.

O desempenho, no nível EM Bda, foi muito prejudicado pelo novo conceito de posto de comando (PC) das Bda do EEUA. Com a diminuição de das dimensões de sua estrutura física, houve falta de espaço até mesmo para os militares norte-americanos nos PC. Mesmo assim, os oficiais de Fogos, Inteligência e Operações, em sistema de revezamento, conseguiram interagir e, inclusive, contribuir para aprimorar o planejamento da Bda.

Disso, conclui-se, parcialmente, que o LTP é uma atividade preparatória indispensável para a execução das Op CORE. Ela permite um melhor aproveitamento no Exc propriamente dito e uma melhor coleta de informações para aprimoramento da Doutrina Militar Terrestre brasileira.

Cabe ressaltar a dificuldade de interação das tropas Blindadas e Mecanizadas do EB e do EEUA, ainda não contempladas nas Op CORE. Assim, a participação em LTP no *National Training Center*, poderia ser um caminho para a incentivar troca de conhecimentos entre essas tropas.

Ainda, pode-se encarar o LTP como um modelo para aprimorar a capacitação dos EM no Brasil, na fase de preparação das FORPRON. Observa-se que os exercícios de simulação construtiva têm sido a primeira, e, às vezes, a única, oportunidade dos EM nos níveis Bda e Btl planejarem uma Op. Entretanto, isto se dá já no momento das suas certificações.

Por fim, vislumbra-se que a adoção de um treinamento de EM, nos moldes do LTP, aumentaria sobremaneira a qualidade dos planejamentos das operações, com reflexos positivos na Prontidão da Força Terrestre.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Comando do Exército. **Portaria EME/C Ex nº 310, de 22 de janeiro de 2021**. Aprova a Diretriz de Preparo, Planejamento, Coordenação e Execução dos Exercícios Combinados de Rotação – Brasil–Estados Unidos da América – Exercícios CORE (EB20-D-03.045). Brasília: Comando do Exército, 2021.
- CENTER FOR ARMY LESSONS LEARNED. **The Military Decision Making Process (MDP): CALL Handbook 15-06**. Fort Leavenworth, KS: U.S Army Combined Arms Center, 2015. (disponível em: <https://api.army.mil/e2/c/downloads/2023/01/19/5764f2bd/15-06-mdmp-lessons-and-best-practices-handbook-mar-15-public.pdf>)
- CENTER FOR ARMY LESSONS LEARNED. **Multinational Interoperability Reference Guide: CALL Handbook 16-18**. Fort Leavenworth, KS: U.S Army Combined Arms Center, 2016.
- CENTER FOR ARMY LESSONS LEARNED. **Commander and Staff Guide to Liaison Functions: CALL Handbook 20-05**. Fort Leavenworth, KS: U.S Army Combined Arms Center, 2019. (disponível em: <https://api.army.mil/e2/c/downloads/2023/01/31/fc5969e5/20-05.pdf>)
- CENTER FOR ARMY LESSONS LEARNED. **Defense Of The Cajun Bayou: CALL Handbook 20-16**. Fort Leavenworth, KS: U.S Army Combined Arms Center, 2020. (disponível em <https://api.army.mil/e2/c/downloads/2023/01/31/fbaa5a3e/20-16.pdf>)
- CENTER FOR ARMY LESSONS LEARNED. **Partner and Allies Guide to the U.S. Combat Training Centers : CALL Handbook 22-05**. Fort Leavenworth, KS: U.S Army Combined Arms Center, 2022. (disponível em: <https://api.army.mil/e2/c/downloads/2023/01/31/e747aebc/22-05.pdf>)
- CENTER FOR ARMY LESSONS LEARNED. **U.S. Army South Exercise SOUTHERN VANGUARD 22: CALL Handbook 22-716**. Fort Leavenworth, KS: U.S Army Combined Arms Center, 2022. (disponível em: <https://pi.army.mil/e2/c/downloads/2023/01/31/513386df/22-716-southern-vanguard-22-public.pdf>)
- EXÉRCITO. Comando de Operações Terrestres. **Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT)**. EB70-MC-10.211. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.
- UNITED STATES ARMY. **Commander and Staff Organization and Operations: FM 6-0**. Washington, DC: Department of the Army, 2014.
- UNITED STATES ARMY. **Planning Orders Production: FM 5-0**. Washington, DC: Department of the Army, 2022.
- UNITED STATES ARMY. **Operations: FM 3-0**. Washington, DC: Department of the Army, 2022.
- UNITED STATES ARMY. **The Army In Multinational Operations: FM 3-16**. Washington, DC: Department of the Army, 2024.

SOBRE O AUTOR

O Major de Cavalaria MATEUS FERNANDES BRUM DA SILVA é Adjunto da Divisão de Adestramento e Prontidão da Chefia de Preparo da Força Terrestre. Foi declarado Aspirante a Oficial em 2004, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Kursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) no ano de 2014 e a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) no biênio 2019-2020. Participou de todas as rotações do Exercício CORE até a presente data. Como Oficial de Planejamento da 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel), foi o Oficial de Ligação da Brigada junto ao Comando de Operações Terrestres, participando do Exercício CORE 21, como integrante da Célula Branca, na Direção do Exercício. No Exercício CORE 22, nos EUA, atuou como Oficial de Ligação brasileiro no Estado-Maior da 3/101 *Airborne Division*. Nessa ocasião, participou do *Leaders Training Program* (LTP) como integrante do EM da GU do Exército dos Estados Unidos e participou da rotação, no terreno, como integrante do EM da Bda. No biênio 2023-2024 foi D5 (Operações Futuras) do Estado-Maior CORE, atuando como Orientador do LTP 2024 e como Observador e Controlador do Adestramento (OCA) dos elementos brasileiros atuantes no Estado-Maior da 2/101 *Airborne Division*, durante o Exercício CORE 24, no *Joint Readiness Training Center* (JRTC/Fort Johnson). Atualmente, exerce a função de D3 (Operações) do EM CORE, para o Exercício CORE 25 (brum.mateus@eb.mil.br).



CAPITÃO STALLAIKEN

Comandante da 1ª Companhia de Fuzileiros de Selva do 52º Batalhão de Infantaria de Selva na Operação CORE 24.

AÇÕES DA COMPANHIA PIONEIRA NA OPERAÇÃO CORE 24 – EXPERIÊNCIAS E ENSINAMENTOS

A seleção e o preparo de uma Subunidade (SU) para participar do exercício (Exc) CORE no biênio 2023/2024 ficaram a cargo da 23ª Brigada de Infantaria de Selva (23ª Bda Inf Sl), integrante da Força de Emprego Estratégico do Exército Brasileiro (EB). A 1ª Companhia

de Fuzileiros de Selva (1ª Cia Fuz Sl) do 52º Batalhão de Infantaria de Selva (52º BIS), foi a SU designada para tal Exc. A preparação da 1ª Cia Fuz Sl, Companhia Pioneira ou SU CORE, teve início em março de 2023, com o Exc Munduruku I. Além deste, mais cinco exercícios foram realizados antes do CORE 23. E, em 2024, outros três Exc foram conduzidos como parte da preparação para o CORE 24. Nesse sentido, conforme comentado pelo General de Brigada Eduardo da Veiga Cabral, em entrevista ao Centro de Comunicação Social do Exército, muitos foram os avanços na parte de planejamento no Exc CORE, pois pôde “observar um avanço muito grande na parte de planejamento, do estudo e da consciência situacional, na integração de todas as funções de combate e, sobretudo, na parte de comando e controle, no apoio de fogo, na integração e na interoperabilidade com as demais tropas norte-americanas” (VEIGA, 2024).



Fig 1 - SU CORE durante o exercício MUNDURUKU IX

Fonte: 23ª Bda Inf Sl.

A integração com as tropas norte-americanas da 101ª Divisão Aerotransportada (101 ABN DIV, na sigla em inglês) durante o CORE 23 e o intenso treinamento dos brasileiros possibilitaram à Cia Pioneira vivenciar experiências muito além do realismo e da quantidade de meios empregados durante o Exc CORE 24, as quais merecem

ser abordadas ao longo deste artigo. Assim, o propósito deste trabalho é citar algumas dessas experiências, destacando os principais aspectos que confirmam a validade de Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) ou indicam possíveis aprimoramentos na Doutrina Militar Terrestre (DMT) brasileira.

Para viabilizar a execução dessa fase inicial, a Companhia CORE recebeu um Oficial de Ligação do 1/26 IN e uma equipe da 1ª Brigada da Força de Segurança e Assistência (SFAB, na sigla em inglês), chefiada pelo Major FONTANA, do Exército dos Estados Unidos da América (EEUA), presentes em todas as atividades. Conforme bem explica o oficial, em entrevista concedida ao portal

da Força Terrestre dos Estados Unidos:

“Nosso trabalho é identificar as lacunas e deficiências, não apenas na unidade brasileira, mas também na 101 ABN DIV. Com essa interoperabilidade, sabemos onde estamos para progredir no futuro e, se qualquer conflito começar, poderemos realmente nos unir e criar uma grande força conjunta” (FONTANA, 2024, tradução nossa).



Fig 5 - Reunião para ajustes na Matriz de Sincronização: estreitando laços e eliminando lacunas para obter a máxima eficiência operacional. Em primeiro plano, a partir da esquerda: o Cmt SU CORE, Major EEUA Fontana, Cmt Destacamento de Engenharia e o Observador Avançado de Artilharia

Fonte: SPC Phyleicia-Nicole Dais.

Nessa primeira fase, que simula uma concentração de meios, a SU brasileira vivenciou uma redução escalonada do conforto, como por exemplo, a mudança gradual na alimentação das refeições quentes para as rações operacionais à proporção que se aproximava o dia de entrada “em combate”. Além disso, experimentou um aumento de medidas de segurança e preparação ao combate, como o recolhimento dos aparelhos celulares. Essas ações facilitaram a “entrada em situação”, conduzindo o subconsciente e o foco da tropa de maneira gradativa para o interior do Teatro de Operações (TO) ao evitar distrações externas. Esse aspecto foi observado positivamente pelos comandantes de fração, e foi constatado que também poderia ser adotado pelas direções dos exercícios no terreno realizados pelo EB, como forma de reproduzir uma concentração de meios.

SEGUNDA FASE - Exc DE DUPLA AÇÃO

Como afirmou o *Staff Sgt* Douglas, da SFAB:

“Este exercício bilateral é mais do que

apenas um treinamento, ele representa um avanço significativo na relação militar entre os EUA e o Brasil. O Exército Brasileiro traz capacidades únicas que complementam as do Exército dos EUA, tornando esta parceria crucial para futuras operações na região” (DOUGLAS, 2024).

A fase dos embates pode ser compreendida em três ações bem claras:

- a. a ofensiva inicial, com um assalto aeromóvel para a conquista e manutenção de uma zona de lançamento (15 a 18 de agosto);
- b. o estabelecimento de uma posição defensiva com a preparação de uma área de engajamento (19 e 20 de agosto);
- c. um segundo assalto aeromóvel para participar da conquista de uma localidade valor batalhão (20 a 22 de agosto).

O assalto aeromóvel que assinalou o início das operações contou com o emprego de aeronaves AH-64 (*Apache*), UH-60 (*Black Hawk*) e CH-47 (*Chinook*), seguido de uma infiltração a

pé de 6km para conquista e manutenção de uma localidade. Tal assalto enfatizou a importância de um aspecto, o fator surpresa, já que ocorreu em período noturno ou *Period of Darkness* (POD, na sigla em inglês).

Todos os planejamentos realizados pela força adestrada contemplavam ações de maior vulto para serem realizadas apenas em horas noturnas. No restante do dia, as ações se limitavam às medidas administrativas e à manutenção das posições que foram conquistadas sob a escuridão.

Para viabilizar esse emprego noturno, duas necessidades se destacam, a primeira diz respeito à dotação de material optrônico por toda a tropa. O contingente brasileiro esteve aprestado com excelentes materiais optrônicos, tanto de visão noturna como termal, os quais foram empregados no adestramento antes de embarcar para os EUA. Esse fato possibilitou uma perfeita integração e sincronia nas ações noturnas com a tropa norte-americana que empregava o mesmo equipamento.

Com relação ao segundo requisito, atenção especial deve ser dada ao aprimoramento de instrução noturna. Durante sua preparação, a SU brasileira contemplou em seus planos de adestramento diversos tempos de instrução teóricos e práticos noturnos. Ao desembarcar em solo estadunidense, durante a primeira fase, realizou ensaios noturnos exaustiva e diariamente, refinando ainda mais a desenvoltura no emprego dos meios de visão noturna. Mesmo assim, ao entrar na fase dos embates, os comandantes de fração sentiram a necessidade de treinar ainda mais o combate noturno. Depreendeu-se que isso se deve ao fato de tudo ser revisto sob a perspectiva do emprego sob total escuridão. Assim, todas as TTP são realizadas de maneira adaptada, desde uma simples sinalização de cômodo limpo durante um ataque à localidade até uma identificação de tropa amiga ao realizar uma ligação com elementos vizinhos. Tudo é conformado à escuridão. Verifica-se, portanto, como aspecto crucial, a necessidade de intensificação da instrução noturna.

A liberdade de manobra da Força Oponente (FOROP) do Exc, somada à quantidade de meios empregados, como Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas (SARP) e mísseis *Javelin*, e à experimentação doutrinária de elementos de combate com emprego da Viatura de Grupo de Combate (ISV¹, na sigla em inglês), criou um



Fig 6 - Aeronaves do EEUA durante Assalto
Aeromóvel noturno

Fonte: Centro de Comunicação Social do Exército.

ambiente dinâmico de problemas militares simulados sem precedentes. Esse ineditismo forçou os integrantes da SU CORE a criarem soluções para as quais não havia uma resposta pronta ou um gabarito. O sucesso da tropa brasileira demonstra, dessa forma, que o nosso programa de adestramento tem fornecido ferramentas adequadas à evolução do combate.

A dependência tecnológica dos Materiais de Emprego Militar (MEM) foi outro aspecto observado e que merece ser citado. A despeito do avanço dos meios à disposição, a manobra da força adestrada norte-americana foi significativamente impactada quando a FOROP desencadeou ataques eletrônicos e cibernéticos. Por outro lado, a pouca eficácia desses ataques contra as ações da tropa brasileira foi atribuída à proficiência nos meios tradicionais, como a orientação carta-terreno e utilização da bússola, e à não dependência aos meios tecnológicos pela SU CORE. E isso não passou despercebido pelos atentos olhos dos observadores e militares norte-americanos mais experientes, soando como um alerta preocupante em face da cegueira situacional advinda da extrema dependência tecnológica. Constatou-se, portanto, que o adestramento brasileiro relativo ao emprego dos meios analógicos é importante e deve ser continuado, uma vez que apresenta como resultado uma tropa capaz de operar mesmo quando em ambientes sob ataques eletrônicos ou cibernéticos.

¹Para maiores informações sobre o veículo ISV, pode ser acessado o website do Exército dos Estados Unidos da América no link: https://www.army.mil/article/265471/infantry_squad_vehicle_program_approved_for_full_rate_production.



Fig 7 - Militares da Força Oponente conhecida como Batalhão Gerônimo durante o Exc CORE 2024

Fonte: 101 ABN DIV.



Fig 8 - Viatura de Grupo de Combate sendo experimentada durante o Exc CORE 24

Fonte: 101 ABN DIV.

As tarefas desempenhadas exigiram conhecimentos relativos à organização do terreno, ao emprego de obstáculos, ao apoio de fogo direto e indireto, às atividades de reunião com lideranças locais, à defesa anti-SARP, bem como ao contato com a mídia e população locais. A SU CORE demonstrou adestramento, prontidão, coesão e entrosamento com as funções de combate. Além de ter se apresentado totalmente integrada à tropa norte-americana, conforme citado na Análise Pós-Ação (APA) do Exc. Desse modo, o resultado positivo reforça que o programa de adestramento brasileiro está desempenhando muito bem o seu papel.

Porém, é interessante ressaltar que, embora todas as ações desempenhadas tenham sido um sucesso do ponto de vista militar, alguns aperfeiçoamentos são necessários na preparação das próximas tropas que forem participar dos Exc CORE. O dinamismo das ações na linha de frente, a vasta e crescente

quantidade de meios empregados no combate e a necessidade de atualização da consciência situacional em proveito do escalão superior ressaltam a importância do soldado como vetor de inteligência e seu papel como desencadeador do fluxo de informações. Faz-se necessário, portanto, citar um aspecto como oportunidade de melhoria: a intensificação da instrução de inteligência e o desenvolvimento da mentalidade dos constantes reportes de inteligência e logística, em todos os níveis. Tal incremento proverá uma tropa com capacidade de suprir o escalão superior com informações mais oportunas e com maior precisão.

Durante a preparação do contingente brasileiro, as equipes dos Centros de Adestramento Leste e Sul conduziram suas APA de maneira similar ao que foi realizado no JRTC. Em solo norte-americano, todas as ações foram analisadas por uma equipe de Observadores e Controladores de Adestramento

(OCA) composta por brasileiros e norte-americanos que emitiram seus *feedbacks* durante as APA realizadas após o início de cada uma das três interrupções do exercício (pausas táticas). As discussões táticas, realizadas quase que em tempo real, proveram à tropa adestrada e aos OCA um laboratório de reflexão a fim de

aprimorar as ações mediante a identificação das oportunidades de melhoria. A convergência das metodologias de condução das críticas construtivas adotadas pelas equipes do Brasil e dos EUA criou uma simbiose que resultou uma equipe OCA perfeitamente integrada com reflexos positivos na força adestrada.



Fig 9 - APA conduzida pelo Cap Wright, OCA do EEUA: observações oportunas nas pausas táticas para reforçar acertos e corrigir rumos

Fonte: o autor.

A constatação do *Staff Sgt Douglas* comprova o bom desempenho do contingente brasileiro:

“Os líderes da 2ª Brigada perceberam uma diferença marcante nos aspectos táticos da companhia do Exército Brasileiro em comparação com outros parceiros multinacionais” (DOUGLAS, 2024).

TERCEIRA FASE - EXERCÍCIO DE TIRO REAL (*LIVE FIRE EXERCISE – LFX*)

De acordo com o Caderno de Instrução *Exercício de Tiro Real de Fração*, EB70-CI-11.486, o Exercício de Tiro Real (ETR) é um exercício tático de ataque que envolve, fundamentalmente, o planejamento tático do Comandante de Subunidade (Cmt SU) e dos Comandantes de Pelotão. O principal ponto de observação acerca do planejamento do Cmt SU para esse tipo de exercício, além da manobra em si, é a determinação das medidas de coordenação e controle para a execução do fogo e movimento (setores de tiro, linhas de controle, regimes de tiro, execução de apoio de fogo etc), baseada em dados técnicos precisos. Essa determinação tem a finalidade de garantir a eficiência da ação ofensiva e evitar fratricídios.

Do mesmo modo, o Manual do EEUA TC 7-9, *Infantry Live Fire Training*, cita

que os objetivos do exercício de tiro real incluem integrar todos os sistemas de armas (orgânicos e recebidos); evitar uma “mentalidade de estande de tiro”; treinar comandos de tiro, medidas de coordenação e controle de fogo; e treinar a conservação de munição.

Durante o ETR do Exc CORE 24, ocorrido de 23 a 26 de agosto, foram realizadas quatro principais atividades: normas de comando e reconhecimentos, validação dos armamentos, execução da manobra tática com munição de festim e o exercício de tiro com munição real. Essa sequência corresponde à prevista nos ETR realizados pelo EB.

A manobra tática desenvolvida pela SU CORE consistiu na ultrapassagem de uma SU norte-americana, seguida de um ataque em uma localidade nível SU. Dessa forma, com o avanço coberto por fogos de munição real de artilharia 155mm e 105mm e de morteiros 120mm e 81mm, a SU CORE conquistou o objetivo empregando seus fogos orgânicos. A tropa brasileira conquistou seu objetivo desencadeando disparos reais com os fuzis de cada combatente e apoiada por fogos de Morteiros 60mm, Canhões Sem Recuo 84mm Carl Gustaf, Metralhadoras 7,62mm MINIMI e MAG, como também de Lançadores de Granadas 40mm.



Fig 10 - Militares da SU CORE executam o ataque em uma localidade com emprego de munição real: segurança e realismo nas ações

Fonte: Centro de Comunicação Social do Exército.

Assim, fica nítido que as doutrinas brasileira e norte-americana possuem pontos de contato que facilitaram a interoperabilidade, o que favorece a atuação combinada em futuras operações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Sistema de Preparo e o Sistema de Prontidão Operacional do Exército estão ganhando com a CORE, porque nós estamos comparando, aprendendo, compartilhando problemas com um exército que tem uma doutrina muito parecida com a nossa (NOVAES, 2024).

Embora intangível, é indiscutível o valor agregado ao nível de adestramento das tropas por meio da integração entre os Exércitos e à projeção de poder militar.

Desde o primeiro contato entre a tropa norte-americana e a da 23ª Bda Inf SI, durante o Exc CORE 23, muito conhecimento foi e continua sendo compartilhado, importado e incrementado às TTP de ambos os Exércitos.

A similaridade de doutrinas possibilitou uma indubitável e tenaz integração militar entre Brasil-EUA, cooperando com o incremento da interoperabilidade das funções de combate.

Das experiências auferidas no Exc CORE, pode-se constatar que os programas de adestramento do EB; a condução de APA em momento oportuno; o emprego de meios convencionais, sem descolar-se da evolução

tecnológica dos MEM; e as medidas de coordenação e controle para a realização do ETR são aspectos que favorecem o desempenho operacional da tropa.

A realização de assaltos aeromóveis em períodos de escuridão; a dotação da tropa com meios de visão noturna; o aumento do adestramento do soldado para operar à noite; a intensificação da instrução de inteligência; e o desenvolvimento da mentalidade sobre emitir frequentes reportes de inteligência e logística, com vistas à consciência situacional do Esc Sup, foram algumas das oportunidades de melhoria identificadas com reflexos na evolução da DMT.

A atuação da SU CORE – observada por toda a 2ª Brigada da 101 ABN DIV e acompanhada de perto pelas equipes da SFAB e dos OCA – esteve alicerçada em três pilares: comprometimento em bem representar o país internacionalmente, liderança dos comandantes de fração e valor do soldado brasileiro. Essa projeção internacional do EB pode ser ratificada com as palavras do chefe da equipe da SFAB, Major FONTANA: “Eles são um dos mais inteligentes, mais preparados fisicamente e mais profissionais com quem já trabalhei em 17 anos”.

Desse modo, conclui-se que a participação das tropas brasileiras no Exc CORE é uma experiência fundamental para confirmar a excelência do **Sistema de Prontidão Operacional** do Exército Brasileiro e em muito contribui para a estratégia de dissuasão do Brasil.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. EB70-CI-11.486: **Exercício de Tiro Real de Fração**. Edição Experimental. Brasília, DF. 2024.
- CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO. **Operação aumenta prontidão, operacionalidade e interoperabilidade do Exército Brasileiro - Notícias - Exército Brasileiro**. Disponível em: < <https://www.eb.mil.br/web/noticias/w/core-24-aumenta-prontidao-operacionalidade-e-interoperabilidade-do-exercito-brasileiro>>. Acesso em: 24 de set. de 2024.
- DOUGLAS, B. **1st SFAB Army Advisors, Brazilian Forces strengthen bonds during combined training event with famed 101st Airborne Division**. Disponível em: <https://www.army.mil/article/279890/1st_sfab_army_advisors_brazilian_forces_strengthen_bonds_during_combined_training_event_with_famed_101st_airborne_division>. Acesso em: 24 de set. de 2024.
- FONTANA, Joseph. **1st SFAB Army Advisors, Brazilian Forces strengthen bonds during combined training event with famed 101st Airborne Division**. Entrevista concedida ao Portal Oficial da Força Terrestre dos Estados Unidos. 20 de set de 2024. Disponível em: https://www.army.mil/article/279890/1st_sfab_army_advisors_brazilian_forces_strengthen_bonds_during_combined_training_event_with_famed_101st_airborne_division. Acesso em: 24 de set de 2024.
- HEADQUARTERS. **TC 7-9 – INFANTRY LIVE-FIRE TRAINING**. Washington-DC:Department of the Army, 2014.
- NOVAES, André Luis Miranda. **Operação CORE 24**. Entrevista concedida ao Centro de Comunicação Social do Exército. 20 de set de 2024. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/web/noticias/w/core-24-aumenta-prontidao-operacionalidade-e-interoperabilidade-do-exercito-brasileiro>. Acesso em: 24 de set. de 2024.
- VEIGA, Eduardo Cabral. **Operação CORE 24**. Entrevista concedida ao Centro de Comunicação Social do Exército. 20 de set de 2024. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/web/noticias/w/core-24-aumenta-prontidao-operacionalidade-e-interoperabilidade-do-exercito-brasileiro>. Acesso em: 24 de set. de 2024.

SOBRE O AUTOR

O Capitão de Infantaria CAIO VITOR STALLAIKEN CABRAL LIMA é o Comandante da 1ª Companhia de Fuzileiros de Selva, do 52º Batalhão de Infantaria de Selva. Foi declarado Aspirante a Oficial em 2013, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Concluiu o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais em 2022. Participou do Exercício CORE 23 como Oficial de Operações da FT 52º BIS. Participou do *Leaders Training Program* (LTP), no JRTC, em maio de 2024. Participou do Exercício CORE 24 como Comandante da SU CORE. (stallaiken.caio@eb.mil.br).



1º TENENTE MADDÊO

Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros de Selva durante a Operação CORE 24, nos Estados Unidos da América.

UM PELOTÃO DE FUZILEIROS NA OPERAÇÃO CORE 24

A edição 2024 do exercício (Exc) *Combined Operations and Rotations Exercises* (CORE) ou Operação (Op) CORE, possibilitou o intercâmbio entre o Exército Brasileiro (EB) e o Exército dos Estados Unidos da América (EEUA) em solo norte-americano.

O evento favoreceu o desenvolvimento e atualização das Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) dos pequenos escalões para a defesa do território nacional em combates contemporâneos.

O EB destacou a 1ª Companhia de Fuzileiros de Selva (1ª Cia Fuz SI) do 52º Batalhão de Infantaria de Selva (52º BIS), sediado em Marabá (PA) para o Exc. Essa subunidade (SU) é conhecida como “Pioneira” e, em território norte-americano, foi denominada *Pioneer Company*.

A CORE 2024 ocorreu no *Joint Readiness Training Center* (JRTC) do EEUA, quando a Pioneira integrou o 1º Batalhão do 26º Regimento de Infantaria (1/26 IN, na sigla em inglês) da 101ª Divisão Aeroterrestre (101 ABN DIV) do EEUA.

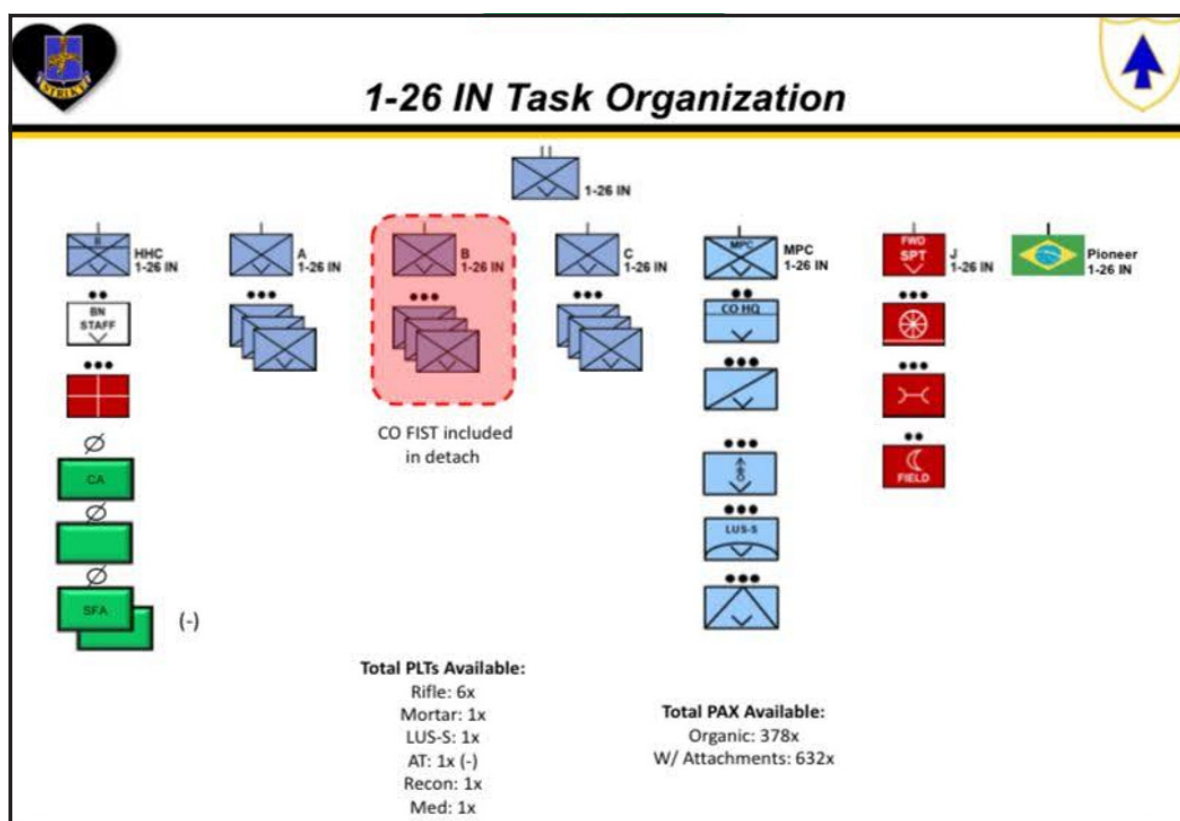


Fig 1 – Organograma do 1/26 IN do EEUA

Fonte: Ordem de Operações do 1/26 IN.

O treinamento desenvolvido até o CORE 24 foi intenso e teve início há aproximadamente dois anos. Desde a primeira atividade de preparação até a CORE 24, foram realizados nove Exc denominados “Munduruku”, voltados para a capacitação da SU em todos os níveis. Além disso, foi realizada a Op CORE 23, em Macapá (AP), onde uma SU norte-americana atuou em

território brasileiro. O ciclo foi concluído com a CORE 24, no JRTC.

Este trabalho tem como finalidade apresentar as ações de um Pelotão de Fuzileiros de Selva (Pel Fuz SI), de constituição padrão, acrescido de um sargento auxiliar de saúde, no Exc CORE 24, destacando os pontos fortes, as oportunidades de melhoria e as constatações realizadas sob a ótica de seu Comandante de Pelotão.

PREPARAÇÃO

A primeira fase ocorreu na região de alojamentos no aeroporto de desembarque (*Aerial Port of Debarkation* - APOD). Nesse local, foram realizadas atividades como a cautela de materiais para a missão, planejamentos e ensaios, além da qualificação de militares com funções específicas, entre outras ações. A

duração dessa fase teve grande importância, contribuindo para a aclimação ao local devido às elevadas temperaturas. Ressalta-se que essa aclimação se mostrou um fator decisivo, em razão das diversas baixas observadas em outras tropas. Contudo, devido à origem da SU ser do norte do Brasil, a aclimação ocorreu de forma mais natural.



Fig 2 – Local de acantonamento

Fonte: o autor.

Foram realizadas atividades importantes, como o recebimento do equipamento MILES, cuja finalidade é similar à do Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático (DSET), utilizado no Brasil. Também foram conduzidos *briefings* para esclarecimento

das regras de engajamento durante o Exc, ensaios de embarque e desembarque de aeronaves, inspeções de materiais, ensaios noturnos utilizando optrônicos, além de planejamentos e emissão de ordens de operação.



Fig 3 e 4 – Cautela dos MILES e adestramento com óculos de visão noturna (OVN)

Fonte: o autor.

TTP AEROMÓVEL – Embarque

Ainda sobre as atividades realizadas no período de preparação, destaca-se a instrução de adaptação à aeronave UH-60 *Black Hawk*. Durante essa atividade, foram realizados ensaios de embarque e desembarque utilizando as TTP empregadas pelo EEUA, conforme será descrito a seguir.

Por ocasião do embarque, os militares aguardam a autorização para prosseguir.

Quando acionados, o primeiro a se deslocar é o militar mais antigo (*chalk leader*) designado para aquela aeronave. Ao chegar à porta, ele deposita seu material no solo e permanece no local, coordenando o embarque, conferindo o efetivo e o material de sua fração. O *chalk leader* é o último a embarcar, momento em que sinaliza ao mecânico de voo, por meio de um “ok”, que a tropa está pronta e posicionada em seus respectivos lugares.



Fig 5 – Embarque Aeromóvel

Fonte: COTER.

TTP AEROMÓVEL - DESEMBARQUE

Por ocasião do desembarque, quando a aeronave toca o solo e o mecânico de voo abre as portas, todos os militares lançam seus fardos de combate para fora da aeronave. Em seguida, o *chalk leader* desce primeiro e coordena o desembarque até que o último homem tenha deixado a aeronave.

Ao desembarcar, os militares devem assumir a posição de tiro deitado a uma distância aproximada de quatro passos da aeronave. Os dois primeiros a desembarcar têm a função de balizar os limites laterais da

área que a fração deverá ocupar, enquanto os demais devem se posicionar entre os dois balizadores. Após o desembarque do último militar, o *chalk leader* realiza uma verificação rápida no interior da aeronave, com o objetivo de certificar-se de que nenhum material foi esquecido.

Concluída a inspeção, o *chalk leader* sinaliza um “ok” ao mecânico de voo e ocupa sua posição de tiro deitado na área designada. Essa coordenação indica que a tropa está em segurança na posição, permitindo que o piloto tome ciência de que pode decolar do local.



Fig 6 – Desembarque Aeromóvel

Fonte: o autor.

TTP AEROMÓVEL - REORGANIZANDO APÓS A DECOLAGEM

Por fim, após a decolagem da aeronave, o militar mais antigo coordena a reorganização da tropa. Nesse momento, cada integrante recolhe uma mochila e abandona a área mais exposta, deslocando-se para um local mais seguro, onde a reorganização é consolidada de forma mais detalhada.

Essa TTP representa o que há de mais atual em conflitos no âmbito do EEUA e apresenta características relevantes para o combate real.

Entre os benefícios, destacam-se:

- redução do tempo de exposição dos militares e da aeronave;
- rapidez na definição de setores de tiro;
- controle mais rigoroso do efetivo e do material; e
- aumento da capacidade de reação da fração.

Esses fatores são preponderantes para os ganhos operacionais proporcionados por essa TTP, que viabiliza resultados decisivos em combate, especialmente no contexto de desembarque de aeronaves.

EMISSÃO DE ORDENS

A SU CORE recebeu a missão de realizar um assalto aeromóvel para conquistar e manter a localidade de Sulit, estabelecendo, em seguida, a segurança na Zona de Lançamento (ZL) Berry. O 3º Pelotão desembarcou na Zona de Pouso de Helicópteros (ZPH) Emu, onde realizou contato com elementos norte-americanos para a reorganização.

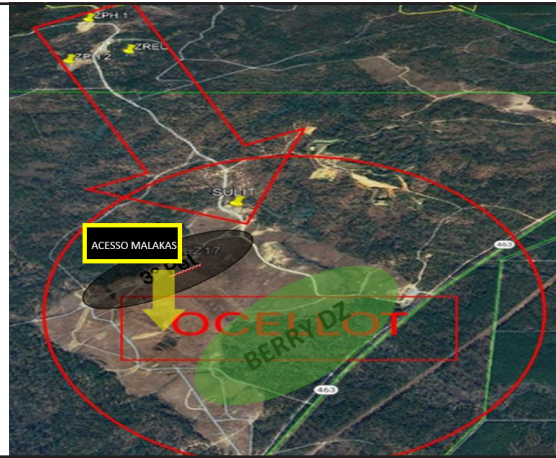


Fig 7 e 8 – Emissão de ordem ao Pel Fuz Sl/Croqui do objetivo

Fonte: o autor.

OPORTUNIDADES DE MELHORIA DA PRIMEIRA FASE

No que diz respeito às TTP aeromóveis, um ponto a ser aprimorado diz respeito ao momento do desembarque, quando o fardo de combate é lançado ao solo. Observou-se que os norte-americanos priorizam a velocidade, muitas vezes sem o devido cuidado com os materiais sensíveis acondicionados nas mochilas. No caso das tropas brasileiras, em virtude das características de peso elevado e da presença de materiais especiais, é essencial atentar para esse lançamento. Recomenda-se que a mochila seja sempre lançada na posição “em pé” para minimizar o risco de danos aos materiais sensíveis, geralmente acondicionados na parte superior.

Identificou-se também a necessidade de um suporte logístico mais eficiente, especialmente em relação à lavagem de roupas e ao abastecimento de água. Considerando a distância entre o alojamento e o ponto de abastecimento de água na área de acantonamento, sugere-se o emprego de viaturas para facilitar o transporte e atender às demandas de forma mais ágil e eficaz.

EXERCÍCIO DE DUPLA AÇÃO

Esta fase consiste em um combate simulado entre dois exércitos: o batalhão ao qual estamos integrados e o Batalhão Gerônimo, designado como Força Oponente (FOROP).

Uma característica interessante dessa etapa é que os planejamentos são conduzidos de forma independente. Tanto o batalhão

Após o desembarque, foi realizada uma infiltração pelo campo, culminando com a conquista do objetivo em Sulit pela Companhia (Cia). Posteriormente, o Pel foi designado para manter a segurança da porção norte de Sulit, bem como da porção sul de ZL Berry, que dava acesso à localidade de Malakas.

norte-americano quanto o Batalhão Gerônimo realizam estudos de situação e ajustes baseados nos fatores de decisão e na evolução dos acontecimentos em tempo real.

O Batalhão Gerônimo foi criado com inspiração em exércitos reconhecidamente oponentes ao EEUA. Suas possibilidades, meios e capacidades refletem o grande poder que potencialmente pode ser enfrentado em situações reais. Além disso, a utilização dos recursos disponíveis pela FOROP é realizada de forma proporcional à resistência oferecida pelas tropas aliadas nos combates, garantindo um cenário desafiador e realista.

INFILTRAÇÃO

A operação iniciou-se com o embarque das tropas no local de concentração situado na Zona de Embarque.

Uma característica interessante adotada pelo EEUA é como realizam o controle de embarque (*check-in*) dos militares que participarão da infiltração. O militar mais antigo de cada aeronave centraliza os cartões de embarque de sua fração e os entrega a um militar responsável, pertencente à 1ª Seção, que realiza a transcrição dos dados dos integrantes daquela leva. Este procedimento garante o controle nominal de cada militar, associando-o à respectiva aeronave e leva, o que facilita a identificação e o controle em casos de pane ou outros incidentes.



Fig 9 – Controle de efetivos na Zona de Embarque

Fonte: COTER.

Apesar de esse procedimento ocorrer de forma totalmente organizada, momentos antes do embarque nas aeronaves, houve mudanças significativas no plano de embarque. Essas alterações apresentaram vantagens e desvantagens.

Por um lado, os ajustes proporcionaram maior flexibilidade durante o embarque e demonstraram a capacidade da tropa de reagir

rapidamente diante de contingências. Por outro lado, essas mudanças comprometeram a integridade tática, dificultando a reorganização na ZPH Emu. Esse impacto resultou em um tempo maior destinado à reorganização, com a necessidade de realizar tiragens de falta à medida que novas levas chegavam.

Após a reorganização, a infiltração a pé foi conduzida sem mais contingências.



Fig 10 – Reorganização na ZPH Emu

Fonte: COTER.

Um aspecto positivo na infiltração foi a constituição de três equipes de navegação (uma equipe por pelotão). Independente do desembarque em ZPH diferentes e da quebra da coluna de marcha pela dificuldade do uso do OVN, a SU conseguia sempre manter-se reorganizada e coesa durante o itinerário até o objetivo.

ATAQUE À LOCALIDADE E *CHECK-POINT*

Inicialmente, o 3º Pelotão foi designado para compor a reserva da SU. Após a companhia conquistar a localidade de Sulit, que estava fracamente defendida, os pelotões receberam a

missão de defender a extensa área da ZL Berry.

O 3º GC foi posicionado na porção norte de Sulit para realizar a defesa dessa área. Já o 1º GC foi responsável por manter a porção sul da ZL Berry, que dava acesso à região de Malakas. O 2º GC, por sua vez, ocupou a posição que interligava essas frações.

Vale destacar que os 1º e 3º GC estavam no esforço principal para defender a região, sendo reforçados com armas de apoio para aumentar seu poder de combate. Adicionalmente, o apoio do módulo de Engenharia desempenhou um papel crucial, sendo responsável por implementar medidas de contramobilidade que dificultaram as Op das tropas inimigas.

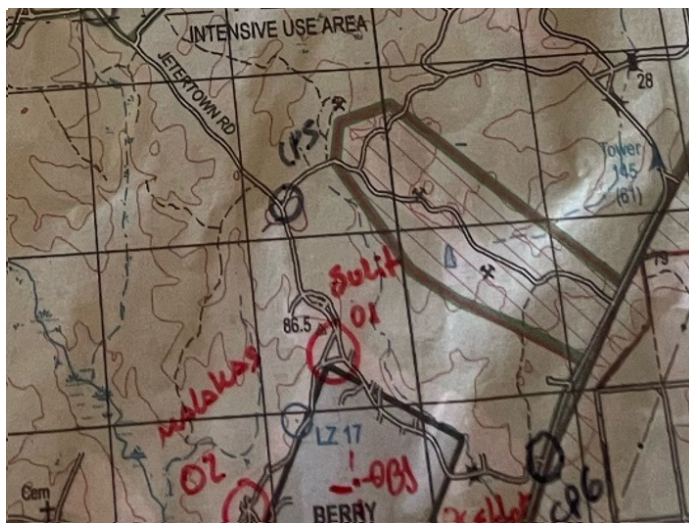


Fig 11 – Croqui de Sulit e ZPH Berry

Fonte: o autor.

Durante a atividade, houve a intervenção do Observador e Controlador de Adestramento (OCA) para a realização da pausa tática, com duração de 4 horas e com a finalidade de reorganizar a tropa e realizar uma Análise Pós-ação (APA). Ao finalizar a pausa, voltou-se, imediatamente, à situação tática anterior.

Houve também alguns contra-ataques inimigos com a finalidade de reconquistarem a localidade de Sulit. Mesmo utilizando diversos meios como blindados e aeronaves, a FOROP não obteve êxito em suas ações.

A região foi ocupada por aproximadamente dois dias, com o bloqueio dos ataques da FOROP realizado conforme o planejamento estabelecido. Durante todo o período, as tropas foram monitoradas por Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas (SARP).

Os contra-ataques foram repelidos com sucesso, principalmente devido ao correto emprego das armas anticarro e das demais armas de apoio. Outro aspecto fundamental foi a atuação da Engenharia, que lançou diversos obstáculos, além da integração eficiente com o Oficial de Fogos da SU. Este oficial solicitava as coordenadas dos obstáculos e elaborava o Plano de Fogos de Artilharia correspondente, garantindo a efetividade das ações defensivas.

De acordo com a evolução dos acontecimentos, foi emitida uma ordem para reposicionamento, com a execução de uma Op defensiva na nova área de atuação do batalhão.

DEFENSIVA

Nesta fase da missão, o Pelotão ocupou uma posição defensiva (P Def) em profundidade na porção sul da área de responsabilidade do batalhão norte-americano, conforme indicado

no croqui (Fig 10). A direção geral do avanço inimigo seguia o eixo Leste-Oeste e a missão atribuída ao Pelotão consistia em deter o avanço do oponente, que poderia desbordar a via principal ao aproximar-se pelo campo.

Como segunda linha de ação, considerou-se a possibilidade de o comboio inimigo identificar a presença defensiva e alterar a direção de deslocamento, acessando uma estrada mais ao sul.

Durante a madrugada, foram recebidos informes da 2ª Seção do Batalhão indicando que o comboio inimigo estaria distante da P Def. Entretanto, o barulho do avanço do comboio tornou-se perceptível, indicando que a primeira linha de defesa, conduzida por outra companhia americana, havia sido rompida. Diante disso, foi emitido o alerta oportuno de que um comboio inimigo estava se aproximando da nossa P Def. Tal comboio era composto de aproximadamente 19 viaturas, entre mecanizadas e blindadas, e até mesmo uma viatura de comando.

Devido à eficiente camuflagem e à confecção adequada das tocas, o inimigo não identificou as P Def durante a emboscada. Como reação, abriram fogo na direção da mata, buscando romper o contato.

A surpresa e a agressividade, aliadas a coordenações eficientes, foram fatores-chave para que a companhia brasileira infligisse significativas baixas de pessoal e material ao Gerônimo. Entre as perdas adversárias, destacou-se a neutralização do comandante do Batalhão Gerônimo.

Alguns pontos fortes foram determinantes para o sucesso da ação:

- a camuflagem eficiente dos abrigos;

- o emprego em massa de armas anticarro;
- a disposição oportuna das metralhadoras nos grupos de combate;
- a utilização da metralhadora .50 acoplada à viatura multipropósito HMMWV; e
- a coordenação minuciosa realizada pelos comandantes de fração em todos os níveis.

A ação foi posteriormente denominada pelos norte-americanos como *"The Night of the Shooting Trees"* ("A Noite das Árvores que Atiram"), em reconhecimento ao desempenho da Companhia Pioneira.

SEGUNDA OFENSIVA

Em decorrência da evolução dos acontecimentos, foi emitida uma nova ordem para ocupar e defender a região da ZPH *Hide Away* e preparar-se para uma nova ofensiva com assalto aeromóvel.

Conforme ocorrido na primeira missão, foi realizado um planejamento detalhado pela SU CORE, incluindo o plano de embarque e as contingências previstas para a ação. Para esta fase, o 3º Pelotão foi designado como responsável pela navegação da SU, integrando o esforço principal no objetivo. Por essa razão, foi o primeiro a realizar a infiltração.

De acordo com o planejamento do batalhão, todos os elementos da SU CORE deveriam desembarcar na ZPH Robbin, a cerca de dois quilômetros do objetivo. Essa atividade seria executada somente após outra SU americana estabelecer a segurança da ZPH. Contudo, o Btl não conseguiu contato devido à falha de comunicação via rádio com os elementos responsáveis pela segurança. Assim, assumiu-se o risco de que a primeira leva reconhecesse e verificasse a presença de forças inimigas na área.

Ao pousar na ZPH Robbin, o pelotão foi emboscado por destacamentos de Forças Especiais do Gerônimo, resultando em quase 100% de baixas. Os pilotos identificaram o contato com o inimigo e informaram ao comandante da SU, que decidiu alterar o local de pouso para o plano contingencial, já que o plano alternativo também apresentava riscos.

REFLEXÕES E INDAGAÇÕES

Após a conclusão da ação, surgiram reflexões importantes:

- Considerando a ausência de comunicações com os responsáveis pela segurança, por que não foi alterado o plano para desembarcar em outra ZPH?
- Sabendo que a companhia responsável

pela segurança havia sido atacada horas antes, por que não realizar fogos de preparação na área para saturar a posição antes do pouso?

- Até que ponto é justificável assumir o risco de desembarcar tão próximo do objetivo (cerca de dois quilômetros), sabendo que a proximidade aumenta significativamente a possibilidade de contato imediato com o inimigo?

Além das indagações, foram perceptíveis no terreno algumas situações que podem trazer ensinamentos: se um pelotão de fuzileiros está com a missão de conquistar o principal objetivo da companhia, o ideal é que essa fração seja "preservada" para que se canalize a utilização de todos os seus meios no momento da ação no objetivo. Por exemplo, o 3º Pelotão estava no esforço principal para conquistar o objetivo, logo, um segundo pelotão poderia estar com a missão de navegar e o pelotão reserva poderia infiltrar na primeira leva para realizar a segurança da ZPH e orientar o local de reorganização da SU. Dessa forma, se tornaria mais possível, mais rápido e mais seguro a reorganização de toda a companhia. Além disso, cada fração teria uma tarefa importante em cada fase da missão.

ENSINAMENTOS

Além das reflexões, alguns ensinamentos obtidos no terreno na ótica do Cmt Pel Fuz podem ser aproveitados para fundamentar possíveis adequações na DMT:

- quando um pelotão tem como missão conquistar o principal objetivo da companhia, ele deve ser "preservado" para que seus recursos sejam totalmente empregados na ação principal em melhores condições;
- a infiltração inicial deve ser conduzida por uma fração especificamente designada para garantir a segurança da ZPH e orientar o local de reorganização da SU. Esta abordagem torna o processo de reorganização mais rápido, seguro e eficiente; e
- cada fração deve receber uma tarefa específica em cada fase da missão. Essa divisão permite que os recursos sejam distribuídos de forma otimizada, aumentando a eficiência e garantindo que o objetivo final seja alcançado com maior eficácia.

OPORTUNIDADES DE MELHORIA NO EXERCÍCIO DE DUPLA AÇÃO

É necessário buscar constante evolução nas TTP aplicadas contra os SARP. Ressalta-se que o EEUA também está empenhado no

desenvolvimento e aprimoramento dessas técnicas, devido à relevância atual de seu emprego.

É essencial melhorar o emprego da Turma de Reconhecimento (*Scouts*), aproveitando-os como sensores de inteligência de forma mais eficaz. Isso inclui garantir a capacidade de estabelecer comunicações rápidas e eficientes para informar com precisão a aproximação do inimigo, especialmente durante a execução de emboscadas.

É importante criar e aperfeiçoar as TTP para o reporte de inteligência, com foco na transmissão de informações críticas com máxima precisão. Isso contribui diretamente para aumentar a consciência situacional dos comandantes de fração e melhorar a tomada de decisões em tempo real.

EXERCÍCIO DE TIRO REAL (ETR)

No ETR a Cia Pioneira realizou ações sobre o objetivo utilizando munição real.

De acordo com o planejamento do Comandante da SU, o 3º Pelotão foi designado para o ataque principal, realizando o investimento em uma localidade. Essa missão apresentava um alto nível de complexidade, devido às inúmeras coordenações necessárias entre as frações, tanto nas entradas táticas quanto nos avanços para as linhas de controle.

Durante a execução dessa atividade, a utilização de munição real torna inadmissíveis quaisquer erros. Por esse motivo, após o reconhecimento do local, a manobra foi exaustivamente ensaiada, garantindo precisão e segurança.



Fig 12 – Ensaio de progressão no ETR

Fonte: o autor.

Uma atividade essencial para a realização do ETR é a validação das armas. Nesse momento, é feita uma verificação detalhada de todos os armamentos coletivos utilizados. Itens como manutenção, funcionamento, conhecimento e tato do atirador são avaliados, determinando se o armamento e o militar estão aptos a prosseguir na atividade. Caso a validação não seja obtida, o militar não participa da atividade, mesmo que eventuais panes sejam sanadas posteriormente.

Entre os armamentos validados durante o processo, destacaram-se as metralhadoras

MAG e Minimi, o Lança-Granadas 40 mm Supersix e as granadas de mão.

Durante a execução da atividade, alguns aspectos positivos foram evidenciados:

- a agressividade demonstrada pela tropa;
- a boa aproximação e ocupação de abrigos;
- a utilização das peças de metralhadora MAG como uma seção sob o comando do Cmt SU;
- o planejamento minucioso e a execução eficiente do escalonamento de fogos; e
- a variação dos regimes de tiro dos armamentos, demonstrando versatilidade e controle.

TTP DE “FORTALEZA DOMINADA”

Uma TTP empregada em ambiente urbano pelas tropas americanas é a sinalização de “fortaleza dominada”. Esta TTP foi apresentada às tropas brasileiras durante os ensaios. Devido à sua relevância e eficiência, recomenda-se sua utilização no Brasil.

A sinalização é empregada somente após a equipe tática realizar a entrada no aparelho, estabelecer a segurança de todo o ambiente e neutralizar eventuais ameaças. Após a conclusão desse processo, ao comando de “Fortaleza Dominada”, a sinalização é colocada em local visível, permitindo que observadores externos identifiquem que a instalação foi limpa, está em segurança e, possivelmente, conta com a presença de tropas amigas. Essa medida é muito eficiente para evitar fratricídios.

O procedimento de sinalização é simples: utiliza-se um painel de cores chamativas com contrapesos ou cordéis que facilitam a fixação em portas e janelas. Para Op noturnas, é adicionado um dispositivo de iluminação por reação química tipo “cyalume” na extremidade do painel, garantindo visibilidade adequada mesmo em condições de baixa luminosidade.



Fig 13 – Painel de Sinalização de fortaleza dominada

Fonte: o autor.

EMPREGO DA METRALHADORA MINIMI NO ETR

A metralhadora leve MINIMI é um armamento individual que, em condições normais, não requer um auxiliar. No entanto, durante a execução do ETR, o OCA norte-americano recomendou a inclusão de um soldado Auxiliar do Atirador para a peça. Esse auxiliar desempenharia funções como designação de alvos, ajuste do regime de tiro e coordenação de mudanças de posição e remunição.

A aplicação dessa recomendação resultou em um aumento significativo na precisão dos disparos, especialmente em alvos mais distantes. Ressalta-se que as metralhadoras empregadas estavam equipadas com a mira de precisão Specter 6x, e a presença do auxiliar contribuiu para reduzir a “visão de túnel” do atirador, ampliando sua percepção situacional.

Essas observações destacam a importância de não restringir rigidamente as formas de emprego de armamentos, permitindo ao comandante da fração maior flexibilidade para adaptar os recursos disponíveis às demandas específicas de cada missão.

Durante o ETR, ao atingir a linha de controle que delimitava o avanço, as peças de MINIMI foram empregadas como uma seção de metralhadoras. Esta abordagem permitiu um volume máximo de fogos à frente, sem intervalos



Fig 14 – Peça de Metralhadora MINIMI em posição com o Auxiliar do Atirador

Fonte: o autor.

significativos entre os remunições. Quando uma fita de munição estava prestes a se esgotar, a peça seguinte assumia a posição e iniciava os disparos, garantindo continuidade e eficiência no apoio de fogo.

OPORTUNIDADES DE MELHORIA NO ETR

Durante a execução do ETR em solo norte-americano, não foram incluídos Problemas Militares Simulados (PMS) voltados para os Auxiliares de Saúde. A realização dessa atividade seria de grande importância, pois simularia uma situação real, na qual o funcionamento eficiente da cadeia logística de evacuação médica é imprescindível.



Fig 15 – 3º Pel Fuz SI ao final da execução do ETR

Fonte: COTER.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração com todas as funções de combate tornou-se fundamental para o bom cumprimento da missão. Para isso, foi de suma importância o trabalho realizado desde a fase de preparação da CORE com elementos de Saúde, Artilharia, Engenharia e Comunicações, por exemplo.

Um ponto a se observar seria a possibilidade de que o reequipamento dos meios optrônicos para a tropa, na fase da preparação, ocorra o quanto antes. Isso permitiria maior adestramento com esse material, tendo em vista que todos os deslocamentos e ações táticas são realizados no período noturno. Logo, há a necessidade de intensificar os ensaios de todas as TTP utilizando os optrônicos à noite.

Foi perceptível que a conduta das tropas brasileiras referente à orientação continua eficiente. A utilização de GPS é indiscutível, porém não pode ser o único meio para a navegação terrestre. A confecção de Quadro Auxiliar de Navegação torna-se fundamental para atuar em terreno desconhecido em qualquer ambiente operacional.

A instrução individual básica bem desenvolvida na fase de preparação é imprescindível para o prosseguimento das Op no tocante às condutas em combate. A preparação intensa, séria e perene é fundamental para o sucesso da missão.

Diante do que foi experienciado, foi possível observar que o EEUA sempre planeja suas Op para que as suas ações sejam executadas nos períodos de escuridão. Infiltração, conquista do

objetivo, atividade logística, tudo era realizado à noite. Com isso, há um grande ganho no que diz respeito à segurança e ao sigilo.

Há também a utilização constante de meios optrônicos. Todos os dias, os norte-americanos utilizavam o OVN como meio básico para qualquer atividade no período noturno. Somado a isso, a utilização de *cyalumes* infravermelhos eleva o nível das Op por facilitar a realização das coordenações.

A situação tática de combate era vivenciada a todo o tempo. Isso traz um realismo e aumenta a capacidade operacional da tropa. Somente durante as pausas tática havia um momento de poucas horas destinados a ajustes e à realização da APA.

A constante preocupação em executar a infiltração aeromóvel com capacidade de realizar cachês com água foi importante devido ao fato de que a qualquer momento a FOROP poderia interromper a cadeia logística, inviabilizando a chegada desse suprimento.

Foi possível observar que até mesmo o EEUA busca constantes evoluções e, também, almeja o desenvolvimento de condutas para combates adaptadas ao contexto contemporâneo.

Durante a CORE 24 tivemos a capacidade de estabelecer as comunicações durante todas as fases da Op. É notório que nossa conduta a respeito do estabelecimento das comunicações permanece eficiente.

As TTP e as condutas descritas nas oportunidades de melhoria são fatores que proporcionam um ganho considerável na capacidade operacional das frações. A

dedicação, a mentalidade profissional e a disciplina fazem com que as atividades com maiores graus de risco sejam realizadas sem qualquer tipo de alteração.

Por fim, a realização de qualquer movimento de tropa sendo executado no período noturno mostrou-se crucial para mitigar possíveis contingências e vulnerabilidades que ocorreriam durante o dia.

Indubitavelmente, nota-se a importância da realização de uma Op dessa magnitude para o EB. Atuar em conjunto com o EEUA gerou ganhos relevantes à nossa Força Terrestre. O compromisso assumido neste trabalho foi o

de buscar contribuir na constante evolução da DMT baseando-se em observações na perspectiva de um Cmt Pel.

O êxito da missão dependeu de todos os envolvidos; entretanto, reforça-se que o comprometimento e a dedicação da tropa na ponta da linha foram fatores decisivos para esse sucesso.

Por fim, constata-se que o adequado preparo permitiu que a 1ª Companhia de Fuzileiros de Selva do 52º Batalhão de Infantaria de Selva pudesse evidenciar a grandeza e a força do nosso Exército Brasileiro no exterior.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército. Estado-Maior. CI 7-10/1: **Pelotão de Fuzileiros**. COTER, 1ª edição, 2009.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. EB70-CI-11.486: **EXERCÍCIO DE TIRO REAL DE FRAÇÃO**. Edição Experimental, 2024.

SOBRE O AUTOR

O Primeiro-Tenente de Infantaria LUAN MADDÊO PAULA é Comandante de Pelotão de Fuzileiros no 52º Batalhão de Infantaria de Selva. Foi declarado Aspirante a Oficial em 2021, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Concluiu o Curso de Operações na Selva (COS) em 2022 e o Curso de Ações de Comandos em 2024. Recentemente comandou o 3º Pelotão de Fuzileiros de Selva durante a Operação CORE 24 nos Estados Unidos da América. (luan_mp2013@hotmail.com).



CAPITÃO COSTA

Comandante da Bateria de Obuses do
1º Grupo de Artilharia de Campanha
de Selva.
Coordenador do artigo.

PLANEJAMENTO DE FOGOS NA OPERAÇÃO CORE 24: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS DOUTRINAS BRASILEIRA E ESTADUNIDENSE

O planejamento e a execução de fogos têm papel central na eficácia das operações militares, sendo objeto de constante análise e aprimoramento.

As funções de combate, segundo o Manual de Campanha EB70-MC-10.341 - Lista de Tarefas Funcionais, “surgiram como uma forma de abordagem para a solução dos problemas militares que consideram as funcionalidades de todas as tarefas sob responsabilidade das Unidades da Força Terrestre em operações” (BRASIL, 2016, p. 1-1).

A Função de Combate Fogos compreende um “conjunto de tarefas e sistemas interrelacionados que permitem a aplicação e o controle de fogos, orgânicos ou não, integrados pelos processos de planejamento e coordenação” (BRASIL, 2015, p. 1-1).

Essa função de combate está diretamente relacionada ao conceito de planejamento de fogos, destacado no manual EB70-MC-5.60-Planejamento e Coordenação de Fogos como:

“atividade conjunta ou singular inerente aos diversos trabalhos de equipes especializadas, nos escalões das forças componentes. Destina-se a promover a busca de alvos (incluindo a aquisição, a análise e a seleção de alvos), visando à aplicação dos meios (aplicação integrada, priorizada, oportuna e adequada dos fogos), segundo a doutrina, a fim de cumprir a missão operativa com o máximo de segurança e rendimento”(BRASIL, 2017, p. 1-1).

Para a realização dessas atividades, existem os órgãos de planejamento e controle de fogos, como o Centro de Coordenação de Apoio de Fogo (CCAF), nos escalões Unidade (U) e Brigada (Bda). Suas especificidades serão detalhadas ao longo deste artigo.

Durante a Operação (Op) CORE (*Combined Operations and Rotations Exercises*) 2024¹, foi possível observar *in loco* a atuação do CCAF nos níveis Grande Unidade, U e SU, por meio dos militares brasileiros que integraram esses órgãos.

O objetivo deste artigo é analisar os principais aspectos observados na doutrina norte-americana, destacando convergências e divergências em relação à doutrina brasileira sobre o planejamento de fogos, com foco na atuação do Oficial de Ligação de Artilharia (O Lig Art) nos níveis Bda e Batalhão (Btl), e do Observador Avançado (OA), elemento de artilharia empregado no nível SU.

O ELEMENTO DE COORDENAÇÃO DE APOIO DE FOGO DE ARTILHARIA DA BRIGADA

Na doutrina brasileira, o Coordenador do Apoio de Fogo (CAF) é o comandante do Grupo de Artilharia orgânico da Bda, auxiliado por um O Lig Art para compor a célula de fogos e o CCAF.

Durante o Exercício (Exc) CORE 24, os trabalhos conjuntos com a célula de fogos da Bda norte-americana evidenciaram a necessidade de comparações doutrinárias para adequar processos às demandas específicas e alinhar o planejamento e a coordenação às redes de comando brasileira e norte-americana.

Uma das primeiras observações foi a diferença na quantidade de militares presentes na célula de coordenação de fogos. Na Bda norte-americana, havia cinco militares, enquanto a equipe brasileira o era menor, em razão de que o foco estava no escalão SU (Cia Fuz). Além disso, o comandante do Grupo orgânico não atuava diretamente como CAF, sendo representado por um oficial superior que realizava as ações de planejamento no Centro de Operações.

Outro aspecto facilitador visualizado foi a presença obrigatória de um oficial especialista em *targeting*² na célula de fogos norte-americana. Esse oficial é responsável por auxiliar o comando da brigada em decisões relacionadas ao processo D3A (Decidir, Detectar, Disparar e Avaliar), além de planejar ações futuras e avaliar as capacidades cinéticas e não cinéticas de apoio de fogo durante as operações.

Essas comparações trouxeram ganhos operacionais significativos para ambos os lados. A maior quantidade de militares na célula norte-americana permitiu uma divisão mais eficiente das responsabilidades, enquanto a

¹O Exc CORE é resultado de um programa de cooperação, assinado entre Brasil e Estados Unidos, que estipula exercícios bilaterais até de 2028. Em 2024, a atividade foi desenvolvida no Fort Johnson, em Louisiana – EUA.

²Processo doutrinário dos EUA que engloba o planejamento e a coordenação de fogos, integrando-os à Inteligência e às Operações. (JP 3-0, apud USA, 2023, p. 1- 2).

expertise brasileira na prática de engajamento de alvos agregou velocidade e precisão ao planejamento em determinar o momento, quais alvos deveriam ser engajados e qual U seria apoiada em cada fase da manobra.

Observou-se que a função do CAF, quando complementada por mais especialistas e redistribuição de tarefas, resultava em um planejamento e coordenação mais direcionados e eficazes. Esta abordagem evitava sobrecargas burocráticas e proporcionava aos integrantes da referida célula um aprimoramento constante das linhas de ação e do assessoramento ao comando da Bda.

Independentemente da doutrina, a função do CAF é crucial para o sucesso das operações. Sua principal responsabilidade é proporcionar e efetivar junto ao comando enquadrante a sincronização do fogo com a manobra durante todo o processo de planejamento e coordenação, assegurando que as missões sejam cumpridas sem o comprometimento pela falta de apoio de fogo.

O OFICIAL DE LIGAÇÃO DE ARTILHARIA NO CCAF DO BATALHÃO DE INFANTARIA

O O Lig Art é o elemento de artilharia responsável por desempenhar a função de CAF da U. Esse oficial assessora o Comandante (Cmt) do Btl na elaboração da Lista de Alvos Altamente Compensadores (LAAC) e das Diretrizes de Fogos.

Além disso, cabe ao O Lig Art consolidar as listas de alvos enviadas pelas subunidades (SU) do Btl, elaborando o Plano Provisório de Apoio de Artilharia (PPAA) à U. Este plano é coordenado com o Plano Provisório de Fogos de Morteiro (PPFM), remetido pela central de tiro de morteiros, sendo posteriormente encaminhado ao Grupo de Artilharia de Campanha (GAC) que apoia as ações da Bda enquadrante.

O PPAA do Btl reúne as necessidades de apoio de Artilharia à unidade, os alvos situados além dos objetivos das SU e os alvos designados pelo Cmt Btl.

Na doutrina norte-americana, o *Fire Support Officer* (FSO) desempenha uma função semelhante à do O Lig Art. Atuando junto ao Estado-Maior do Btl, o FSO assessora no planejamento de fogos da unidade, contribuindo para o planejamento das operações e para a sincronização entre fogo e movimento.

Um diferencial observado é o papel central da tecnologia no processo do FSO, incluindo sistemas avançados de designação de alvos, integração de sensores e comunicação contínua com outras unidades, incluindo a Força Aérea, para a execução de ataques aéreos coordenados.

Embora a doutrina brasileira preveja um CCAF de Unidade robusto, com representantes de fogos de morteiro, fogo aéreo, naval e outros meios de apoio, além de um analista de alvos, essa configuração raramente se materializa nos Exc do EB. Durante a Op CORE 24, foi possível observar uma estrutura de CCAF mais completa, na qual as funções previstas foram desempenhadas por seus respectivos elementos. Essa configuração tornou a função do FSO menos onerosa, permitindo que ele se concentrasse em suas atividades específicas.

Outro aspecto relevante foi o alto grau de importância atribuído ao FSO no Btl norte-americano. Sua ausência é inconcebível, pois ele desempenha um papel essencial na sincronização de fogo e movimento. O FSO também vai além de sua função de ligação entre a unidade e a fração de artilharia apoiadora, auxiliando o comandante no desenvolvimento do conceito da operação e contribuindo, por meio do planejamento de fogos, para a concepção das linhas de ação.

No Brasil, a mobilização inadequada de CCAF em Exc de adestramento, devido à falta de efetivo, prejudica o planejamento e a condução de fogos. Para que o O Lig Art exerça sua função de maneira eficaz, é fundamental que participe ativamente do planejamento da manobra da U, promovendo maior sincronização com o Comando. Ou seja, o Cmt precisa enxergar no O Lig Art um elemento de apoio indispensável para o seu planejamento e um multiplicador de poder de combate para o seu Btl.

Ao comparar as funções do O Lig Art e do FSO, foi evidente que, embora os objetivos sejam semelhantes, o contexto operacional e tecnológico é distinto. No Exército dos Estados Unidos da América (EEUA), é possível uma abordagem mais agressiva e flexível de fogos, com acesso a uma vasta gama de meios de apoio de fogo, desde artilharia de campanha até o executado por plataformas altamente sofisticadas. Isso nos permite consolidar a percepção da importância do FSO. No Exército Brasileiro (EB), o O Lig Art enfrenta desafios como a limitação de meios. Mas o processo de modernização e a valorização desse papel, com a mudança de percepção da sua importância no planejamento da manobra podem aproximar sua atuação da praticada no EEUA.

Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, o O Lig Art em um Btl de Infantaria é peça vital para garantir que o apoio de fogo seja empregado de forma eficaz no campo de batalha.

O OBSERVADOR AVANÇADO NO CCAF DA SUBUNIDADE DE INFANTARIA

De acordo com a doutrina brasileira, a observação é o principal recurso utilizado pela Artilharia de Campanha para obter informações sobre o inimigo, localizar alvos, ajustar tiros e desencadear concentrações. Ressalta-se que a missão do OA de Artilharia é ampla, sendo responsável por proporcionar à arma-base um apoio de fogo preciso, oportuno e eficaz.

O apoio prestado por um OA de Artilharia junto aos elementos de manobra é de extrema importância. Com os benefícios da integração de um elemento de apoio de fogo em uma arma-base, uma SU consegue alcançar o

dinamismo das funções de combate e executar plenamente o escalonamento de fogos³. Além de seu poder de fogo indireto orgânico, a SU passa a ter acesso às capacidades que podem ser providas pelos escalões superiores a que está subordinada.

No Processo de Planejamento e Coordenação de Fogos, o Comandante de SU atua como CAF no seu nível, realizando a integração entre fogos e manobra. Dessa forma, seu trabalho está intrinsecamente ligado ao planejamento de fogos elaborado pelo elemento de Artilharia em apoio ao seu escalão. Esse conceito é ilustrado pela disposição de funções no CCAF da SU, conforme apresentado no quadro 1.

CCAF/SU
Cmt SU - CAF Observador Avançado (OA) Observadores de Pelotão OA de Morteiro Outros elementos conforme necessidade da operação (SFC)

Quadro 1 – Constituição de um CCAF/SU
Fonte: adaptado de MC Planejamento e Coordenação de Fogos, 4ª edição.

Desde a preparação em território nacional para a atividade realizada no Fort Johnson, em terreno norte-americano, confirmou-se o trabalho do OA. Na execução das “Operações Munduruku”⁴, ficou evidente a necessidade de o oficial subalterno de Artilharia designado como OA atuar mais como elemento ativo no planejamento e na coordenação de fogos indiretos, em conjunto com o Comandante da Companhia (Cmt Cia) de Infantaria, do que apenas como observador destacado no terreno, ocupando um posto de observação. Essa mudança de enfoque mostrou o OA como um instrumento valioso quando integrado corretamente na célula de fogos.

Dada a relevância das duas atuações — observação de impactos realizada pelo OA e coordenação de fogos sob responsabilidade do Comandante de SU — torna-se essencial que ambas permaneçam eficazes durante toda a missão. Neste contexto, o CCAF/SU é responsável por esclarecer e separar as atividades de seus elementos, sendo a integração de seus membros um fator determinante para o bom emprego do poder de fogo indireto disponível para a SU.

Embora existam semelhanças entre as Artilharias norte-americana e brasileira no que diz respeito às padronizações técnicas de fogos indiretos, seus desencadeamentos e correções de impactos, o rol de atividades desenvolvidas no CCAF/SU apresenta-se de maneira diferente na doutrina do EEUA. Faz-se necessária, neste contexto, a figura do FSO no nível SU, um oficial subalterno artilheiro destacado para uma SU de Infantaria, que, por possuir capacidades distintas em termos de efetivo e meios empregados, não é chamado de OA.

A *Fire Support Team* (FIST)⁵, célula de fogos da SU norte-americana, confere ao FSO a capacidade de atuar de maneira semelhante a um Oficial de Ligação de Fogos. Sua principal tarefa é coordenar o apoio de fogo com o Cmt Cia, enquanto a solicitação de tiros indiretos fica a cargo dos observadores de pelotões. Esses observadores são numericamente triplicados em comparação aos previstos na doutrina brasileira (três por pelotão, contra apenas um adjunto). Além disso, a FIST desempenha funções adicionais diretamente ligadas ao planejamento e à execução das

³Divisão do emprego dos fogos indiretos em cada fase da operação, levando em consideração o poder de fogo e o alcance de cada material disponível em apoio ao escalão considerado.

⁴Exc preparatórios realizados pela SU CORE – 1ª Companhia de Fuzileiros de Selva do 52º Batalhão de Infantaria de Selva (1ª Cia Fuz SI/52º BIS) em território nacional, com o objetivo de promover a integração de pessoal e a capacitação técnico-operacional. Esses Exc ocorreram no biênio 2023-2024.

⁵Nomenclatura utilizada para as células de fogos norte-americanas nos diferentes escalões. São compostas por: um *Fire Support Officer* (Oficial Subalterno de Artilharia responsável por atuar junto ao Cmt Cia e auxiliar diretamente na coordenação de fogos); um Adjunto do FSO, que auxilia no planejamento e no desencadeamento dos fogos indiretos, além de coordenar o treinamento da célula de fogos; um auxiliar do Sargento Adjunto, responsável por conferir os meios e podendo também desempenhar a função de Observador Avançado; três observadores avançados por pelotão; e rádio-operadores (quantidade variável, dependendo da situação). Fonte: FM 6-30: *Tactics, Techniques and Procedures for Observed Fires* (US Army, 2017).

missões das armas de apoio. Essa robustez estrutural facilita significativamente o desencadeamento de fogos indiretos em prol da SU apoiada.

Além disso, um meio utilizado no Exc, ainda em constante desenvolvimento na doutrina norte-americana (assim como na brasileira), mas que apresentou um emprego mais robusto no EEUA e demonstrou-se extremamente vantajoso em apoio ao CCAF/SU, foi o uso de Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas para observação e *targeting*. Estes equipamentos, além de auxiliarem no processo de identificação de alvos e correção de tiros, conferem ao Cmt SU e ao FSO uma consciência situacional aprimorada, permitindo uma melhor coordenação de fogos com a manobra executada pela SU.

Apesar das diferenças funcionais entre as Artilharias dos dois exércitos, a interoperabilidade foi mantida. A configuração brasileira do CCAF/SU mostrou-se capaz de executar de forma eficaz os planejamentos de fogos para a SU, mas exigiu adaptações da Célula de Fogos frente aos desafios impostos por cada operação e pelas demandas da própria Cia no Exc CORE 24.

Levando em consideração a forma de trabalho da FIST norte-americana, é válido afirmar que a adequação funcional do CCAF da SU CORE e de seus membros, de acordo com as necessidades das operações, foi consolidada ao longo da preparação para o Exc e durante sua execução, operando em conjunto com a FIST do Btl norte-americano ao qual estava integrada a 1ª Companhia de Fuzileiros de Selva (1ª Cia Fuz Sl) brasileira.

Portanto, é correto afirmar que, se uma Companhia alcança a flexibilidade,



Fig 1 – Ensaio da Ordem de Operações do Batalhão norte-americano com a presença do CCAF/SU CORE

Fonte: *US Army*, 2024.

a integração e as competências técnicas necessárias entre todos os elementos do CCAF/SU, o seu Cmt terá à disposição um apoio de fogo eficaz e compatível com os requisitos de seu planejamento da manobra. Assim, faz-se relevante que haja um Oficial de Artilharia destacado para trabalhar junto a uma SU de uma arma-base, atuando como elemento ativo na célula de fogos desse escalão, semelhante ao FSO no nível SU da doutrina estadunidense, mas sem comprometer a capacidade de observação, alcançada pela readequação de elementos e meios disponíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A CORE 24 demonstrou, de maneira inequívoca, a capacidade do EB de operar em conjunto com o EEUA, destacando a interoperabilidade como um pilar fundamental no sucesso das operações combinadas.

Abordar diferentes perspectivas e realizar um comparativo doutrinário acerca do tema Apoio de Fogo é essencial quando se trata de um Exc combinado. Isso se deve ao fato de que o principal objetivo é garantir a interoperabilidade entre todos os elementos participantes dessa atividade.

A execução da CORE 24, no Fort Johnson, evidenciou a capacidade do EB de integrar-se com o EEUA. Não seria correto afirmar que não ocorreram divergências na forma de atuação da Função de Combate Fogos entre os dois países, considerando que a verdadeira interoperabilidade reside na compatibilidade das atuações dos Exércitos, e não na plena igualdade entre eles. Soma-se a isso, as semelhanças nas formas de planejamento e coordenação do apoio de fogo, bem como o uso de termos técnicos similares, que contribuíram significativamente para as atribuições de cada militar brasileiro no contexto do Exc, garantindo que não houvesse impeditivos ao desenvolvimento da operação.

Diante disso, é válido afirmar que, com as atuais capacidades brasileiras de planejamento e coordenação de fogos, caso haja a necessidade de emprego combinado dos dois Exércitos em uma futura operação combinada, há plena convicção de que a atuação de nenhum deles será comprometida em função de doutrinas distintas. Muito pelo contrário: ambos atuarão de forma conjunta e destacada no contexto do combate.



Fig 2 – Militares brasileiros de Fogos recebem Diploma de Interoperabilidade do *1-320 Field Artillery Battalion - Top Gun*

Fonte: *US Army*, 2024.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Lista de Tarefas Funcionais - EB70-MC-10.341**. Brasília, DF, 2016.

Planejamento e Coordenação de Fogos - EB70-MC-5.60. 4. ed. Brasília, DF, 2024. No prelo.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA). Headquarters. Department of the Army. **Fire Support for the Brigade Combat Team - ATP 3-09.42**. Washington, DC, 2016. Disponível em: <<https://armypubs.us.army.mil/doctrine/index.html>>. Acesso em: 15 set. 2024.

Army targeting - FM 3-60. Washington, DC, 2023. Disponível em: <<https://armypubs.us.army.mil/doctrine/index.html>>. Acesso em: 15 set. 2024.

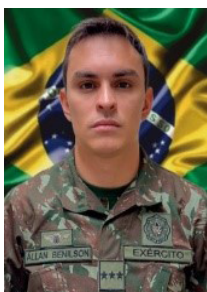
Tactics, Techniques and Procedures for Observed Fires - FM 6-30. Washington, DC, 2017. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/library/policy/army/fm/6-30/f630_3.html>. Acesso em: 15 set. 2024.

SOBRE OS AUTORES

O Capitão de Artilharia DIEGO SANTOS DA COSTA é Comandante da Bateria de Obuses do 1º Grupo de Artilharia de Campanha de Selva. Foi declarado Aspirante a Oficial pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2013. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2023. Exerceu a função de Oficial de Ligação de Artilharia junto ao *1-320 Field Artillery Battalion*, no Exc CORE 24, no Fort Johnson, Estados Unidos da América. (costa.art13@gmail.com).

O Capitão de Artilharia RODRIGO AYRES CHAVES é Fiscal Administrativo do 1º Grupo de Artilharia de Campanha de Selva. Foi declarado Aspirante a Oficial pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2013. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2022. Em 2023, participou do Exc *Northern Strike 23* como observador, e da Op CORE 23 como O Lig Art da FT 52º BIS. Em 2024, participou do *Leader Trainning Program* (LTP), e do Exc CORE 24 como CAF da 23ª Bda Inf Sl, ambos no Fort Johnson, Estados Unidos da América. (ayres5432014@gmail.com).

O 1º Tenente de Artilharia CAIO CÉSAR PETRÍCIO GUIMARÃES é Oficial de Reconhecimento da Bateria de Morteiros do 1º Grupo de Artilharia de Campanha de Selva. Foi declarado Aspirante a Oficial no CPOR/R em 2017 e Aspirante a Oficial pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2022. Em 2024, participou do Exc CORE 24 como Observador Avançado de Artilharia da 1ª Cia Fuz Sl do 52º BIS – *Pioneer Company*, no Fort Johnson, Estados Unidos da América. (caiopetrício@hotmail.com).



CAPITÃO ÁLLAN BENILSON

Comandante do Destacamento de Operações Psicológicas na CORE 24.

PLANEJAMENTO E EMPREGO DO DESTACAMENTO DE OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NA OPERAÇÃO CORE 24

Em um cenário global marcado por conflitos assimétricos, guerras híbridas e ambientes que envolvem não só a dimensão física, mas também as dimensões informacional e humana, as Operações Psicológicas (Op Psc) têm se mostrado essenciais para influenciar percepções, atitudes e comportamentos de públicos-alvo, contribuindo diretamente para a conquista dos objetivos militares estabelecidos.

Além disso, as Op Psc são ferramentas estratégicas que contribuem para a prevenção de conflitos, a manutenção da paz e o gerenciamento de crises. Essas Op promovem a segurança interna e a defesa nacional de maneira não violenta, reforçando sua relevância no contexto contemporâneo.

A importância das Op Psc reside no fato de que a guerra contemporânea transcende o campo de batalha convencional, alcançando esferas sociais e cognitivas. Por meio das Op Psc, é possível minar a coesão do inimigo, reduzir sua capacidade de combate, incitar a rendição ou deserção, desestabilizar suas lideranças e legitimar ações militares perante diferentes audiências.

Em um mundo no qual as redes sociais e os meios de comunicação digital desempenham um papel crucial, as Op Psc, alinhadas aos objetivos militares, possuem grande potencial de impacto tanto em conflitos locais quanto globais. Dessa forma, essas Op têm se tornado cada vez mais relevantes nos conflitos atuais, assumindo um papel crucial na condução de estratégias militares, políticas e de segurança, com ações no nível tático que podem repercutir até mesmo no nível político.

O objetivo deste artigo é trazer uma comparação entre o método de planejamento e o emprego do Destacamento de Operações Psicológicas (DOP) dos exércitos brasileiro e norte-americano em apoio a uma manobra Ofensiva no nível Brigada (Bda), buscando identificar Pontos Fortes e Oportunidades de Melhoria em relação à Doutrina Militar Terrestre (DMT).

Para conduzir essa análise, o texto abordará as peculiaridades de cada método, destacando seus diferenciais e desafios que possam contribuir com a DMT.

PLANEJAMENTO DAS CAMPANHAS DE Op Psc (Cmp Op Psc) ¹

Para a *Combined Operation And Rotation Exercise 2024* (CORE 24) ², foi desenvolvida uma dinâmica de planejamento baseada na doutrina norte-americana, permitindo-se adequações provenientes da doutrina brasileira, com consenso mútuo.

Primeiramente, em ambas as doutrinas, as Op Psc estão diretamente subordinadas ao mais alto escalão empregado em um Teatro de Operações (TO). Ademais, para fins de inserção nos Grupos de Trabalho (GT) durante a fase de planejamento, integram a Função de Combate Fogos³, mais especificamente fogos não-cinéticos, que, na doutrina norte-americana, é nomeada como fogos não-letais (*Non-lethal Fires*).

Além disso, no Exército dos Estados Unidos da América (EEUA), as unidades de Op Psc são consideradas Forças de Operações Especiais. Entretanto, podendo estar inseridas tanto no Comando de Operações Especiais (*United States Special Operations Command*-USSOCOM) quanto em comandos específicos, como o Comando de Assuntos Cíveis e Operações Psicológicas (*United States Army Civil Affairs and Psychological Operations Commands*-USACAPOC).

Mesmo integrando essas tropas de Operações Especiais (Op Esp), as Op Psc podem ser empregadas isoladamente, em apoio a tropas convencionais, sem a necessidade da formação de uma Força Tarefa de Op Esp, como foi o caso no Exercício (Exc) CORE 24.

No contexto do Exc, foi empregada uma Companhia de Operações Psicológicas em reforço à 101ª Divisão Aerotransportada, a *101st Airborne Division* (*Air Assault*), mais alto

¹Conjunto integrado de Produtos e Ações Táticas de Op Psc planejados e desenvolvidos para influenciar as percepções, atitudes e comportamentos de Públicos-Alvo específicos, alinhando-se aos Objetivos Psc e compreendida em um período determinado. São projetadas para alcançar objetivos específicos, como desmoralizar o inimigo, obter o apoio de populações locais, ou criar ressentimentos dentro das forças adversárias. Diferentemente de Ações Táticas isoladas, as Cmp têm alcance mais amplo e maior duração, contribuindo para o cumprimento dos objetivos gerais de uma Op Militar.

²CORE é resultado de um programa de cooperação, assinado entre Brasil e Estados Unidos, que estipula Exc anuais até 2028. Em 2024, a atividade foi desenvolvida no Fort Johnson, Louisiana-EUA.

³Conjunto de atividades, tarefas e sistemas interrelacionados, que permitem o emprego coletivo e coordenado das armas de fogos cinéticos e de atuadores não cinéticos, orgânicos da Força ou conjuntos, integrados pelo processo de planejamento e coordenação de fogos.

escalão no TO, que, para fins do treinamento, era representada pela Direção do Exercício do *Joint Readiness Training Center* (JRTC).

Fisicamente e subordinado à 2nd *Mobile Brigade Combat Team* (2nd MBCT), foram empregados, na situação de comando de Controle Operacional, um *Tactical Psychological Detachment* (TPD) e um DOP brasileiro, que, integrados, constituíram apenas uma peça de manobra do Comandante da Brigada (Bda).

Sendo assim, durante a fase de planejamento, foram cedidos, em Controle Operacional, Turmas Táticas de Operações Psicológicas (Tu Tat Op

Psc) ou *Tactical Psychological Team* (TPT) aos 3 (três) batalhões orgânicos da Bda, para realizar missões ou tarefas específicas e limitadas em prol da manobra prevista para essas Unidades. A Turma de Comando (Tu Cmdo) permaneceu diretamente ligada ao Estado-Maior (EM) da 2nd MBCT para ações específicas de interesse do Comandante desta Grande Unidade.

Tal iniciativa esteve de acordo tanto com a doutrina norte-americana quanto brasileira e permitiu obter capilaridade nas Ações Táticas de Operações Psicológicas (Aç Tat Op Psc)⁴ em toda a Área de Operações (A Op).

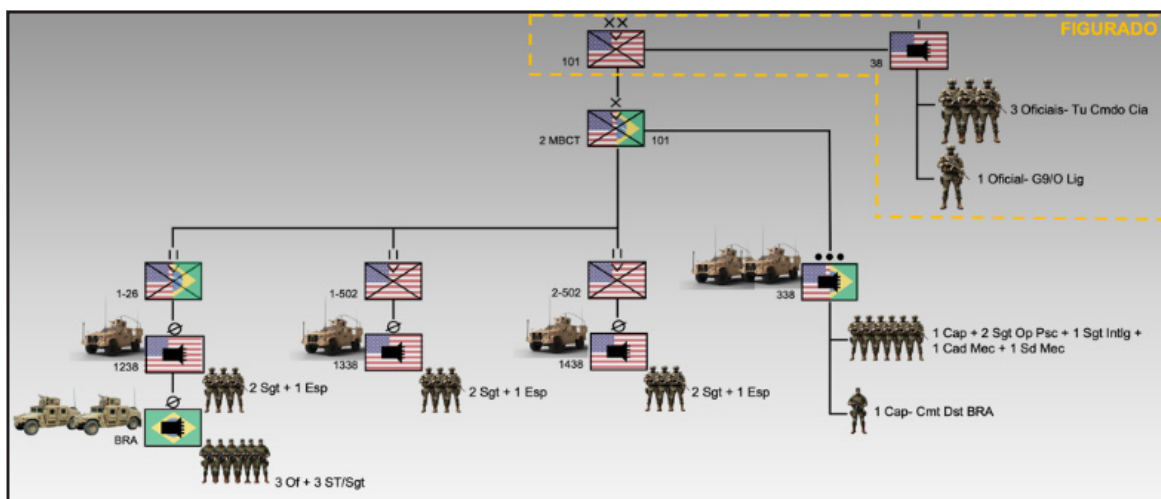


Fig 1 – Composição dos Meios de Op Psc no Exc CORE 24

Fonte: Adaptado de EUA (2024a, tradução nossa).

Durante o planejamento, foi levantado, junto ao DOP norte-americano, que o EEUA possui um Programa de Operações Psicológicas pré-aprovado pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Nesse documento constam listas de Públicos-Alvo (Pub A)⁵, Temas, Objetivos Psicológicos (Obj Psc)⁶ e Efeitos Desejados aprovados por esse órgão federal. Portanto, não é necessária a aprovação de outra autoridade para serem desenvolvidas Cmp Op Psc baseadas nesse documento, sendo necessário apenas que a ordem para a Op militar seja desencadeada e inclua, em sua Composição de Meios, tropas de Op Psc.

Para o planejamento das Cmp Op Psc propriamente ditas, foram encontradas divergências doutrinárias. Na doutrina norteamericana existem os *Psychological Objectives* (PO), que, em sua tradução literal, seriam como os Objetivos Psicológicos (Obj Psc). Todavia, estes não correspondem exatamente aos

conceitos adotados pela doutrina brasileira. Os PO são objetivos amplos que visam alcançar o Estado Final Desejado (EFD), não sendo necessariamente caracterizados por comportamentos.

Para cada PO são determinados *Support Psychological Objective* (SPO) ou Objetivos Psicológicos Secundários (tradução nossa). Esses SPO traduzem os objetivos das Op Psc em comportamentos e consolidam os Efeitos Desejados para as Op.

Ademais, em contraste com a doutrina brasileira, a doutrina estadunidense permite que, para cada PO, sejam identificados e trabalhados diferentes Pub A. Essa flexibilidade possibilita que cada SPO seja elaborado de forma específica e direcionada para atender às características particulares de um público específico.

Segundo o manual TM 3-53.11- *Influence Process Activity: Target Audience Analysis*,

⁴Atividades planejadas e conduzidas com o objetivo de influenciar comportamentos, atitudes e percepções de indivíduos, grupos ou populações de modo a causar impacto imediato em Ambientes Operacionais específicos. Essas ações geralmente incluem a disseminação de mensagens ou informações por diferentes meios, como panfletos, transmissões de rádio, internet, redes sociais, projeções audiovisuais ou comunicações interpessoais.

⁵Grupo específico de indivíduos, organizações ou populações que se busca influenciar por meio de Ações Táticas e Cmp de Op Psc planejadas para alcançar os Objetivos Psicológicos estabelecidos.

⁶São os resultados específicos de natureza comportamental, cognitiva ou emocional que se pretende alcançar junto ao Público-Alvo, com o intuito de influenciar suas atitudes, crenças e ações em prol do EFD de uma Operação Militar.

a seleção dos Pub A na doutrina norte-americana ocorre conforme as respostas a cinco perguntas:

- Quais Pub A serão mais eficazes na realização do Efeito Desejado?
- Quais são as razões para o comportamento atual do Pub A?
- Qual é o melhor meio de comunicação para alcançar o Pub A?
- Como o Pub A pode ser influenciado para atingir o comportamento desejado?
- Quais são os critérios apropriados para avaliar a mudança de comportamento?

(EUA, 2024c, p. 12, tradução nossa)

Para a segmentação dos Pub A, à medida que os especialistas realizam pesquisas sobre a A Op e os Efeitos Desejados, estes fornecem a orientação para a identificação de líderes específicos, comunicadores chave, organizações e conjuntos demográficos relacionados com cada um dos comportamentos desejados. De acordo com o mesmo manual norte-americano citado anteriormente, ao responder a três perguntas, os Pub A podem ser identificados e mais refinados:

- Quais são os Pub que se envolvem (ou que provavelmente se envolverão) no comportamento visado? Estes serão identificados como atores primários.
- Quais Pub A influenciam direta ou indiretamente o comportamento dos atores primários? Estes serão identificados como atores secundários.
- Quais são as subcategorias entre os atores primários e secundários (indivíduos, organizações e conjuntos demográficos específicos, área onde se encontram, faixa etária, etc.)? As respostas a esta pergunta correspondem aos Pub A refinados.

(EUA, 2024c, p. 18, tradução nossa)

CONCEPÇÃO DE PRODUTOS DE Op Psc (Prod Op Psc)⁷

Ainda durante a fase de planejamento, ao longo da criação das Cmp de Op Psc, são concebidos e confeccionados os Prod Op Psc.

Na estrutura organizacional do EEUA, o planejamento dos Prod Op Psc é realizado pelo próprio TPD, utilizando-se de uma reunião de criação para esta tarefa. Entretanto, a confecção é realizada por outra fração, o *Product Development Detachment* (PDD), que em tradução literal seria o Destacamento de Desenvolvimento de Produtos. Já na doutrina brasileira, o próprio Dst Op Psc é responsável por ambas as fases.

Outro fator relevante observado durante o Exc foi o emprego de softwares de Inteligência Artificial (IA) para a confecção de produtos. Os militares do destacamento norte-americano possuem conhecimento básico destas ferramentas, mas, por não estarem diretamente envolvidos na fase de produção, carecem de um aprofundamento técnico na capacidade de utilização. Enquanto isso, o DOP brasileiro já possui *expertise*, pois participa de todo processo de concepção e produção.

A importância desse conhecimento consiste na capacidade de utilizar ferramentas para a geração de imagens que retratem especificamente o ambiente desejado para compor os produtos. Isto evita a exposição de Operadores Psicológicos ao risco durante a obtenção desse material, visto que, na maioria das vezes, o Pub A encontra-se em regiões hostis à presença da tropa. Outrossim, as imagens geradas por IA não possuem direitos autorais e não exigem a autorização dos elementos captados para sua utilização, o que facilita o processo de confecção de produtos gráficos e audiovisuais.



Fig 2 e 3 – Prod de Op Psc confeccionado utilizando Inteligência Artificial

Fonte: EUA, 2024a, tradução nossa.

⁷São os materiais ou meios utilizados para transmitir mensagens específicas aos Públicos-alvo, com o objetivo de influenciar suas percepções, atitudes e comportamentos de acordo com os Obj Psc. Esses produtos são cuidadosamente elaborados, considerando as características culturais, sociais, psicológicas e linguísticas do Público-alvo, para maximizar sua eficácia.

EMPREGO DOS DOP

Para a fase de execução do Exc CORE 24, no terreno, as Aç Tat Op Psc planejadas foram definidas conforme a manobra determinada e os níveis de atuação das frações desdobradas no terreno.

Por conseguinte, as Tu Tat Op Psc cedidas aos Btl orgânicos executaram Aç Tat Op Psc que geraram impacto direto nas manobras das Unidades apoiadas, com efeitos nos níveis tático e operacional.

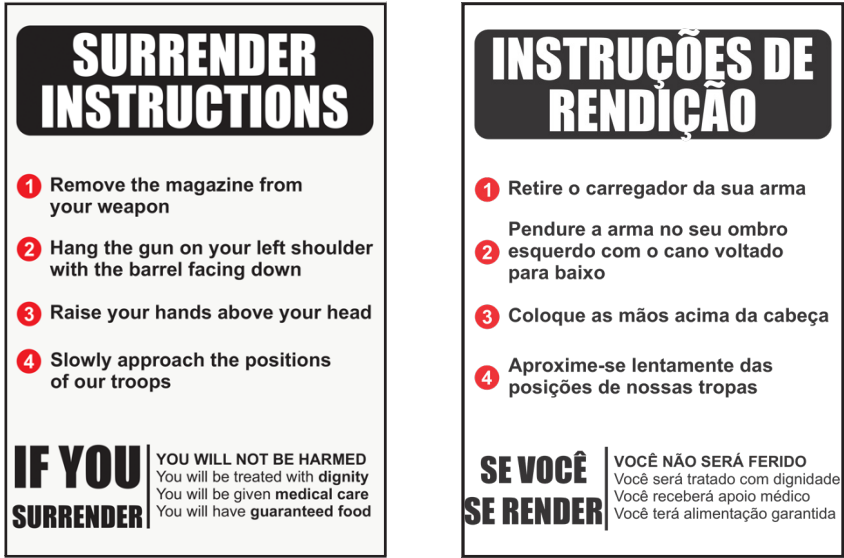


Fig 4 e 5 – Panfleto contendo instruções de rendição, disseminados pelas Tu Tat Op Psc
Fonte: EUA, 2024a, tradução nossa.

Já a Tu Cmdo, subordinada diretamente ao EM da 2nd MBCT, foi encarregada de realizar as ações com efeitos finais nos níveis estratégico e político. Estas incluíram contatos pessoais com

líderes políticos, reuniões de coordenação com integrantes da embaixada norte-americana no país em guerra e mobilizações de integrantes da mídia internacional.



Fig 6 – Contato pessoal com Cônsul da Embaixada dos EUA, no contexto do Exc CORE 24
Fonte: BRUM, 2024.

Essas iniciativas visaram apoiar a totalidade do espectro do conflito armado, alinhando discursos em todos os níveis e impactando as dimensões física, informacional e humana.

Entre as diversas atividades realizadas pelas Tu Tat, destaca-se sua participação

nos esforços relacionados à manobra de dissimulação da Brigada, em coordenação com a Função de Combate Proteção⁸. Foram realizadas disseminações de *spot*⁹ (alto-falantes) em posições pré-definidas para simular a presença de tropas no terreno com um valor superior à realidade. Com isso, o inimigo foi dissuadido a manobrar

⁸Conjunto de atividades, tarefas e sistemas interrelacionados empregados na preservação da força, permitindo que os comandantes disponham do máximo poder de combate para emprego. As tarefas permitem identificar, prevenir e mitigar ameaças às forças e aos meios vitais para as Op, de modo a preservar o poder de combate e a liberdade de ação. Permite, também, preservar populações civis.
⁹É uma mensagem sonorizada que utiliza elementos da linguagem radiofônica, como voz, música e efeitos sonoros.

suas forças em direção à faixa de terreno desejada pelas tropas da coalisão EUA-BRA, onde possuíam seu maior poder de combate.

Conforme a doutrina norte-americana, uma das missões das Op Psc é realizar a dissimulação militar (*Military Deception* - MILDEC), utilizando a guerra psicológica para levar deliberadamente as forças inimigas a terem uma consciência situacional distorcida durante uma situação de combate. A doutrina brasileira também aborda essa possibilidade, porém é algo pouco explorado durante os adestramentos militares realizados.

Por fim, as Op Psc foram empregadas com estreito relacionamento com a capacidade de Assuntos Cívicos, potencializando o angariamento do apoio da população local e evitando efeitos colaterais negativos como a perda de civis ou falta de ajuda humanitária. Essas ações consistiram em apoiar o esforço humanitário, auxiliando as populações civis em situação de conflito por meio do compartilhamento de informações essenciais para esforços de salvamento e reconstrução das áreas afetadas.

Dessa forma, as Op Psc demonstraram sua versatilidade e impacto em múltiplos níveis operacionais e humanitários.

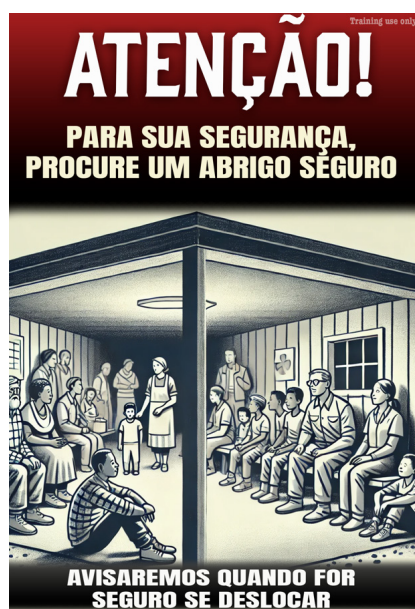
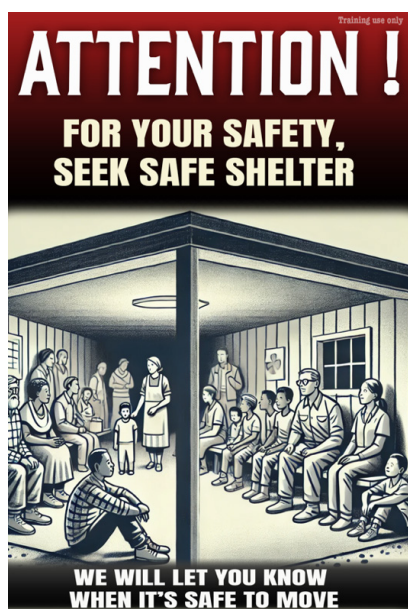


Fig 7 e 8 – Prod Op Psc disseminado em apoio ao esforço humanitário, em coordenação com a capacidade de Assuntos Cívicos

Fonte: EUA, 2024a, tradução nossa.

CONCLUSÃO

A integração entre os DOP brasileiro e estadunidense durante o Exc CORE 24 foi de extrema importância para o intercâmbio de experiências e a identificação de oportunidades de melhoria e pontos fortes na doutrina brasileira de emprego das Op Psc.

Como aspectos a implementar, destaca-se que a existência de Programas de Operações Psicológicas pré-aprovados pelo Estado facilita o planejamento das Cmp Op Psc e garante alinhamento com os objetivos militares definidos pelo componente político. Tal iniciativa pode ser alvo de discussões no âmbito da Força, especialmente considerando o emprego frequente dessa capacidade em diversas operações executadas pelo Exército Brasileiro (EB).

De maneira complementar, a segmentação em duas partes para a definição dos Obj

Psc, prevista na doutrina estadunidense, mostrou-se eficiente por alinhar melhor as Cmp Op Psc ao EFD e facilitar a seleção dos Pub A específicos para cada Efeito Desejado. Após estudos detalhados, essa metodologia poderia ser incorporada à DMT, aumentando a efetividade das Cmp de Op Psc.

Em acréscimo, a inclusão de parâmetros de segmentação dos Pub A, baseada em análises criteriosas e minuciosas, constitui uma oportunidade de melhoria que pode contribuir para que as Cmp Op Psc obtenham melhores resultados e efeitos mais duradouros nos Pub A selecionados.

A utilização da capacidade de Op Psc junto aos esforços de dissimulação mostrou-se bastante eficaz no contexto do Exc CORE 24 e sua inserção em Exc militares brasileiros é algo que pode aprimorar o emprego das Op

Psc no país, além de promover a integração com diversas outras capacidades do EB, como engenharia e inteligência.

Além disso, a atuação conjunta com especialistas em Assuntos Cíveis foi de grande valor para o alcance dos objetivos, especialmente nas dimensões humana e informacional. A criação de unidades e frações destinadas especificamente para essa capacidade no âmbito do EB ampliaria o poder de combate da Força Terrestre e potencializaria seu impacto em operações militares.

Por outro lado, como pontos positivos observados, a capacidade do Dst brasileiro de conjugar o planejamento e a produção em uma fração foi de extrema importância para uma maior presteza no planejamento e despacho das Cmp Op Psc, permitindo um acompanhamento total do faseamento imposto pelo EM da 2nd MBCT. Este ponto foi, inclusive, uma Oportunidade de Melhoria levantada para a doutrina estadunidense, demonstrando que a DOP prevista no EB está consoante as necessidades apresentadas nos conflitos atuais.

Por fim, o uso da IA tem se mostrado crucial para otimizar processos, automatizar tarefas e impulsionar a tomada de decisões baseadas em dados, trazendo eficiência e inovação. No contexto do Exc, o DOP brasileiro corroborou

com essa afirmativa ao demonstrar que seu uso é um ponto forte presente nas técnicas, táticas e procedimentos das Op Psc brasileiras em relação ao exército do país parceiro.

Em vista do exposto, destaca-se a relevância da participação de um DOP nos Exc CORE. Essa contribuição foi de extrema importância para esta capacidade integrante de um dos Módulos de Emprego Estratégico do Exército. O intercâmbio reforça a necessidade de continuidade dessa parceria durante a vigência do acordo entre os dois países, tanto nas atividades realizadas em território nacional quanto no exterior. Tal sequência é essencial, considerando a volatilidade e a constante evolução das demandas e estratégias relacionadas ao emprego dessa capacidade.

Em síntese, os métodos de planejamento e emprego das Op Psc dos exércitos norte-americano e brasileiro são muito similares, restando algumas diferenças pontuais. Essa constatação reafirma que a DMT está alinhada aos padrões modernos, atendendo aos requisitos operacionais exigidos na atualidade.

Assim, as Op Psc consolidam seu papel como ferramenta indispensável para o alcance dos objetivos estratégicos em operações militares contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **As Operações Psicológicas nas Operações**. EB70-MC-10.249. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2021a.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Psicológicas**. EB70-MC-10.230. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2021b.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Processo De Planejamento e Condução Das Operações Terrestres (PPCOT)**. EB70-MC-10.211. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.
- BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Doutrina Militar Terrestre**. EB20-MF-10.102. 2. ed. Brasília, DF: EME, 2019.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de abreviaturas, siglas, símbolos e convenções cartográficas das Forças Armadas**. MD33-M-02. 4. ed. Brasília, DF: MD, 2021c.
- EUA. 2nd Mobile Brigade Combat Team. **Operation Order Strike Fury**. US Army, 2024a.
- EUA. 2nd Mobile Brigade Combat Team. **Operation Order Strike Fury**. Psychological Operations Series Appendix. US Army, 2024b.
- EUA. Departamento do Exército. **Brigade Combat Team**. FM 3-96. US Army, 2021a.
- EUA. Departamento do Exército. **Civil Affairs Operations**. FM 3-57. US Army, 2021b.
- EUA. Departamento do Exército. **Civil Preparation of the Battlefield**. TC 3-57-51. US Army, 2021c.
- ESTADOS UNIDOS. Departamento do Exército. **Influence Process Activity: Target Audience Analysis**. TM 3-53.11. US Army, 2024c.
- EUA. Departamento do Exército. **Information**. ADP 3-13. US Army, 2023a.
- EUA. Departamento do Exército. **Military Decision-Making Process**. US Army, 2023b.
- EUA. Departamento do Exército. **Military Support Information Operations Process**. ST 33-01. US Army, 2024d.

SOBRE O AUTOR

O Capitão de Cavalaria ÁLLAN BENILSON MORAES MOREIRA é Comandante de Destacamento de Operações Psicológicas no 1º Batalhão de Operações Psicológicas. Foi declarado Aspirante a Oficial de Cavalaria em 2015, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Possui os cursos de Operações Psicológicas, Básico Paraquedista e os estágios de Salto-Livre e Caçador de Corpo de Tropa. Realizou o *Leaders Training Program* (LTP), no *Joint Readiness Training Center* (JRTC) nos Estados Unidos da América. Foi Comandante do Destacamento de Operações Psicológicas brasileiro no *Combined Operation And Rotation Exercise 2024* (CORE 24). (allanbenilson.moreira@eb.mil.br).



2º SARGENTO SAMIRA

Auxiliar da Assessoria de Apoio para Assuntos Jurídicos da 23ª Brigada de Infantaria de Selva.

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA OPERAÇÃO CORE 24

É amplamente reconhecido que, no Brasil, a inserção do segmento feminino nas Forças Singulares ocorre de forma gradual, mas constante, devido às mudanças nos conceitos e valores das pessoas que integram esse ambiente, historicamente masculino.

Atualmente, há igualdade de condições e oportunidades, independentemente do sexo, desde que sejam cumpridos os requisitos exigidos para a função. Pautando-se na meritocracia, salvo para funções excessivamente específicas, logra-se o objetivo de reduzir a substancial diferença ainda existente na sociedade contemporânea. E a quebra desse paradigma

foi uma realidade experimentada no Exercício (Exc) CORE (*Combined Operations and Rotations Exercises*) 2024.

O Exc CORE 24 ocorreu no *Joint Readiness Training Center* (JRTC). Este centro é reconhecido por suas instalações de ponta e pela capacidade de simular uma ampla gama de cenários operacionais, proporcionando uma experiência prática e valiosa. Esse intercâmbio, representou uma oportunidade ímpar para o aprimoramento de habilidades em um ambiente de treinamento altamente avançado, permitindo angariar conhecimentos e trocar experiências com o exército mais avançado do mundo.

Após uma criteriosa seleção da tropa e Exc direcionados de adestramento, realizados ao longo de dois anos, foi possível atuar na linha de frente do campo de batalha, lado a lado com o segmento masculino. Durante o Exc, uma das funções desempenhadas foi a de Sargento de Saúde de um Pelotão de Fuzileiros, executando-se as mesmas ações atribuídas à tropa, como marchas, infiltrações aeromóveis, infiltrações fluviais, além de diversas outras atividades operacionais em comum, respeitando, evidentemente, as peculiaridades da função específica.



Fig 1 e 2 – Atividades desenvolvidas em comum

Fonte: Cb Messias - 52º BIS e Ten Anna Cristina - CMN.

A participação de duas militares no Exc CORE 24, integradas aos pelotões de fuzileiros e em igualdade na execução das tarefas inerentes à missão, representa um marco que incentiva amplamente a participação feminina nas atividades operacionais. Tal iniciativa fomenta a valorização e o reconhecimento da importante contribuição das mulheres nas Forças Armadas, refletindo diretamente na promoção da igualdade pelo Exército de Caxias ao longo do tempo,

respeitando as limitações e desafios de cada época.

Este artigo tem como objetivo comprovar o processo evolutivo da participação feminina em ambientes operacionais por meio do trabalho realizado no Exc CORE 2024, com o intuito de contribuir, com as lições aprendidas e as experiências vivenciadas, para a Doutrina Militar Terrestre (DMT), possibilitando uma percepção precisa e atualizada da participação feminina em ambientes operacionais.

Ademais, reconhece-se a importância de cada elemento no contexto da missão atribuída, cooperando para o emprego da Força Terrestre (F Ter) nas operações conjuntas ou singulares.

ATUAÇÃO DO SEGMENTO FEMININO NO Exc CORE 24

A atuação do segmento feminino no Exc em análise esteve ligada à prevenção e ao tratamento de saúde da tropa, dentro e fora do cenário de combate, garantindo a higidez física de todos os militares. Esta função é indispensável e prevista pela doutrina, considerando que a saúde operacional é vital para o combate.

Além disso, com conhecimento específico e material adequado, atuamos com o fito de diminuir o risco de morte dos combatentes atingidos na zona de combate, no primeiro momento, indagando sobre a possibilidade de

o sargento de saúde ser parte indispensável da fração, e não somente um apoio externo.

Ainda, a função desempenhada incluiu a capacitação dos fuzileiros, preparando-os para agir na zona quente do combate, por meio do uso de técnicas e materiais específicos para atendimento em campo tático. Esta conduta pode preservar vidas até a chegada de socorro especializado. Trabalhou-se incessantemente para que essa prática se tornasse uma conduta pacificada, enraizada e indispensável no contexto do combate.

Esse resultado foi alcançado por meio de quase dois anos de adestramento intenso, com diversas capacitações dos combatentes em todos os níveis da Companhia CORE. Durante esse período, além do conhecimento disseminado, foram executados diversos treinamentos e testes aplicados de modo rigoroso, tudo para garantir uma resposta eficaz quando necessário.



Fig 3 – Instalação de Saúde de Campanha do EEUA: comparação das doutrinas e materiais

Fonte: a autora.

Ressalta-se, nesse contexto, que o papel do Atendimento Pré-Hospitalar Tático, sobretudo em combate, tem importância similar ao das armas. A quantidade de baixas reflete diretamente no poder combativo da tropa, influenciando não apenas na superioridade de fogo, mas também em seu moral. No entanto, esse tema merece uma análise mais aprofundada e isolada.

TESTE FÍSICO OPERACIONAL

A fragilidade física feminina foi um argumento frequentemente utilizado quando se discutia a capacidade de suportar esforços físicos prolongados. Essa concepção foi também levantada durante o período de adestramento para a missão CORE 24, visto que a ideia desse paradigma é, historicamente, um ponto de questionamento quanto à complexidade física das funções militares.

Embora as diferenças biológicas sejam amplamente conhecidas e evidentes, os treinamentos propostos pelo Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército (IPCFEx), por meio do Treinamento Físico Militar Operacional (TFMO), que exigiram condicionamento compatível, foram cientificamente desenvolvidos para atender às diversas funções inerentes à missão, inclusive aquelas desempenhadas por nós, representantes do segmento feminino.

Essa atividade, incluída como assessoramento técnico do IPCFEx ao Comando de Operações Terrestres (COTER), coordenador da preparação da tropa, teve como objetivo avaliar o desempenho dos militares nas principais demandas físicas necessárias para o combate, serviu, ainda, de apoio à decisão no processo

de seleção dos militares e na elaboração de um plano de treinamento específico.

Além do TFO, foram realizadas tanto avaliações da composição corporal e dos níveis de força, quanto dos níveis de força de preensão manual, escapular e membros inferiores dos militares.

Restou evidente que, salvo outro entendimento, ao desempenhar funções similares que exijam as mesmas condições físicas, é mister estabelecer requisitos essenciais, independentemente do sexo. O TFO, adotado pelo IPCFEx, verificado na figura 4, avalia diretamente as tarefas de combate certificando, indiscriminadamente, homens e mulheres que compõem o universo operacional de determinada tropa.



Fig 4, 5 e 6 – Teste Físico Operacional
Fonte: Cb Messias - 52º BIS e sítio eletrônico do IPCFEx.

O sexo dos militares da Companhia CORE não foi, em nenhuma fase da preparação, o cerne da questão. O foco principal foi garantir que a resistência e a operacionalidade fossem mantidas e que cada função fosse desempenhada de maneira eficiente.

Acerca do tema, por meio desse teste, o IPCFEx explorou muito bem as habilidades individuais e garantiu um nível de treinamento que assegurou a aptidão da tropa, incluindo o segmento feminino, em todas as fases da seleção e da missão propriamente dita. A resistência física da tropa brasileira foi, até mesmo, motivo de destaque entre os militares do Exército dos Estados Unidos da América (EEUA), reforçando o êxito do método aplicado.

Com base no exposto, é possível afirmar, com tranquilidade, que a preparação física pode ser trabalhada de forma a permitir que o segmento feminino atinja os índices exigidos, podendo inclusive superar a *performance* masculina em determinados aspectos. O sexo não foi um fator limitador, sobretudo na execução das diversas atividades propostas durante quase dois anos de preparação e na missão em si.

DESAFIOS SUPERADOS

As mulheres ainda são vistas como carecedoras de proteção, o que muitas vezes leva à exclusão de atividades consideradas de risco e que, tradicionalmente, seriam atribuídas

aos homens. Não há que se esquecer que o perfil da mulher está ainda muito relacionado ao lar e à maternidade, uma realidade totalmente distinta do que se encontra em campo de batalha.

Em virtude disso, muitos países impõem limitações ou restrições de acesso amplo a determinadas funções, principalmente aquelas que poderiam comprometer a operacionalidade e ações de combate. Um exemplo disso foi observado no Exército Mexicano, presente no centro de treinamento, durante o mesmo período, onde não havia mulheres na sua tropa operacional, sendo designadas exclusivamente para funções administrativas, conforme relatos dos próprios militares mexicanos. Tal fato ficou evidente em comparação com o nosso Exército e, mais ainda, com o EEUA que atualmente conta com o percentual 17,6% de mulheres na ativa. O EB, por sua vez, dispõe de cerca de 10% de mulheres em seu efetivo total.

Tanto na preparação, quanto na execução desta missão, ficou evidente como a quebra desse paradigma contribui positivamente não apenas para a tropa designada, mas para as Forças Armadas como um todo. Inserir, desde o início, o segmento feminino no Pelotão, em virtude da função, foi essencial para garantir um desempenho no mesmo nível do restante da tropa, em todas as fases e atividades, o que resultou no êxito da missão.



Fig 7 – Troca de experiências entre o segmento feminino no cenário operacional

Fonte: a autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, significa dizer que a preparação adequada e o entrosamento com a tropa e as atividades operacionais garantiram uma familiaridade e naturalidade no desempenho das atividades táticas, que já fazem parte do cotidiano do militar de Infantaria, mas não são comuns ao militar de Saúde, tampouco ao segmento feminino.

Desse modo, os aspectos observados em conjunto evidenciam que a atuação integrada do segmento feminino com a tropa operacional foi reflexo de um adestramento comum. Este processo que garantiu estreiteza com as atividades operacionais, aumento da resistência física por meio de treinamentos específicos e a construção de vínculo com a fração a que se pertencia, possibilitando compreender as limitações, necessidades e aptidões de saúde de cada combatente.

Esse modelo, que inclui a inserção em todas as atividades desde a fase de planejamento, além do treinamento direcionado e equânime junto à tropa, tem o potencial de elevar a capacidade operacional do segmento feminino. Pode ser um parâmetro para o Preparo da Força Terrestre, com o objetivo de explorar um novo método de inserção do segmento, assim como a execução das diversas atividades operacionais.

Por exemplo, no Treinamento Físico Militar (TFM), atualmente, são estipulados padrões individuais com a finalidade de orientar o desenvolvimento do desempenho físico. Estes padrões são estabelecidos conforme as necessidades e peculiaridades, como a situação funcional e a idade.

Levando em consideração os conceitos de igualdade e alteridade, é importante destacar que o modelo de treinamento e os testes realizados

ao longo da preparação para o Exc CORE 24 podem agregar significativamente ao modelo atual de TFM, pois ficou evidente o aumento da força e resistência física.

A presente análise repousa na certeza de que as limitações relacionadas ao sexo, decorrentes da fisiologia, são superáveis frente a um treinamento direcionado, adequado e contínuo. Assim, os pressupostos e requisitos, exigidos para ambos os segmentos, respeitando as funções desempenhadas, comprovam que as atividades podem ser cumpridas sem comprometer a operacionalidade da tropa. Foi exatamente o vivenciado nesse intercâmbio, desempenhando-se as mesmas atividades, e adaptando-se como parte essencial dos pelotões, conforme supramencionado.

Ainda é imperioso debater o tema da inclusão feminina na carreira militar, especificamente no tocante à importância da participação efetiva do segmento feminino nas atividades de combate, sobretudo no contato, como vislumbrou-se no CORE 2024. Este debate é essencial para rechaçar qualquer prejulgamento e destacar sua relevância.

A ausência de segregação entre homens e mulheres, durante a missão, garantiu o êxito das ações mais complexas, em especial as que exigiam integração total da tropa. Esse reconhecimento foi facilitado pela convivência, fortalecimento dos laços e realização de todas as atividades em conjunto, refletindo diretamente em atributos da área afetiva, que envolvem a sã camaradagem, principalmente.

Logo, a presença feminina nas Forças Armadas (FA) do Brasil é uma realidade que está se consolidando. Os resultados deste processo têm se mostrado compatíveis com uma Instituição cada vez mais preparada e participativa nos temas relacionados à Defesa Nacional.



Fig 8 – Encerramento do Exc de Tiro Real. Sargentos do 1º Pelotão de Fuzileiros de Selva

Fonte: a autora.

Desta feita, a experiência analisada corrobora o intuito de se ampliar a inserção do segmento feminino nas FA, um esforço que tem sido eficaz no aperfeiçoamento de suas tropas. Esta iniciativa aproxima o EB de um dos maiores exércitos do mundo, contribuindo para o enfrentamento das desigualdades e para a eliminação da discriminação contra a mulher, demonstrando que este segmento está cada vez mais pronto e integrado para atuar no cenário de combate.

Por fim, representar o Brasil e o EB em uma missão da magnitude do CORE foi uma honra e, ao mesmo tempo, um desafio. Uma excelente oportunidade de colher ensinamentos e difundir conhecimentos, cientes de que, talvez, essa possa ser a experiência mais próxima do combate que a vida militar venha a proporcionar ao seu segmento feminino, considerando que o Brasil não está exposto a operações reais de defesa externa na atualidade.



Fig 9 – Equipe de Saúde Operacional do Exc CORE 24

Fonte: a autora.

REFERÊNCIAS

- ABNT. **NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 5 p.
- ABNT. **NBR 6028**: resumos. Rio de Janeiro, 2003. 2 p.
- BATTISTELLI, F.** As mulheres e o militar entre antigas dificuldades e novas potencialidades. Disponível em: < http://comun.rcaap.pt/bitstream/123456789/1525/1/NeD088_FabrizioBattistelli.pdf >. Acesso em: ago 2013.
- CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS.** Resolução nº 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU).
- EXÉRCITO**, Estado-Maior do. Diretriz para o Treinamento Físico Militar do Exército e sua Avaliação. Brasília: Exército Brasileiro, 2008.
- FORTES, M., MARSON, R., MARTINEZ, E.,** Comparação de desempenho físico entre homens e mulheres – Revisão da Literatura ResearchGate, 2015 (www.researchgate.net/publication/292059664_COMPARACAO_DE_DESEMPENHO_FISICO_ENTRE_HOMENS_E_MULHERES_REVISAO_DE_LITERATURA acessado em 14/09/2024).
- SETTI, R.** Mulheres Combatentes. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/mulheres-combatentes/> >. Acesso em SET 2024.
- SOARES, J. A.** A mulher e as Forças Armadas. Igualdade de Oportunidades na Profissão Castrense. Disponível em: < http://www.aph.pt/ex_assPropFeminina14.php >. Acesso em: SET 2024.

SOBRE A AUTORA

A 2º Sargento de Saúde **SAMIRA RAYLANE DOS SANTOS ALENCAR** é a atual Auxiliar da Assessoria de Apoio para Assuntos Jurídicos da 23ª Brigada de Infantaria de Selva, sediada em Marabá, no Estado do Pará. Foi promovida à graduação de 3ª Sargento de Saúde, Técnica em Enfermagem, em 2009, pela Escola de Saúde do Exército (EsSEx). Realizou o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos, em 2019, pela Escola de Sargentos de Logística (EsSLog). Possui o curso de Bacharelado em Direito pela Universidade Maurício de Nassau, concluído em 2020, e é pós-graduanda em Direito Penal Militar e Processual Militar. Concluiu os Estágios de Atendimento Pré-Hospitalar Tático do Comando Militar do Norte, em 2021, e o Estágio de Atendimento Pré-Hospitalar Tático pela *United Nations Field Medical Assistants Course* (FMAC), em 2024. Foi Sargento de Saúde, Atendimento Pré-Hospitalar Tático, do 1º Pelotão de Fuzileiros de Selva no Exercício CORE 2024, realizado no *Joint Readiness Training Center* (JRTC). (samiraw@icloud.com).



TENENTE-CORONEL BENZI

Chefe da Seção de Lições Aprendidas da Divisão de Acompanhamento Doutrinário e Lições Aprendidas do Centro de Doutrina do Exército.

A PARTICIPAÇÃO DO CENTRO DE DOCTRINA DO EXÉRCITO NA CORE 24: CONTRIBUIÇÕES PARA A EVOLUÇÃO DA DOCTRINA MILITAR TERRESTRE

A participação do Centro de Doutrina do Exército (C Dout Ex), por meio do Oficial de Doutrina (D12), foi fundamental para a coleta de lições aprendidas (Lç Aprd) e de melhores práticas (Mlh Prat) durante a *Combined Operations and Rotations Exercises* (CORE) 24. Ao integrar a equipe responsável pela observação e pelo controle do adestramento, o D12 teve um papel crucial no processo de evolução da Doutrina Militar Terrestre (DMT), contribuindo diretamente para o aprimoramento contínuo das capacidades operacionais do Exército Brasileiro (EB).

A rotação 24-10 da CORE ocorreu no *Joint Readiness Training Center* (JRTC) localizado em Fort Johnson, na Louisiana. Este campo de treinamento, de alta complexidade, oferece cenários de combate realistas, permitindo a simulação de diversas situações operacionais. Foi neste contexto que o D12 esteve presente, atuando de forma a extrair as lições e as práticas necessárias para o desenvolvimento da DMT, com ênfase na adaptação e na resposta do EB às dinâmicas do combate contemporâneo.

O JRTC é um centro de treinamento fundamental para a certificação das tropas do Exército dos Estados Unidos da América (EEUA) e de países aliados, como o Brasil, pois seu ambiente simula de maneira precisa o caos do campo de batalha, permitindo a validação e o ajuste de doutrinas militares de forma segura e eficaz. Assim, a importância deste centro reside na sua capacidade de proporcionar um *feedback* imediato sobre as operações (Op) realizadas, algo essencial para garantir a prontidão e o sucesso das forças armadas nos cenários de combate real.

Ademais, durante a CORE 24, o D12 fez parte da Equipe de Ligação e Coordenação (ECL), que possui uma estrutura de Estado-Maior,

mas que, no contexto do exercício, atuou como Observador e Controlador do Adestramento (OCA). Em razão de sua antiguidade, o D12 integrou a equipe de OCA como Subcomandante, o que lhe garantiu acesso total à área do exercício. Essa posição privilegiada permitiu ao D12 atuar tanto na tropa brasileira quanto na norte-americana, possibilitando uma coleta abrangente e detalhada de Lç Aprd e de Mlh Prat de forma direta, sem comprometer outras funções operacionais.

O Comando de Operações Terrestres (COTER) tem no C Dout Ex o órgão gestor do Sistema de Doutrina Militar Terrestre (SIDOMT), cumprindo papel de coordenar e controlar o desenvolvimento da DMT. O C Dout Ex também gerencia a Sistemática de Acompanhamento Doutrinário e Lições Aprendidas (SADLA), que é dividida em três fases: a coleta de dados provenientes de Exc militares, Op reais e outras atividades; a análise crítica desses dados para identificar Lç Aprd ou Mlh Prat; e a difusão dessas lições dentro da Força Terrestre, garantindo que a doutrina esteja sempre atualizada e eficaz para atender aos desafios operacionais. Este ciclo permite que o EB aprenda com experiências passadas, evitando erros e otimizando suas Op futuras.



Fig 1 – Símbolo da SADLA

Fonte: COTER.

Assim, este artigo fornece uma análise do papel desempenhado pelo D12 durante a CORE 24 no JRTC, destacando suas funções, os principais desafios enfrentados, bem como as Lç Aprd e as Mlh Prat observadas. Além disso, discute como as observações feitas ao longo do Exc podem contribuir de maneira significativa para o aprimoramento da DMT.

JRTC e a CORE 24

O JRTC é uma das mais avançadas e renomadas instalações de treinamento do EEUA, especializado em preparar tropas para missões em ambientes extremamente desafiadores. No contexto da CORE 24, o JRTC forneceu um cenário altamente realista para testar a interoperabilidade entre uma Subunidade (SU) do EB, a 2ª Brigada de Combate Aeromóvel da 101ª Divisão Aerotransportada e uma tropa do Exército Mexicano.

A CORE 24 foi dividida em quatro fases:

- Concentração Estratégica (Recepção, Preparação, Movimento Contínuo e Integração): nessa fase, as tropas foram deslocadas para o Teatro de Operações (TO) e integradas ao ambiente operacional. Houve especializações, ajustes táticos, recebimento de equipamentos e a realização de Exc de integração;

- Exc de Dupla Ação: durante essa etapa, aconteceram combates simulados, nos quais as tropas demonstraram suas capacidades de manobra e de reação em tempo real contra a Força Oponente (FOROP) – O Batalhão Geronimo;

- Exc de Tiro Real: munição real foi utilizada em Op simuladas, proporcionando um ambiente extremamente realista para testar as capacidades de combate das tropas; e

- Reversão dos Meios: nessa fase, as tropas foram desmobilizadas e retornaram aos seus quartéis, encerrando o ciclo da Op.

O 509º Regimento de Infantaria, famoso por ser a primeira unidade a realizar um salto de paraquedas em combate durante a Segunda Guerra Mundial, não existe mais como regimento completo. No entanto, seu legado foi herdado pelo 1º Batalhão, que preserva a história, as tradições e os apelidos associados ao regimento. Hoje, o 1º Batalhão, sediado em Fort Johnson, desempenha um papel crucial no JRTC como FOROP, utilizando a denominação de Geronimo para manter viva a memória e o impacto histórico do antigo regimento.

Os militares norte-americanos ficaram impressionados com o desempenho da tropa brasileira. O *Staff Sgt.* Braham Douglas afirmou que os líderes da 2ª Brigada, por meio das informações trazidas pelos assessores da 1ª Brigada de Assistência às Forças de Segurança (SFAB, na sigla em inglês), notaram uma “diferença marcante na competência tática das tropas brasileiras”,



Fig 2 – Distintivo do 509º Regimento de Infantaria empregado como FOROP do JRTC

Fonte: JRTC.

que se destacaram em comparação com outros parceiros internacionais.

A integração da SU brasileira com as unidades norte-americanas foi destacada como um dos pontos altos da Op, com ênfase nas ações realizadas durante assaltos aeromóveis e Op urbanas. A SFAB é uma Brigada do EEUA que treina e assessora forças militares estrangeiras, visando construir interoperabilidade e auxiliar parceiros em tempos de competição, de crise e de conflito.

Merece destaque a homenagem prestada pelo JRTC ao Cabo Ailson Ferreira Sansão, do 52º Batalhão de Infantaria de Selva, que foi reconhecido como o “Herói do Campo de Batalha” pela sua “liderança excepcional durante a Rotação 24-10 do JRTC. Ele demonstrou excelentes capacidades de liderança, indo além de sua função e garantindo que todos os soldados sob seu comando manobrassem corretamente durante os combates. Sua atuação permitiu que suas tropas destruíssem blindados da FOROP, o que foi reconhecido como um feito que reflete o espírito guerreiro do EB e do JRTC” (tradução nossa).



Fig 3 – Diploma de *Hero of the Battlefield*

Fonte: o autor.

O PAPEL DO D12 NA OBSERVAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DA DMT DURANTE A CORE 24

O D12 teve como responsabilidade primordial, durante o Exc, observar e coletar conhecimentos relevantes para a doutrina, com foco no desempenho das tropas. Sua atuação foi essencial para identificar Lç Aprd e Mlh Prat, além de atender aos Elementos Essenciais de Interesse da Doutrina (EEID) ao longo de toda a Op. Assim, integrado à Força-Tarefa 3 (TF 3, na sigla em inglês) na função de OCA, o D12 participou ativamente do Exc, monitorando a tropa brasileira. Este acompanhamento detalhado assegurou que todas as etapas fossem rigorosamente documentadas, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento e o aprimoramento da DMT.

Apesar de a ECL possuir uma configuração de Estado-Maior, ela não desempenhou as funções típicas dessa estrutura durante o Exc. Em vez disso, a ECL limitou-se a auxiliar na ligação da SU brasileira com a tropa dos Estados Unidos, além de coordenar as atividades administrativas durante a rotação. Essa abordagem permitiu que o D12 cumprisse sua função de observação e de coleta de informações de forma mais eficiente, sem as sobrecargas das responsabilidades administrativas ou de coordenação de Estado-Maior.

APRIMORANDO A DMT: POSSÍVEIS Lç Aprd DA CORE 24

O aprendizado contínuo é fundamental para o desenvolvimento da DMT. Assim durante a CORE 24, diversas observações surgiram como possíveis Lç Aprd, definidas pela SADLA como produtos do processo de coleta e de análise dos conhecimentos de interesse da doutrina, pressupondo inovação da doutrina em vigor.

Embora não sejam as únicas lições identificadas, as observações a seguir têm o potencial de guiar melhorias na DMT, reforçando o potencial do EB de se adaptar aos desafios do campo de batalha contemporâneo:

a. a necessidade de revisão dos efetivos e dos recursos necessários para melhorar a eficiência das Seções de Metralhadora Média e de Canhão Sem Recuo é uma possível Lç Aprd. Notou-se a importância de atualizar os Quadros de Organização (QO) para incluir mais militares por peça, aumentando de dois para quatro o número de militares na guarnição das metralhadoras médias e de dois para três militares nas peças de canhão sem recuo, desta forma, melhorando a divisão das funções e a distribuição de carga e otimizando o funcionamento dessas armas;

b. a insuficiência da Seção de Comando da Companhia de Fuzileiros, para realizar o próprio apoio logístico, é outra possível Lç Aprd. Notou-se a necessidade de adicionar mais viaturas e de aumentar o efetivo com militares extras para o transporte de suprimentos, feridos e mortos,

assegurando o suporte logístico necessário durante as Op;

c. a necessidade de revisão das especificações técnicas das Viaturas de Transporte não Especializadas (VTNE) de 5 toneladas é mais uma possível Lç Aprd. Observou-se que, ao longo da evolução das VTNE utilizadas pelo EB, houve uma perda de funcionalidades cruciais para o desempenho eficiente em Op. A substituição de veículos com características militares

específicas, como torres de metralhadora e sistemas de iluminação tática, por modelos mais simples e militarizados comprometeu a capacidade de defesa e a Op noturna das tropas. Recomenda-se a atualização das especificações técnicas das viaturas de 5, 7 e 10 toneladas, incorporando novamente funcionalidades essenciais, como armamento, iluminação adaptada para Op noturnas, pontos de içamento e compartimentos para munição;



Fig 4 – Viatura Oshkosh M1085A1 MTV, sem cabine blindada

Fonte: o autor.

d. O adestramento dos motoristas na condução de seus veículos com o uso de óculos de visão noturna (OVN) é outra possível Lç Aprd. Tendo em vista que o desrespeito à disciplina de luzes e ruídos em operações noturnas resulta em baixas significativas, evidencia-se a necessidade de mitigar tal risco. Durante o Exc, todas as movimentações de viaturas foram realizadas com escurecimento total, com a utilização de OVN pelas guarnições. Vale destacar que não há previsão em documentação do EB para a condução de viaturas utilizando OVN sob condições de escurecimento total, o que demonstra a necessidade de adequações doutrinárias e instrucionais. Enquanto as operações conduzidas pelo EEUA são prioritariamente noturnas, as do EB são majoritariamente diurnas, ressaltando-se a diferença de foco operacional. Recomenda-se a revisão dos programas de instrução específicos para motoristas de viaturas blindadas e mecanizadas, com a inclusão de instruções teóricas e práticas sobre condução com OVN, visando garantir maior segurança e eficiência nas operações noturnas;

e. a necessidade de revisão das especificações técnicas das metralhadoras médias MAG é uma

possível Lç Aprd. Observou-se que o Brasil utiliza a M240 G, que apresenta limitações, como a ausência de trilho *Picatinny* para equipamentos ópticos e optrônicos, além de não possuir placas de guarda-mão ou coronha ajustável. Em contrapartida, o EEUA emprega versões mais adequadas para tropas leves, como a M240 L, que oferece melhor ergonomia e estabilidade de tiro. Recomenda-se que o EB substitua as M240 G das tropas leves pela M240 L e atualize as metralhadoras das tropas mecanizadas e blindadas, adotando a M240 B para pelotões e grupos de exploradores e a M240 L para as seções de metralhadoras dos Batalhões de Infantaria Mecanizados e Blindados, otimizando assim a eficiência e o desempenho das tropas em campo;



Fig 5 – Metralhadora MAG M 240 L

Fonte: o autor.

f. a diferença significativa entre os reparos das metralhadoras médias MAG utilizadas pelo EB e pelo EEUA é mais uma possível Lç Aprd. Constatou-se que, enquanto o EB utiliza um reparo que pesa 10,71 kg, o EEUA emprega o reparo terrestre M192, *Lightweight Ground Mount*, que pesa

apenas 5 kg. Considerando que o peso dos equipamentos é um fator crítico em Op de campo, sugere-se que o EB adote o reparo leve M192, substituindo o modelo atual. Essa mudança reduziria o peso carregado pelas tropas, aumentando sua mobilidade e eficiência no uso do armamento;



Fig 6 – Reparo M192, *Lightweight Ground Mount*

Fonte: o autor.

g. a adoção de veículos leves, como o *Infantry Squad Vehicle* (ISV, na sigla em inglês), ou Veículo de Grupo de Combate, para tropas de reconhecimento e aeromóveis pelo EEUA, é outra possível Lç Aprd. Observou-se que o ISV se destaca por sua agilidade e versatilidade em terrenos difíceis, sendo uma solução eficiente para o transporte rápido de militares, especialmente em situações em que a velocidade e a capacidade de manobra são essenciais, como em missões de infiltração e exfiltração. A possibilidade

de ser transportado por helicópteros e aviões aumenta significativamente a flexibilidade das Op , proporcionando às tropas aeromóveis e de reconhecimento maior capacidade de resposta em cenários dinâmicos e adversos. O EB desenvolveu, em consórcio com a Argentina, o Veículo Leve de Emprego Geral Aerotransportado (VLEGA) Gaúcho. Posteriormente, também desenvolveu, desta vez sozinho, o VLEGA Chivunk, com características similares ao Gaúcho. Apesar de serem aerotransportadas, o conceito dessas



Fig 7 – *Infantry Squad Vehicle* (ISV)

Fonte: CComSEx.

viaturas é diferente do ISV, pois elas não têm capacidade para transportar um Grupo de Combate (9 homens), limitadas ao transporte de 3 a 4 militares. Além disso, estas viaturas não possuem a modularidade característica do ISV, que possibilita maior flexibilidade operacional. A comparação destaca a importância de considerar plataformas modulares e com maior capacidade de transporte para atender às necessidades das tropas de reconhecimento e aeromóveis, de modo a ampliar as possibilidades de emprego e a eficiência nas operações;

h. a revisão do Plano de Equipamentos Específicos dos Batalhões de Inteligência Militar (BIM) é uma possível Lç Aprd. Observou-se que o uso de viaturas blindadas e fechadas compromete a consciência situacional dos militares em Op de reconhecimento. Em contrapartida, veículos como o ISV, abertos e sem blindagem, proporcionam maior visibilidade e percepção do ambiente externo, superando modelos como o *Joint Light Tactical Vehicle* (JLTV, na sigla em inglês)¹ e o *High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle* (HMMWV, na sigla em inglês)², que possuem blindagem leve. Recomenda-se, com base nesta experiência, a atualização do plano de equipamentos desses pelotões, substituindo as viaturas blindadas por modelos abertos e sem blindagem, que melhor atendam às necessidades de reconhecimento e inteligência;

i. o procedimento adotado nos Postos de Comando (PC) norte-americanos, que combinam alta mobilidade com integração tecnológica, é mais uma possível Lç Aprd. Observou-se que os norte-americanos utilizam viaturas de comando que mantêm as células de Op, inteligência e logística em funcionamento contínuo, tanto estacionadas quanto em movimento, garantindo flexibilidade, segurança e comunicação constante. Uma prática notável foi o protocolo “Atenção ao PC!”, quando todos interrompem suas atividades, repetem o comando e aguardam a leitura da mensagem, seguida de sua repetição em voz alta pelo interessado direto, assegurando que todos estejam informados simultaneamente. Recomenda-se que os PC brasileiros adotem essa estrutura móvel e integrada, com viaturas que proporcionem maior versatilidade para Op em deslocamento, além de incorporem práticas, como o “Atenção ao PC”, para melhorar a comunicação interna e a atualização constante das Op; e

j. a necessidade de equipar o Esquadrão de Cavalaria Aeromóvel (Esqd C Amv) com meios compatíveis ao emprego aeromóvel é outra possível Lç Aprd. Observou-se, durante a CORE 24, que o uso de veículos leves e multifuncionais, como o ISV, permite o transporte rápido das

tropas e proporciona maior flexibilidade em missões de segurança, reconhecimento e ataque. A integração de tecnologias como mísseis TOW, Stinger (antiaéreos), drones de reconhecimento e ataque, além de recursos de guerra eletrônica, demonstrou ser uma solução eficiente, oferecendo maior segurança e eficácia aos combatentes. A redução de efetivo, compensada pelo aumento da tecnologia, maximiza o poder relativo de combate, reforçando a necessidade de modernizar os esquadrões aeromóveis com equipamentos e capacidades alinhados às exigências do combate contemporâneo.

Mlh Prat DO Exc CORE 24: SOLUÇÕES QUE FORTALECEM A DMT

Após a análise das Lç Aprd, é essencial destacar as Mlh Prat observadas durante o Exc.

De acordo com a SADLA, essas práticas consistem em técnicas, procedimentos ou metodologias reconhecidas como as mais eficazes em situações específicas. Entre as diversas observações feitas durante o Exc CORE 24 algumas se destacam por seu impacto direto na segurança, organização e eficiência das tropas. Essas práticas oferecem lições valiosas que podem ser incorporadas à DMT, promovendo melhorias significativas em Op futuras, a saber:

a. o uso de fita de balizamento branca para delimitar áreas para pernoite de militares ou onde há material sensível é uma Mlh Prat. Observou-se que esta medida minimiza o risco de acidentes, como atropelamentos, especialmente em ambientes com baixa visibilidade. A utilização de balizamento adequado em zonas operacionais contribui para aumentar a segurança e a organização, garantindo que áreas críticas sejam protegidas sem comprometer a mobilidade das tropas ou a integridade de materiais sensíveis;



Fig 8 – Fita de balizamento branca

Fonte: o autor.

¹Veículo multifuncional desenvolvido para substituir parte da frota de Humvees do EEUA e do Corpo de Fuzileiros Navais.

²Veículo utilitário militar desenvolvido pela AM General para oferecer alta mobilidade e versatilidade às forças armadas dos Estados Unidos.

b. a prática de transportar gelo e lençóis nas viaturas dos OCA durante Exc de simulação é outra Mlh Prat. Observou-se que essa medida preventiva é essencial para evitar baixas causadas por distúrbios do calor, como a hipertermia. Os lençóis, mantidos dentro de caixas térmicas de gelo (*coolers*), permaneciam molhados e gelados, sendo utilizados para proporcionar alívio imediato aos militares afetados pelo calor extremo. Esta preparação, especialmente em Op onde as condições ambientais podem ser severas, ajuda a preservar a saúde e a segurança dos soldados, oferecendo uma solução prática e eficaz para emergências relacionadas ao calor excessivo; e

c. a progressão noturna das viaturas com escurecimento total, utilizando OVN pelos motoristas, é uma Mlh Prat. Notou-se que essa técnica é essencial para Op militares em ambientes de baixa visibilidade, permitindo que as viaturas movam-se de forma discreta, mesmo nas condições mais desafiadoras de baixa luminosidade. O uso dos OVN proporciona uma visão clara do terreno e dos obstáculos sem depender de iluminação externa, dificultando a detecção pelo inimigo e eliminando a necessidade de luzes visíveis, como faróis. Além disso, a utilização dos OVN aumenta a segurança operacional, garantindo maior mobilidade e reduzindo a exposição desnecessária das tropas. Esta prática, amplamente adotada por exércitos ao redor do mundo, oferece uma vantagem estratégica crucial em missões noturnas, maximizando a eficiência das viaturas e a proteção das forças em campo.

Cabe destacar que as Lç Aprd e as Mlh Prat discutidas neste artigo representam apenas uma fração dos conhecimentos obtidos durante a CORE 24. Estas observações, que abrangem aspectos táticos, logísticos e tecnológicos, reforçam a relevância da atuação do D12 na missão. A sistemática de coleta e de análise destas informações são fundamentais para o aprimoramento contínuo da DMT, assegurando que as tropas estejam, cada vez mais, preparadas e capacitadas para enfrentar os desafios do cenário contemporâneo, com desempenho otimizado em Op futuras.

RESPOSTA AOS ELEMENTOS ESSENCIAIS DE INTERESSE DA DOCTRINA (EEID)

Além da coleta de Lç Aprd e de Mlh Prat, outra função desempenhada pelo D12 foi responder os EEID, que são questionamentos feitos antes da Op com o intuito de identificar

áreas da doutrina militar brasileira que possam ser aprimoradas. Neste contexto, as respostas dadas pelo D12 ajudaram a propor ajustes que maximizassem a eficácia operacional das tropas.

O documento continha 80 perguntas doutrinárias, abrangendo uma ampla gama de tópicos relacionados à CORE 24. Tais questionamentos cobriam aspectos técnicos e táticos, como a organização das unidades, o uso de tecnologias, treinamentos e a execução de técnicas, táticas e procedimentos. Sendo assim, o D12 conseguiu responder a todas as questões propostas, abordando cada ponto em detalhes, o que permitiu que os EEID fossem revisados e melhorados com base em dados concretos obtidos nas Op. Isto proporcionou uma avaliação abrangente do desempenho e dos processos, destacando áreas que precisavam de ajustes para melhorar a eficiência operacional em futuras missões.

CURSO DE OBSERVADOR E CONTROLADOR DO ADESTRAMENTO

O curso de OCA do EEUA é uma formação especializada para militares que desempenham funções cruciais de observação, de controle e de treinamento de tropas durante Exc táticos. O objetivo principal do curso é preparar os participantes para observar Op em tempo real, fornecer *feedback* construtivo e garantir que as unidades operem de acordo com as doutrinas militares estabelecidas, melhorando, assim, a eficácia e prontidão operacionais.

Durante o curso, os militares aprendem a conduzir Análise Pós-Ação (APA), no contexto do EB. Estas revisões pós-ação têm como objetivo identificar os pontos fortes e as áreas que necessitam de melhorias. O curso, também, inclui treinamento sobre a aplicação prática da doutrina militar em cenários reais, com Exc práticos em campo. Os participantes são desafiados a aplicar os conhecimentos adquiridos, observando e controlando as tropas durante manobras táticas.

A CORE 24 representou um marco inédito, pois foi a primeira vez que militares brasileiros atuaram como OCA durante exercícios táticos no JRTC. Até então, nas operações anteriores, como a Culminating e a CORE 22, os OCA brasileiros atuaram apenas como acompanhantes (“sombas”) dos OCA norte-americanos. Sem exercer plenamente a função de observadores e controladores do adestramento, pois não possuíam autonomia para tomar decisões ou emitir *feedback* direto.

Na CORE 24, essa dinâmica foi significativamente alterada. Pela primeira vez, os brasileiros integraram efetivamente a estrutura de OCA, muitas vezes desempenhando suas funções de forma autônoma, sem a presença ou supervisão de norte-americanos. Essa participação ativa incluiu o acompanhamento das

tropas do EB e do EEUA, oferecendo *feedback* em tempo real e corrigindo falhas táticas diretamente no Box³. Essa autonomia permitiu aos OCA brasileiros uma experiência mais aprofundada e um aprendizado mais significativo, consolidando sua capacidade de operar em conformidade com padrões de excelência internacionais.



Fig 9 – Militares brasileiros recebendo certificado de participação como OCA na Rotação 24 – 10
Fonte: o autor.

Além de aprender com os instrutores norte-americanos, os brasileiros aplicaram a doutrina militar em um contexto prático, observando diretamente as técnicas, as táticas e os procedimentos adotados pelas tropas durante os combates simulados. Este envolvimento direto, como OCA, permitiu uma troca mais profunda de conhecimentos e de práticas, o que reforçou a interoperabilidade entre os dois exércitos. A atuação dos militares brasileiros foi elogiada pelos oficiais norte-americanos, especialmente pelo profissionalismo e pela capacidade de adaptação às exigências do treinamento.

Durante a CORE 24, houve uma mudança significativa no papel do Oficial de Doutrina, o que impactou profundamente o acompanhamento do Exc. Em rotações anteriores, o D12 fazia parte apenas da ECL e não tinha permissão para entrar no Box e acompanhar diretamente as tropas. Dependia, então, que as tropas e os OCA trouxessem as informações ao final do Exc. No entanto, nesta rotação, o D12 participou do curso de OCA, fato que permitiu a presença no Box durante todo o Exc.

Essa mudança foi fundamental, pois o D12 pôde observar as tropas em campo, acompanhar as operações de perto e fornecer *feedback* em tempo real.

CONCLUSÃO

O papel desempenhado pelo D12 durante a CORE 24 foi essencial para observar detalhadamente as Op e coletar dados importantes sobre as Mlh Prat e as Lç Aprd. Este trabalho permitiu um refinamento significativo das práticas operacionais, destacando a importância da interoperabilidade entre as forças armadas, da modernização de equipamentos e da adaptação das táticas diante dos desafios contemporâneos.

Ademais, a participação do D12 como OCA foi fundamental, pois ele pôde acompanhar as tropas em campo, observar as Op de perto e fornecer *feedback* em tempo real. A presença do D12, no Box, maximizou a coleta de informações doutrinárias e reduziu a dependência de informações trazidas por outros observadores, o que contribuiu diretamente para a evolução da Doutrina Militar Terrestre.

³Área fechada e monitorada do JRTC onde o Exc ocorre de forma controlada.

As contribuições do D12 para a evolução doutrinária não se limitaram apenas à CORE 24, mas também ajudaram a desenvolver uma visão mais ampla, que valoriza tanto a eficiência quanto a segurança das tropas em campo. O *feedback* imediato e as recomendações feitas ao final do Exc forneceram uma base sólida para futuras revisões doutrinárias e para o planejamento de novas Op combinadas com exércitos estrangeiros.

Em resumo, a CORE 24 foi muito mais que um Exc militar bilateral; representou um marco na colaboração entre o Brasil e os Estados Unidos. A atuação do C Dout Ex demonstrou a importância de adaptar e evoluir continuamente em um cenário de guerra moderno, quando as Mlh Prat e as Lç Aprd são essenciais para o sucesso em missões futuras. O Exc abriu caminho para uma doutrina militar mais robusta, eficaz e preparada para enfrentar os desafios que ainda estão por vir.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Instrução Reguladora do Sistema de Acompanhamento Doutrinário e Lições Aprendidas**. EB70-IR-10.007. 3.ed. Brasília, DF: COTER, 2017.
- BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Sistemática de Acompanhamento Doutrinário e Lições Aprendidas**. Disponível em: <https://licoessaprendidas.eb.mil.br/>. Acesso em: 19 out. 2024.
- DEFCONPress. **Brazilian troops start Operation CORE 24 in the United States**. Disponível em: <https://defconpress.com>. Acesso em: 18 out. 2024.
- DOUGLAS, B. Staff Sgt. Declarações sobre o desempenho das tropas brasileiras no CORE 24. Joint Readiness Training Center (JRTC), Fort Johnson, Louisiana, 2024.
- JBSA News. **Brazilian Army leadership lauds opportunity to train with U.S. Army at JRTC**. Disponível em: <https://www.jbsa.mil>. Acesso em: 18 out. 2024.
- TOTAL MILITARY INSIGHT. **Simulation vs. real combat: evaluating effectiveness and impact**. Disponível em: <https://www.totalmilitaryinsight.com/simulation-vs-real-combat/>. Acesso em: 17 out. 2024.
- USA, UNITED STATES ARMY. **Groundbreaking army training tech simulates realistic environment**. 2024. Disponível em: https://www.army.mil/article/groundbreaking_army_training_tech_simulates_realistic_environment. Acesso em: 17 out. 2024.
- USA, UNITED STATES ARMY. **Joint Readiness Training Center prepares soldiers for complex combat operations**. Disponível em: <https://www.army.mil/jrtc/>. Acesso em: 17 out. 2024.
- WALRATH, J. Maj. Gen. **Declarações sobre a parceria entre os Exércitos dos EUA e do Brasil**. *Diálogo Américas*, 2024. Disponível em: <https://dialogo-americas.com>. Acesso em: 15 out. 2024.

SOBRE O AUTOR

O Tenente-Coronel de Cavalaria ODILSON DE MELLO BENZI é Oficial do Centro de Doutrina do Exército. Foi declarado Aspirante a Oficial pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2001. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 2011. Realizou os cursos de Observador Aéreo em 2006, Operador de VBC CC e *Master Gunner de Leopard 1A5 BR* em 2012, Operador de VBTP MSR GUARANI em 2014 e o Estágio de Operações Aeromóveis em 2007. Na Força Aérea Brasileira, realizou o Curso de Busca e Salvamento (SAR) em 2007, e o Curso Básico de Reconhecimento em 2008. Na ONU, realizou o curso de Coordenação de Ação Cívico-Militar (CIMIC) em 2010. No Exército dos EUA, realizou os cursos de Observador, Coordenador e Treinador (OCT) e de Assalto Aéreo em 2024. Integrou o 13º Contingente Brasileiro na MINUSTAH em 2010. No biênio 2007 e 2008, foi instrutor do Curso de Observador Aéreo e, no biênio 2012 e 2013, instrutor do Centro de Instrução de Blizados. Foi Comandante de Subunidade, Oficial de Inteligência e de Operações em OM das FORPRON de 2014 a 2018. Foi Oficial de Doutrina (D12) da *Operação Culminating*, no JRTC, em Fort Johnson. (benzi.odilson@eb.mil.br).



MAJOR SHOJI

Oficial Formulador Doutrinário do
Centro de Doutrina do Exército.

OPERAÇÃO CORE: JANELA DE OPORTUNIDADE PARA O FORTALECIMENTO DA FORÇA TERRESTRE

As relações de diplomacia militar entre Brasil e Estados Unidos têm raízes sólidas, com marcos históricos relevantes desde a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil enviou a Força Expedicionária Brasileira para combater ao lado do V Exército norte-americano na Itália. Essa parceria inicial estabeleceu as bases para uma cooperação que, ao longo das décadas, evoluiu para atender às demandas estratégicas de segurança tanto regional quanto global.

No século XXI, essa aliança foi fortalecida por novos acordos de defesa, impulsionando a troca de tecnologias e a realização de exercícios (Exc) combinados. Entre esses, destaca-se o *Combined Operation and Rotation Exercise* (CORE), iniciado em 2021, cujo objetivo é aprimorar a interoperabilidade e a prontidão das forças armadas de ambos os países. Mais do que um Exc, a Operação (Op) CORE representa um marco na modernização da Doutrina Militar Terrestre (DMT) brasileira, contribuindo para a adaptação a cenários de Op de multidomínio e ao emprego de tecnologias avançadas.

Neste artigo, será analisado como a Op CORE transcende o campo operacional, promovendo inovações doutrinárias e estabelecendo um caminho estratégico para fortalecer a capacidade de integração e resposta do Exército Brasileiro (EB) às demandas do campo de batalha contemporâneo.

OS PRIMEIROS PASSOS

Entre 2013 e 2021, o EB e o Exército Sul dos EUA desenvolveram uma ampla parceria, consolidada pelo “Plano de 5 anos”, idealizado durante a XXIX Conferência Bilateral de Estado-Maior (CBEM) em 2013 e aprovado na XXXI CBEM em 2015. Neste mesmo ano, o Decreto nº 8.609 promulgou o Acordo de Cooperação em Matéria de Defesa, reforçando o compromisso bilateral com treinamentos e Exc conjuntos.

O planejamento avançou com reuniões multissetoriais, destacando-se a criação do Grupo de Trabalho Op *Culminating*, com foco em treinamento, logística e interoperabilidade.

Após intensas etapas preparatórias, que incluíram visitas ao *Joint Readiness Training Center* (JRTC) e aprovação da participação de tropas brasileiras pela FORSCOM em 2018, o Exc *Culminating* ocorreu de janeiro a fevereiro de 2021, no JRTC, com 210 militares brasileiros. A atividade testou a prontidão e a interoperabilidade da tropa brasileira com a 82ª Divisão Aerotransportada dos EUA, culminando com o desfecho do exitoso Plano de 5 anos, mesmo diante dos desafios impostos pela pandemia da COVID-19.

OP CORE 2021

A primeira edição da Op CORE ocorreu no Brasil, em novembro de 2021, na região do Vale do Paraíba. O treinamento envolveu o 5º Batalhão de Infantaria Leve (5º BIL), pertencente à 12ª Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel, e uma subunidade (SU) do Exército dos Estados Unidos (EEUA), representada por elementos da 101ª Divisão Aerotransportada (101st ABN DIV, na sigla em inglês).

As atividades desenvolvidas durante a CORE 2021 focaram em manobras ofensivas em um ambiente de combate convencional. O uso de aeronaves teve destaque, incluindo o KC-390 Millennium da Força Aérea Brasileira, empregado nos saltos de paraquedistas, além de aeronaves de asa rotativa utilizadas em Op de transporte e apoio aéreo.

Em termos tecnológicos, Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas (SARP) foram utilizados para reconhecimento aéreo, enquanto sistemas avançados de comunicação, como o Harris Falcon III, proporcionaram maior segurança nas transmissões.

Entre os materiais militares testados, destacaram-se:

- o sistema de controle de fogo automatizado para apoio de artilharia, avaliado pelas tropas brasileiras e norte-americanas;
- o conjunto do combatente individual do projeto COBRA;
- a metralhadora MINIMI;
- o binóculo de visão noturna NYX;
- o capacete ACH HC (*High Cut*); e
- o coturno na cor *coyote*.

As lições aprendidas dessa edição envolveram, sobretudo, a integração tática

entre as forças e o uso de sistemas de comando e controle (C²) interoperáveis, destacando-se como pilares para aprimorar a coordenação e a eficiência em futuras Op combinadas.

OP CORE 2022

A edição de 2022 da Op CORE foi realizada nos Estados Unidos, no *Joint Readiness Training Center* (JRTC), no estado de Louisiana, marcando mais uma vez a presença das tropas brasileiras em solo norte-americano no contexto desta parceria. O preparo e o treinamento para Exc envolveram uma SU do 5º BIL, enquanto EEUA foi representado pelo 2º Batalhão do 506º Regimento de Infantaria, integrante da 101st ABN DIV.

As atividades focaram principalmente no assalto aeromóvel, seguido pela manutenção do terreno conquistado e prosseguimento para nova ofensiva. As tropas foram treinadas em combates urbanos e Op em áreas densamente povoadas. O emprego de aeronaves foi ampliado, destacando-se a utilização dos helicópteros *Black Hawk* e *Chinook* para transporte de tropas e Op de evacuação. Em termos tecnológicos, a edição de 2022 apresentou um aumento significativo no uso de óculos de visão noturna (OVN), proporcionando maior imersão das tropas brasileiras no contexto da guerra moderna. Além disso, novos coletes balísticos, mais leves, foram testados para melhorar a mobilidade das tropas.

As lições aprendidas concentraram-se no combate em áreas urbanas e na utilização de inteligência em tempo real para a tomada de decisões rápidas e precisas, fortalecendo a capacidade operacional das forças envolvidas.

OP CORE 2023

A Op CORE 2023 foi realizada no Brasil, com o preparo das tropas ocorrendo no Comando Militar do Norte, mais especificamente do 52º Batalhão de Infantaria de Selva (52º BIS), pertencente à 23ª Brigada de Infantaria de Selva, em Marabá-PA, e de uma SU norte-americana da 101st ABN DIV.

O tipo de combate desenvolvido foi predominantemente ofensivo, com ações de infiltração em selva, assalto a posições inimigas e defesa de localidades. O emprego de aeronaves foi essencial, com helicópteros *Pantera* e *Jaguar* sendo utilizados para infiltrações noturnas e para fornecer apoio aéreo aproximado durante as ofensivas.

No campo tecnológico, destacou-se o amplo uso de SARP de categoria 0, equipados com

câmeras térmicas para reconhecimento em condições de baixa visibilidade. Somando-se a isso, sistemas de comunicação criptografados foram empregados para evitar interferências eletrônicas. Materiais militares modernos, como capacetes equipados com sistemas de integração de comunicação, foram testados com o objetivo de aprimorar a consciência situacional dos soldados.

As lições aprendidas concentraram-se nos desafios de operar em ambientes de selva, caracterizados por mobilidade reduzida. Entretanto, a importância do apoio aéreo e do uso de SARP foi amplamente validada, destacando-se como recursos indispensáveis para Op neste tipo de ambiente.

OP CORE 2024

A edição de 2024 da Op CORE foi realizada novamente no JRTC, envolvendo basicamente as mesmas tropas do 52º BIS e da 101st ABN DIV do ano anterior.

As atividades desta edição abrangeram manobras ofensivas e defensivas, com foco em combate em ambientes urbanos e em áreas de selva. Os meios aéreos empregados incluíram helicópteros *Black Hawk* e *Chinook*, além de SARP em missões de reconhecimento e ataque de precisão.

Um dos pontos de destaque, com foco em estímulo à inovação, foi a aplicação do conceito do *Large Scale-Long Range Air Assault* (L2A2) ou Assalto Aéreo de Longo Alcance e Larga Escala (tradução nossa); o emprego do *Mobile Brigade Combat Team* (MBCT) ou Brigada de Combate Móvel (tradução nossa); e das *Infantry Squad Vehicle* (ISV) ou Viaturas de Grupo de Combate (tradução nossa) (AUSA, 2024).

O uso de tecnologias avançadas foi ainda mais significativo em comparação às edições anteriores, com a introdução de materiais mais leves, compactos e mais resistentes, projetados para proporcionar maior mobilidade e eficiência em todos os níveis.

As lições aprendidas nesta edição reforçaram a necessidade de uma maior integração entre os diferentes ramos das Forças Armadas, especialmente em Op conjuntas de alta complexidade. Adicionalmente, destacaram-se a importância da centralização de meios, a redução de estruturas e o emprego de aparatos digitais em todos os escalões, como fatores cruciais para o sucesso em cenários operacionais contemporâneos.

IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA DOCTRINA MILITAR TERRESTRE

A Op CORE tem sido crucial para o desenvolvimento da DMT brasileira, promovendo a incorporação de novas tecnologias e a adaptação às Op no multidomínio. O intercâmbio com o EEUA possibilitou avanços significativos, como o uso de SARP, sistemas de controle de fogo automatizados e comunicações criptografadas, modernizando as capacidades operacionais e aprimorando a eficiência tática da Força Terrestre (F Ter).

A integração de sistemas de Comando e Controle, aliada à revisão sistemática de processos e aprimoramentos logísticos, elevou a coordenação e a autonomia das tropas. Adaptações em equipamentos, como coletes balísticos mais leves, também melhoraram a mobilidade e o desempenho dos soldados.

Com previsão de continuidade até 2028, as Op CORE têm funcionado como um laboratório para a validação e o desenvolvimento de materiais, de novas táticas e de procedimentos, fortalecendo a interoperabilidade e promovendo a modernização contínua da DMT. Esse legado prepara o EB para enfrentar os desafios futuros, especialmente em ambientes urbanos e em cenários de guerra tecnológica.

UMA VISÃO DE FUTURO PARA AS OPERAÇÕES CORE

As Op CORE têm o potencial de consolidar-se como uma plataforma estratégica de experimentação doutrinária, permitindo à F Ter testar e validar novas capacidades operacionais em um ambiente controlado e integrado. Esta característica posiciona a CORE como um laboratório essencial para a adaptação e inovação militar, capacitando o EB a enfrentar os desafios de um campo de batalha em constante evolução.

A médio prazo, a ampliação do escopo das Op CORE poderá incluir intercâmbios em áreas de crescente relevância estratégica, como guerra eletrônica, cibernética, operações de informação (Op Info) e assuntos civis. Capacidades como comunicação social, defesa do litoral, defesa antiaérea, artilharia e engenharia também poderão ser incorporadas às manobras, proporcionando uma visão mais ampla e integrada das funções de combate. Essas inclusões não apenas diversificarão o treinamento combinado, mas também oferecerão oportunidades para a modernização da DMT, ao permitir a integração de diferentes capacidades operacionais em um mesmo Exc.

Além disso, o modelo da CORE possui o potencial de expandir seu alcance para além da parceria com os Estados Unidos, engajando forças armadas de países com experiência em conflitos recentes. Nações que enfrentaram desafios em guerras convencionais, híbridas ou assimétricas possuem lições valiosas que podem acelerar a evolução da F Ter. Essa expansão estratégica fortalecerá a interoperabilidade multinacional e proporcionará uma perspectiva mais ampla sobre as melhores práticas em cenários de combate moderno.

A exploração de atividades combinadas com outras forças pode abrir novas frentes de cooperação em tecnologia e inovação, com destaque para o uso de inteligência artificial, drones e sistemas de C² interoperáveis. A integração dessas capacidades permitiria ao Brasil desenvolver forças-tarefa combinadas altamente especializadas, prontas para operar em cenários de Op no multidomínio. Essas forças poderiam ser empregadas em missões de alta complexidade, como combate em áreas urbanas, defesa de infraestruturas críticas e Op de estabilização.

A longo prazo, as Op CORE podem desempenhar uma função crucial na redefinição do papel do Brasil no cenário militar internacional, contribuindo para o fortalecimento de parcerias estratégicas e para a criação de uma rede de aliados capacitados a responder coletivamente a crises regionais e globais. A participação em Exc com forças de diferentes culturas e doutrinas militares também fomentará a troca de experiências e a construção de confiança mútua, elementos fundamentais para o sucesso em Op combinadas.

Por fim, ao expandir e diversificar as Op CORE, o Brasil pavimentará o caminho para uma modernização abrangente de sua F Ter, alinhando-se às melhores práticas globais e fortalecendo sua capacidade de dissuasão e projeção de poder. Este modelo de cooperação e experimentação contínua permitirá à F Ter não apenas se adaptar às demandas do campo de batalha contemporâneo, mas também liderar iniciativas regionais e globais de segurança e defesa, consolidando sua posição como uma força inovadora e integrada no contexto internacional.

CONCLUSÃO

As Op CORE emergem como uma janela de oportunidade para a modernização e evolução da F Ter, estabelecendo-se como um modelo de cooperação militar que transcende o

treinamento tático. Mais do que um Exército anual, a CORE atua como um catalisador de inovação doutrinária e tecnológica, proporcionando um ambiente controlado para testar, validar e adaptar capacidades essenciais à guerra moderna.

À medida que os desafios do campo de batalha evoluem para cenários de Op no multidomínio, a continuidade e a expansão da CORE tornam-se fundamentais para preparar o EB para conflitos de alta complexidade. A incorporação de novas áreas de intercâmbio, como guerra cibernética, guerra eletrônica, Op Info e defesa antiaérea, não apenas diversificará os treinamentos, como fortalecerá a interoperabilidade e a integração entre forças amigas.

No longo prazo, a CORE oferece uma base estratégica para ampliar parcerias com

nações que possuem experiência recente em conflitos modernos, acelerando a curva de aprendizado da F Ter. Ao integrar práticas e tecnologias globais, o Brasil poderá consolidar seu papel como um ator relevante no cenário de segurança internacional, contribuindo para a formação de uma rede de aliados capacitados e prontos para responder a crises regionais e globais.

Portanto, a continuidade das Op CORE representa mais do que uma estratégia de treinamento combinado: reflete o compromisso do Brasil em buscar excelência operacional e fortalecer sua capacidade de dissuasão. À proporção que a CORE evolui, ela se afirma como um exemplo de como a cooperação internacional pode servir como pilar para a inovação, modernização e preparação da F Ter diante dos desafios do século XXI.

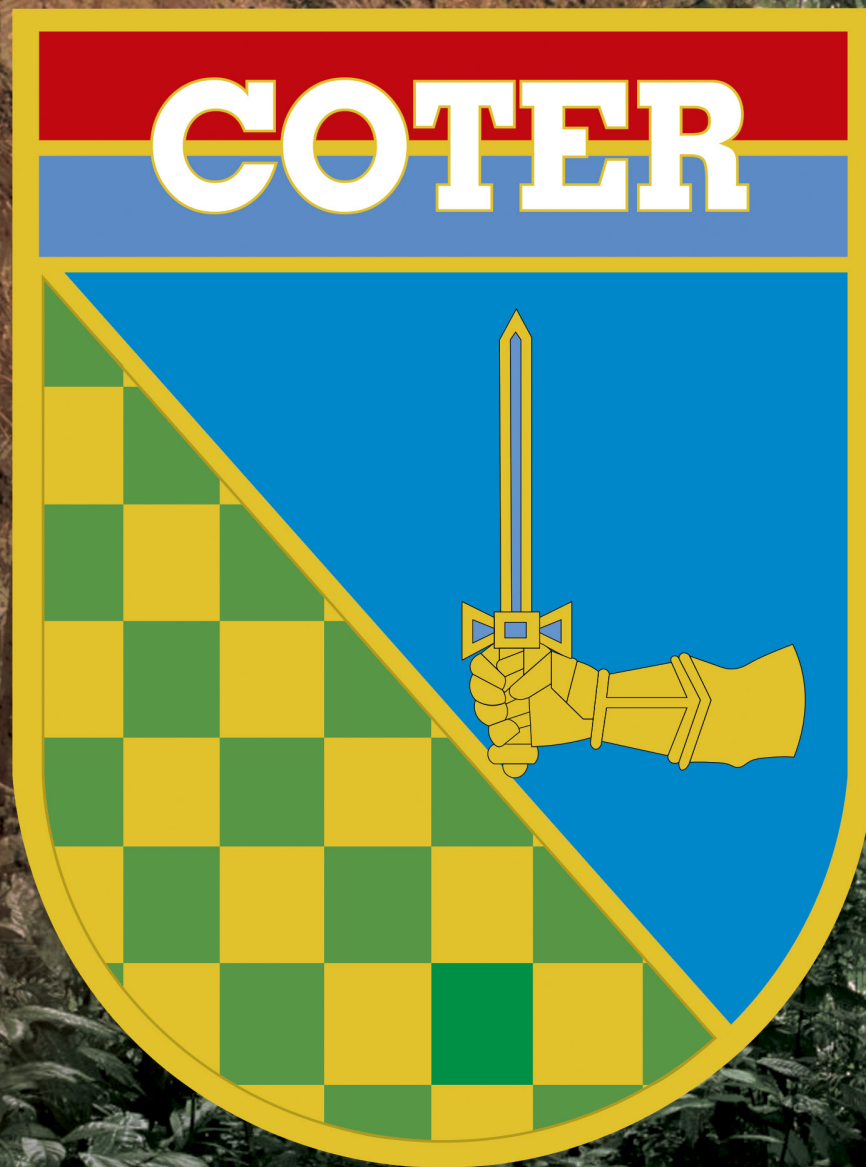
REFERÊNCIAS

- AUSA. *Army's First Mobile Brigade Combat Team Prepares for JRTC*. Disponível em <https://www.ausa.org/news/armys-first-mobile-brigade-combat-team-prepares-jrtc>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL. **CORE2021**. Vídeo oficial. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V2yDZ7ECof0>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL. **CORE 2022**. Vídeo oficial. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QWRChlHVxPA>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL. **CORE2023**. Vídeo oficial. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ST2PaOhToZ4>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL. **CORE2024**. Vídeo oficial. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sINSO7YE5lc>. Acesso em: 20 out. 2024.
- FERREIRA, O. *Relações Brasil-Estados Unidos: Segurança e Diplomacia no Contexto do Pós-Guerra Fria*. Brasília: FUNAG, 2007.
- HARRIS, R. *Brazil and the EUA: Convergence and Divergence*. Athens: University of Georgia Press, 2002.
- MAGALHÃES, Rodrigo. **Os Exercícios CORE e a preparação da 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel): principais ações realizadas e seus reflexos**. Blog do Exército, 2022. Disponível em: https://eblog.eb.mil.br/w/os-exercicios-core-e-a-preparacao-da-12-brigada-de-infantaria-leve-aeromovel-principais-acoes-realizadas-e-seus-reflexos?p_l_back_url=%2Fsearch%3Fq%3DCORE&p_l_back_url_title=Search. Acesso em: 20 out. 2024.
- McCANN, Frank D. *Brazil and the United States during World War II and Its Aftermath*. New York: Springer, 2007.
- MOTA, Dardano do Nascimento. **Operação CORE: Um importante capítulo da relação Brasil-EUA**. Blog do Exército, 2022. Disponível em: <https://eblog.eb.mil.br/w/operacao-core-um-importante-capitulo-da-relacao-brasil-eua>. Acesso em: 20 out. 2024.

SOBRE O AUTOR

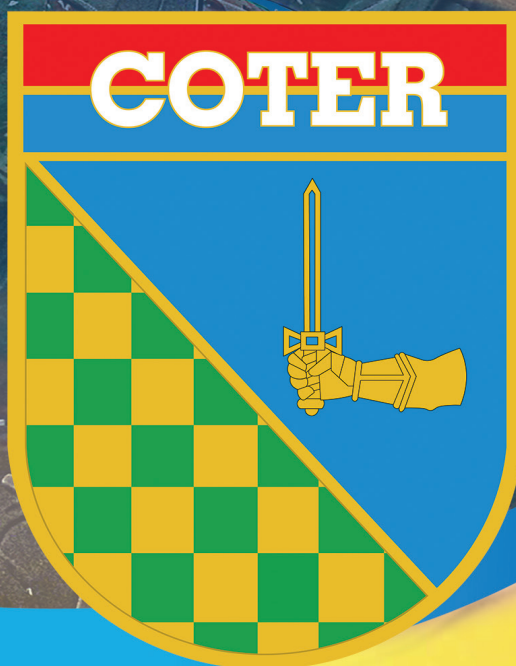
O Major de Infantaria ALEXANDRE SHOJI é Formulador de Doutrina do Centro de Doutrina do Exército. Foi declarado Aspirante a Oficial em 2004, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Coursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 2013. No biênio 2020-2021, frequentou o Curso de Comando e Estado-Maior da ECEME. Possui curso de Especialista em Missão de Paz pelo Centro Conjunto de Operações de Paz do Chile (CECOPAC/2015) e curso de Observador Militar pelo CCOPAB/2016. Compôs o 6º Contingente Brasileiro de Força no Paz no Haiti em 2006/2007. Foi instrutor e Chefe da Seção CIMIC no Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB) em 2011/2012. Foi observador militar na Missão das Nações Unidas para Estabilização da República Centro Africana, atuando como Oficial de Informações, Operações e CIMIC em Team Site e na Célula de Coordenação de Observadores Militares do Quartel General em 2016/2017. Em 2022, atuou como mentor CIMIC na Operação Viking 22 e foi painelistas sobre Desarmamento, Desmobilização e Reintegração no 2º Simpósio de Assuntos Cíveis do EB. No biênio 2022-2023, foi relator do tema e coordenador da direção do exercício na Operação Paraná III, 1ª e 2ª fases. (shoji.alexandre@eb.mil.br).

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES



A VITÓRIA TERRESTRE COMEÇA AQUI!

ACEITE O DESAFIO DE ESCREVER!



Colabore com o desenvolvimento doutrinário.
Envie sua proposta de artigo para revistadmt@coter.eb.mil.br

A DOUTRINA DO EXÉRCITO VALORIZA SUA OPINIÃO!